UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Doutorado em Psicologia

Rebeca da Rocha Grangeiro

O TRABALHO DO ARTESÃO DO CARIRI CEARENSE: sua história, práticas e significados da atividade profissional.

Salvador

2015

REBECA DA ROCHA GRANGEIRO

O TRABALHO DO ARTESÃO DO CARIRI CEARENSE: sua história, práticas e significados da atividade profissional.

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Virgílio B. Bastos

Salvador

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

REBECA DA ROCHA GRANGEIRO

O TRABALHO DO ARTESÃO DO CARIRI CEARENSE: sua história, práticas e significados da atividade profissional.

COMISSÃO EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr Antonio Virgílio B. Bastos – Orientador
Universidade Federal da Bahia.

_____

Prof. Dr. Antonio Caubi R. Tupinambá
Universidade Federal do Ceará.

_____

Profa. Dra Janice Aparecida Janissek
Universidade Federal da Bahia.

_____

Prof. Dr. Pedro F. Bendassolli
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

_____

Prof. Dr. Adriano de Lemos A. Peixoto
Universidade Federal da Bahia.

Salvador, julho de 2015

Aos trabalhadores artesãos da região do Cariri cearense.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Ceará - UFC, à Universidade Federal do Cariri - UFCA, à Universidade Federal da Bahia - UFBA. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Virgílio B. Bastos por me ensinar a discenir o que é principal e o que é secundário em um trabalho científico e por ser um exemplo de pesquisador e educador; e ao meu co-orientador no estágio doutoral, Prof. Dr. Vincent Rogard;

À família que me acolheu; pai e mãe, vocês são minha riqueza e meu luxo de poder, sempre que me sinto cansada dizer "tá bom, chega! Agora eu vou pra casa!" Vocês são minha casa, que fica ainda mais azul, quando se junta à ela a bondade da mina avó e alegria de ter perto meus irmãos, cunhadas e sobrinhos.

À família que eu construí; meus filhos, a vocês eu acrescento um pedido de desculpas, pela vida agitada e cheia de mudanças que vos foi imposta; Jeová, meu amor, obrigada pelo apoio técnico, logístico e afetivo. Obrigada por ter sido tão companheiro e compreensivo. Meus aliados, felicidade é estarmos juntos, *n'importe où!*

Aos amigos e às amigas, que tenho poucos. Porque amizade de verdade requer cuidado, atenção e tempo. Obrigada ao casal Ingrid e Roberto Ramos. Obrigada às amigas baianas: Nélia, Iara, Carolina e Elisa. Com amizade acolhedora, mãos que curam, disponibilidade, carinho, verdade, atenção, conversas à toa e outras mais sérias, risadas, almoços, muitos cafés e até algumas cervejas e vinhos caminhamos juntas neste doutorado.

"Que a arte nos aponte uma resposta
Mesmo que ela não saiba
E que ninguém a tente complicar
Pois é preciso simplicidade pra fazê-la
florescer"

(Oswaldo Montenegro)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS 07

LISTA DE TABELAS 08

RESUMO 09

ABSTRACT 10

APRESENTAÇÃO 11

1. ESTUDO 01: UM PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ARTESANATO NAS LITERATURAS BRASILEIRA E FRANCESA 17

1.1 Artesanato: a questão conceitual e os limites ocupacionais 18

1.2 Artesanato: uma revisão da produção científica brasileira 31

1.3 Artesanato: uma revisão da produção científica francesa 38

1.4 Considerações finais 52

2. ESTUDO 02: A ATIVIDADE ARTESANAL EM JUAZEIRO DO NORTE/CE: transformações ao longo da sua história. 67

2.1 O artesanato 68

2.2 A origem de Juazeiro do Norte/CE e a ascensão de sua atividade artesanal dos anos 1890 aos 1960 72

2.3 O Juazeiro do Norte/CE e a queda de sua atividade artesanal dos anos 1970 aos 2000 79

2.4 Análises conclusivas 86

3. ESTUDO 03: A ATIVIDADE ARTESANAL NA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE: examinando aspectos de inovação e visibilidade do artesanato local. 93

3.1. Método 96

3.2. Resultados e discussão 105

3.3. Considerações finais 119

ESTUDO 04 – O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS ARTESÃOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE: diferenças e semelhanças entre artesãos de alta e baixa visibilidade 127

4.1. Significado do trabalho: algumas considerações preliminares 129

4.2.Método 135

4.3. Resultados e discussão 140

4.4 Considerações finais 146

CONSIDERAÇÕES FINAIS 153

APÊNDICE A – Questionário Estudo 03 159

APÊNDICE B – Questionário de Significado do Trabalho Estudo 04 162

APÊNDICE C – Escala colorida 165

LISTA DE FIGURAS

APRESENTAÇÃO

Figura 0.1 – Articulação dos estudos que compõem a tese 13

ESTUDO 01

Figura 1.1 – Sistematização das definições sobre artesanato abordadas 19

Figura 1.2 – Eixos sistematizadores da literatura científica brasileira sobre artesanato 32

Figura 1.3 – Publicações brasileiras sobre artesanato, periódicos Capes 36

Figura 1.4 – Publicações CAIRN.INFO em Adminstração, Gestão & Economia, sobre artesanato 41

Figura 1.5 – Publicações CAIRN.INFO em Sociologia, sobre artesanato 46

Figura 1.6 – Estudos franceses sobre artesanato – Publicações CAIRN.INFO 51

ESTUDO 02

Figura 2.1 – Localização de Juazeiro do Norte no Espaço Geográfico Brasileiro, Nordestino, Cearense e Caririense 72

Figura 2.2 – Linha do tempo da atividade artesanal no Cariri dos anos 1890 a 1960 79

Figura 2.3 – Linha do tempo da atividade artesanal no Cariri de 1970 ao período atual 85

ESTUDO 03

Figura 3.1 – Região Metropolitana do Cariri Cearense 97

Figura 3.2 – Identificação dos escores e categorias de visibilidade 101

Figura 3.3 – Pontuação para escore de inovação 104

Figura 3.4 – Médias de inovação e visibilidade dos quatro perfis de artesãos 113

Figura 3.5 – Gráfico de dispersão dos artesãos em quatro clusters 118

ESTUDO 04

Figura 4.1 – Grandes tópicos de pesquisa sobre significado do trabalho 132

Figura 4.2 – Dimensões do significado do trabalho segundo equipe MOW (1987) 135

Figura 4.3 – Comparação de médias de centralidade do trabalho para os quatro perfis artesanais investigados 141

LISTA DE TABELAS

ESTUDO 03

Tabela 3.1 – Caracterização da amostra quanto à cidade onde reside e escolaridade 98

Tabela 3.2 – Caracterização da amostra quanto à tipologia artesanal 106

Tabela 3.3 – Caracterização da amostra quanto à renda mensal 107

Tabela 3.4 – Associação entre as variáveis "outra atividade de trabalho" e "principal renda" 108

Tabela 3.5 – Diferenças entre média de horas trabalhadas por homens e mulheres 109

Tabela 3.6 – Associação entre as variáveis sexo e local de trabalho 109

Tabela 3.7 – Caracterização da amostra quanto ao local de comercialização 111

Tabela 3.8 – Freqüência da amostra para cada escore de inovação 112

ESTUDO 04

Tabela 4.1 – Caracterização da amostra quanto aos dados demográficos 138

Tabela 4.2 – Caracterização da amostra quanto idade, tempo de profissão e horas trabalhadas por dia 139

Tabela 4.3 – Média dos itens que integram as normas sociais do trabalho 143

Tabela 4.4 – Comparação de médias de normas sociais do trabalho entre os quatro perfis de artesãos analisados 144

Tabela 4.5 – Comparação de médias de resultados valorizados do trabalho entre os quatro perfis de artesãos analisados 145

RESUMO

Esta tese está dividida em quatro estudos. No primeiro, as definições de artesanato abordadas estão organizadas a partir de três grandes eixos: artesanato como modelo de trabalho (ou metáfora); como produto; e como processo. O eixo que considera o artesanato como modelo de organização social do trabalho toma o artesanato como paradigma do que seja um trabalho de qualidade, considerando que ele: envolve o fim da clivagem cabeça-corpo, além da lentidão e rotinização que asseguram um trabalho reflexivo e imaginativo (Sennett, 2009). Já o eixo que analisa o artesanato como produto promove a exaltação do objeto em si e adota postura descritiva em relação a ele. Canclini (1983) esclarece que este é um posicionamento científico perigoso, pois nos remete a explicações exclusivamente folclorista ou econômica do artesanato. Assim, o autor propõe o estudo do artesanato como processo, como práticas cotidianas nas quais os objetos são elaborados, a partir de uma visão global: social, econômica e cultural. A análise da literatura científica brasileira sobre artesanato foi realizada a partir de um conjunto de 22 artigos disponibilizados pela plataforma Capes e revisados pelos pares. Estes estão organizados a partir dos três grandes eixos apresentados acima. Os 45 artigos científicos franceses sobre artesanato foram acessados através da base de dados CAIRN.INFO e são em sua maioria do domínio da administração e das ciências sociais. Considerando nesta tese o artesanato como processo, buscamos elementos históricos da atividade artesanal na região do Cariri cearense para compreender o contexto hodierno no qual investigamos práticas e significados do trabalho artesanal. Assim, o segundo estudo destaca a florescência do artesanato entre 1900 e 1960, seguida de um processo de sua fragilização engendram o contexto complexo e paradoxal do artesanato do Cariri cearense. O terceiro estudo analisa as práticas atuais da atividade de trabalho artesanal, quanto a 1) aspectos relativos à organização do trabalho e características econômicas da atividade laboral; 2) diferenças entre artesãos e artesãs, quanto à organização do trabalho; e 3) empreendemos caracterização dos artesãos em perfis que consideraram, simultaneamente, o nível de visibilidade do artesanato e as inovações nos processos de trabalho. Os principais resultados encontrados indicam a baixa escolaridade destes trabalhadores que exercem a atividade em média, há 22,18 anos e adota a própria residência é o principal local de trabalho. Quanto à renda, pouco mais da metade da amostra não chega a ganhar um salário mínimo através do trabalho artesanal. Apesar da evidente dificuldade econômica enfrentada pelos artesãos, o artesanato ainda é para a maioria dos trabalhadores a única atividade produtiva exercida. No que tange às possíveis diferenças entre artesãos e artesãs, quanto à organização do trabalho, pudemos perceber que a média de horas trabalhadas pelos homens é maior que a média de horas trabalhadas pelas mulheres e que e em geral os artesãos trabalham na oficina ou associação, enquanto a maior parte das artesãs trabalha no próprio domicílio. Em relação ao nível de visibilidade e de inovação alcançados pela amostra estudada, os resultados indicaram que 54,8% da amostra se concentra no segundo cluster, onde estão os artesãos que alcançaram baixos escores de inovação e visibilidade e são denominados artesãos tradicionais não-reconhecidos. O segundo perfil com maior quantidade de artesãos é aquele dos artesãos tradicionais-reconhecidos, seguido dos artesãos de referência cultural não reconhecidos e, por último, o perfil com menor quantidade de artesãos representa o quarto cluster e diz respeito aos artesãos de referência cultural reconhecidos. No quarto estudo, o significado do trabalho foi analisado a partir das três dimensões propostas no modelo teórico elaborado pela equipe MOW (1987). Quanto ao instrumento de coleta de dados, utilizamos uma versão reduzida do questionário criado pela mesma equipe e validado por Soares (1992). Analisamos os dados relativos a amostra total de artesãos investigados, mas também comparamos as médias dos quatro perfis de artesãos, considerando o nível de visibilidade e inovação alcançados pelo artesão. Os resultados encontrados permitem configurar a profissão de artesão como marcada por uma atribuição de alta centralidade do trabalho. Também identificamos diferenças entre artesãos dos quatro perfis quanto à centralidade relativa do trabalho e aos construtos que integram as motivações para o trabalho.

Palavras-chave: atividade de trabalho artesanal; história da atividade artesanal no Cariri cearense; visibilidade e inovação no artesanato; significado do trabalho para artesãos.

ABSTRACT

This thesis is divided into four studies. In the first of one, the craft definitions discussed in this thesis are organized from three main axis: crafts like working model (or metaphor); as a product; and as a process. The axis that considers the craft as a working model takes the craft as a paradigm of what a quality job, considering he involves the end of disconnextion between head-body, also the slowness and routinization ensuring a reflective and imaginative work (Sennett, 2009). The axis that analyzes the craft as product promotes the appreciation of the object itself and adopts descriptive attitude towards it. According to Canclini (1983), this is a dangerous scientific position since it refers to the explanations exclusively folklorist or economic crafts. Thus, the author proposes the craft study as a process, as everyday practices in which the objects are drawn from a global view: social, economic and cultural. The analysis of the scientific literature on craft was carried out from a set of 22 articles provided by Capes and reviewed by peers. These are organized from the three main axis listed above. The 45 french scientific articles on crafts were accessed through CAIRN.INFO database and most of them are from the field of administration and social sciences. In this thesis we assume crafts as process, so we seek historical elements of craft activity in Cariri/ Ceará to understand the present-day context in which we investigate practices and meanings of craftswork. Thus the second study highlights the growth of the craft between 1900 and 1960, followed by a process of weakening engender a complex and paradoxical context of the crafts in Cariri. The third study analyse the current practices of craftsmanship activity as: 1) aspects related to work organization and economic characteristics of labor activity; 2) differences between craftsmen and craftswoman, as the organization of work; and 3) characterize the artisans in profiles that considered both the craft level of visibility and innovations in work processes. The main results indicate a low level of education of these workers engaged in the activity for an average of 22.18 years and adopts their home as workplace. As for income, just over half of the sample make less than a minimum wage through handmade work. Despite the economic difficulty faced by artisans, handicraft is still for most workers the only productive activity exercised. With regard to possible differences between craftsmen and artisans, as the organization of work, we realized that the average hours worked by men is greater than the average hours worked by women and that in general and the artisans in the workshop or association, while most of the artisans working in the household. Regarding the level of visibility and innovation achieved by this sample, the results indicated that 54.8% of the sample is concentrated in the second cluster, where are the craftsmen who achieved low scores for innovation and visibility and they are called non-recognized traditional craftsmen . The second profile with higher number of artisans is that of traditional-recognized artisans, followed by culture reference artisans not recognized and, finally, the profile with less artisans represents the fourth cluster, they are called recognized culture reference artisans. In the fourth study, the meaning of work was analyzed from the three dimensions proposed in the theoretical model developed by the team MOW (1987). As for the data collection instrument, we use a reduced version of the questionnaire created by the same team and validated by Soares (1992). We analyze data on the total sample of surveyed craftsmen, but also compared the average of the four profiles of artisans, considering the level of visibility and innovation achieved by the artisan. It was possible to set up artisan profession as marked by an assignment of high centrality of work. Also we identified differences between craftsmen of four profiles on the relative centrality of work and constructs that comprise the motivations for work.

Key-words: craft work activity; history of craft activity in Cariri/Ceará; visibility and innovation in crafts; meaning of work for craftsmen

APRESENTAÇÃO

A atividade de trabalho artesanal é o fio condutor da tese em questão. Não temos interesse de aqui veicular uma noção romantizada do artesanato, na qual se repete mecanicamente o discurso de que a atividade artesanal se configura como um modelo ideal de atividade laboral, contrariamente ao modelo de produção industrial, onde há divisão horizontal e vertical do trabalho. Neste sentido, tendo o artesão o domínio de todo o processo produtivo, tendo ele o poder de decidir as estratégias de produção e também liberdade de escolher seu próprio tempo de trabalho, o trabalho artesanal é algumas vezes apresentado como tipo ideal de trabalho.

Também consideramos perigosa a noção de artesanato na qual as técnicas postas em prática remontam a um tempo longínquo e por isso devem ser resgatadas e preservadas. Aprendemos que o esforço de preservação do artesanato, no sentindo de tentar inseri-lo em uma redoma, para que suas características tradicionais sejam preservadas, é mais prejudicial que benéfico ao seu desenvolvimento. Acreditamos que uma das possíveis explicações para a sobrevivência de uma atividade pré-industrial em um período considerado pós-industrial venha a ser justamente o fato de ela se permitir interagir com elementos da contemporaneidade, por exemplo deixando de pautar sua produção nas necessidades da comunidade na qual está inserido, para orientá-la a partir de uma demanda estrangeira ao seu território, principalmente voltado para um mercado amparado no turista.

Desta forma, objetivamos estudar a atividade de trabalho artesanal de maneira que se possa apreender as transformações por ela experimentadas no contexto contemporâneo, apresente-se esta realidade como trabalho brutal, conforme sugeriu Herzfeld (2004), ou como uma atividade promissora, em pleno desenvolvimento. Em um caso ou em outro, certo é que se trata de uma realidade complexa que carece de estudos científicos.

Assim, a presente tese está organizada em quatro estudos articulados por um eixo comum: a atividade de trabalho artesanal. Cada um dos quatro estudos que compõem esta tese possui como escopo analisar uma faceta específica da atividade de trabalho artesanal, que vai da análise da produção científica sobre o tema, perpassando a investigação empírica de um contexto específico onde ocorre a realização da atividade. O primeiro estudo, predominantemente teórico, busca a partir da análise da literatura científica brasileira e francesa sobre o tema formular uma quadro teórico-conceitual sobre artesanato, apoiado em análises realizadas em pesquisas de diversos domínios científicos que ampliem as perspectivas de compreensão do fenômeno.

As análises realizadas nos segundo, terceiro e quarto estudos são direcionadas à prática da atividade de trabalho artesanal na região do Cariri cearense, localizada ao sul do estado. A atividade artesanal caririense foi estudada a partir de uma perspectiva histórica, buscando identificar e explicar elementos que influenciaram mutações nesta atividade, que passou de uma situação de florecência para uma situação paradoxal, na qual identificamos a existência concomitante de aspectos de vigor e fragilidade (Estudo 02). A seu turno, os terceiro e quarto estudos examinam a realidade atual do artesanato, um caracterizando a amostra estudada em quatro perfis, que se diferenciam a partir dos níveis de visibilidade e inovação alcançados pelos trabalhadores artesãos e o outro examinando como estes artesãos atribuem significado ao trabalho que realizam. A figura 0.1, apresenta as articulações entre os quatro estudos que integram esta tese, seguida da descrição da estrutura básica de cada um deles.

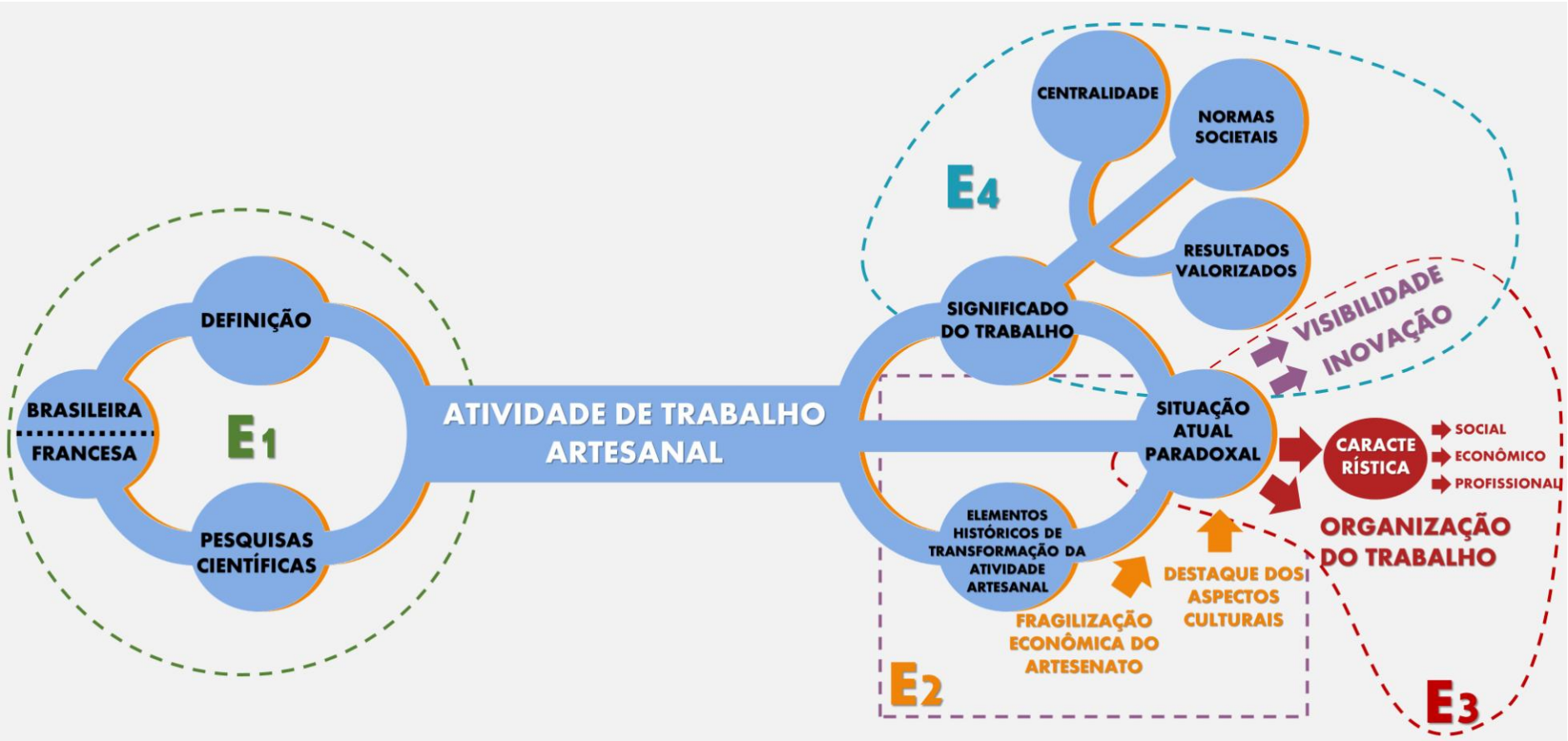


Figura 0.1. Articulação dos estudos que compõem a tese

O esforço de teorização sobre o artesanato é empreendido logo no primeiro estudo desta tese, que apresenta reflexões elaboradas tanto por acadêmicos, quanto por instituições que fomentam o artesanato no Brasil. Além do esforço de conceitualizar o termo para a realidade brasileira, também o fizemos para a realidade francesa, na qual a atividade artesanal possui suas peculiaridades referentes aos grupos de trabalhadores que são considerados artesãos neste país. Demarcadas as semelhanças e diferenças entre ocupações profissionais que se enquadram como artesanato nestes dois países, partimos, em seguida, para a construção de um panorama dos estudos científicos brasileiros sobre artesanato, comparando-os aos estudos científicos franceses.

A escolha por analisar a literatura francesa sobre artesanato está associada ao interesse de examinar a produção científica de um país que tenha vivenciado plenamente a Era do Artesanato, durante a Idade Média e seu subsequente processo de desorganização estimulado pelo desenvolvimento manufatureiro e posteriormente industrial, pois acreditamos que a longa trajetória da atividade artesanal, acrescida da existência das Corporações de Ofício agregam uma noção diferente sobre a atividade. Outrossim, o artesanato, considerado a primeira empresa francesa, recebe destaque em publicações de diferentes domínios científicos na literatura francesa. Desta forma, o volume de publicações sobre o tema na literatura científica francesa também foi um fator que contribuiu para adotá-la no nosso trabalho.

No segundo estudo iniciamos uma aproximação do contexto onde estão inseridos os sujeito da nossa pesquisa. Este estudo aborda elementos históricos da atividade artesanal na região do Cariri Cearense, que, de certa forma, segue os caminhos trilhados historicamente pela atividade no país, mas que apresenta algumas peculiaridades referentes à forma como se deu a colonização da região. Consideramos relevante este resgate da memória da atividade de trabalho, pois ele fornece elementos para compreensão dos contornos atuais do artesanato na região.

Os marcos históricos estabelecidos no estudo 02 ajudam a compreender ou entender peculiaridades do processo de industrialização no local, características do espaço geográfico investigado, a marcante religiosidade dos habitantes, enfim registros que caracterizam a prática do artesanato na região. Desta forma, a contextualização da prática artesanal no Cariri cearense destaca elementos de transição e de mudança do artesanato que permitem compreender as tensões por ele vivenciadas atualmente e que são exploradas de maneira mais ampla nos terceiro e quarto estudos.

O Cariri cearense foi escolhido como espaço para a investigação de campo pois a região constitui o maior pólo de artesanato cearense em quantidade e diversidade, além de possuir forte representatividade para a cultura popular do estado do Ceará e do Brasil. A diversidade de artesãos do Cariri se destaca através da aglutinação dos tipos mais característicos do artesanato tradicional, onde encontramos santeiros que criam a partir do barro ou madeira, xilogravuristas, seleiros, que além dos artefatos típicos do vaqueiro, ousam na produção de peças direcionadas a um nicho de mercado feminino, ourives e ainda artesãos e artesãs da palha que a partir da criação de peças estilizadas, ressignificam a cultura de homens e mulheres do sertão nordestino.

Depois da anáise de 1) um extenso referencial teórico sobre artesanato e 2) de aspectos históricos da atividade artesanal da localidade onde estão inseridos os artesãos-sujeitos desta pesquisa, aproximamos nosso objeto de estudo ao domínio da Psicologia, propondo nos estudos 03 e 04, respectivamente, a análise de práticas e significados do trabalho para artesãos do Cariri cearense. Entendemos que os dois estudos teóricos iniciais são fundamentais, pois apontam o caráter interdisciplinar do objeto de estudo desta tese e apresentam argumentos teóricos consistentes para uma análise atual do artesanato, além de oferecer elementos históricos que nos permitem compreender a coexistência de perfis de artesãos distintos (apresentados no terceiro estudo), no momento atual.

De maneira mais detalhada, o terceiro estudo analisa aspectos relativos à organização do trabalho artesanal no Cariri cearense, examinando perfil demográfico e econômico destes trabalhadores, além de tempo de profissão e elementos relativos à organização do trabalho, como: carga horária diária de trabalho, lugar onde realiza a atividade, propriedade das ferramentas de produção. Estas informações foram coletadas junto a uma amostra de 230 artesãos de nove municípios da região caririense. Também investigamos os níveis de visibilidade dos objetos produzidos pelos artesãos e de inovação empregados no processo de produção e comercialização destes objetos. A partir do exame dos diferentes níveis de visibilidade e de inovação artesanal, por meio de uma análise de *clusters*, identificamos quatro perfis de artesãos, a saber: artesão tradicional conhecido e não conhecido; e artesão de referencia cultural conhecido e não conhecido.

Enfim, o quarto e último estudo desta tese é uma investigação sobre o significado do trabalho para este grupo de artesãos. Para coleta de dados, lançamos mão de uma versão reduzida do instrumento de pesquisa construído pela equipe *Meaning of Work International*

Research Team – MOW – durante os anos 80 e traduzido e validado no Brasil por Soares (1992). Assim sendo, analisaremos o significado do trabalho para a mesma amostra de artesãos investiga no estudo anterior, no entanto, evidenciando diferenças e semelhanças entre artesãos de alta e baixa visibilidade. Conforme orientação do modelo teórico adotado, o significado do trabalho é analisado a partir de três grandes dimensões: centralidade do trabalho, normas sociais do trabalho, e resultados e objetivos valorizados do trabalho.

ESTUDO 01 – UM PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ARTESANATO NAS LITERATURAS CIENTÍFICAS BRASILEIRA E FRANCESA.

A atividade artesanal é quase sempre reportada como atividade antiquíssima, ou como atividade que se entrelaça intimamente com toda história da humanidade, anterior à produção industrial. No entanto, raramente é veiculado, que ao contrário da atividade em si, a palavra que a nomeia é relativamente recente. Saviani (1998) nos informa que o vocábulo somente aparece no dicionário brasileiro em meados do século XX. Quanto à origem da palavra em idioma francês, Zarca (1986b) aponta que poucos sabem que a palavra "*artisanat*" foi forjada em 1921, quando os representantes do "Chambre des métiers" da região da Alsácia sentiram a necessidade de traduzir a palavra alemã "*Handwerk*". A tradução francesa do vocábulo alemão reflete a influência da organização artesanal alemã sob a forma como o grupo social de artesãos começou a se organizar em território francês.

Apesar de uma nomenclatura recentemente criada, à atividade artesanal é atribuído o posto de primeira atividade de trabalho humano. Mas são sobretudo suas configurações atuais, em contexto denominado pós-capitalista, que despertam o interesse de pesquisadores a investigar o tema. Desta forma, o primeiro estudo desta tese consiste em um trabalho eminentemente teórico e bibliográfico que possui como objetivo principal analisar as produções científicas francesa e brasileira sobre artesanato.

A opção por analisar a literatura científica brasileira e francesa fundamentou-se na possibilidade de comparar a produção acadêmica de dois países que vivenciaram de forma bastante distinta o percurso histórico da atividade artesanal. A escolha recai sobre a França por se tratar de um país, no qual a organização artesanal possui força econômica e é enaltecida como pimeira empresa nacional, além de considerarmos também aspectos relativos à quantidade e qualidade dos textos referenciais franceses sobre o tema. Finalmente, a realização do estágio doutoral na França nos estimulou a investigar como o tema é abordado no país e também constitui fator que influenciou a escolha por examinar a produção científica desse país em relação ao artesanato.

Antes de analisarmos especificamente a produção científica dos dois países, apresentamos algumas definições de artesanato, organizadas a partir da sistematização de três grandes eixos, que consideram o artesanato como: modelo de trabalho, produto e processo. Esta seção também possui segmentos textuais que buscam indicar especificidades do artesanato nas referidas nacionalidades. Sobre a realidade brasileira, apresentamos como governo e órgãos de fomento ao artesanato se ocupam, em uma perspectiva histórica recente, da atividade artesanal. Em relação ao contexto francês, apontamos a definição formal de artesanato, como os artesãos se auto definem e indicamos a diferença entre um grupo denominado artesão e outro artesão d'arte, que conjuga aspectos do métier a elementos artísticos.

Desta forma, a fim de organizar definições e publicações científicas sobre artesanato no contexto francês e brasileiro, o presente estudo está estruturado em quatro seções, além desta introdução. A primeira seção apresenta a definição de artesanato; a segunda seção analisa as publicações brasileiras sobre artesanato e a terceira analisa as publicações francesas sobre o mesmo tema. Por fim, na quarta seção, expomos as considerações finais deste estudo, resgatando resultados mais expressivos e apresentando os pontos fortes e as fragilidades do estudo.

1.1 Artesanato: a questão conceitual e os limites ocupacionais

Diante das diversas maneiras de abordar e definir artesanato, propomos neste trabalho, três grandes eixos organizadores do conjunto de definições aqui abordadas, a saber: 1) o artesanato como modelo de organização social do trabalho; 2) como produto; e 3) como processo. A fim de ilustrar a sistematização das definições de artesanato aqui discutidas, elaboramos a Figura 1.1 que apresenta, além dos três eixos apontados, suas ramificações que incorporam estudos de diferentes domínios do conhecimento científico.

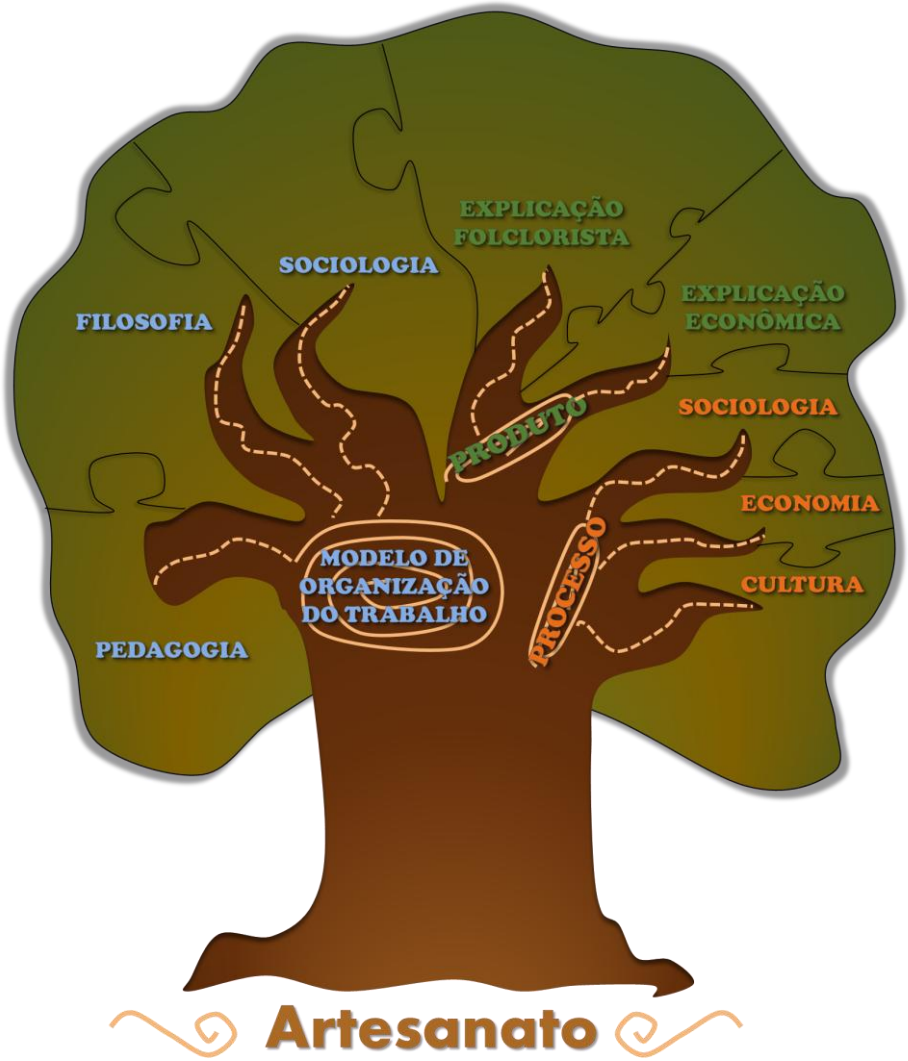


Figura 1.1. Sistematização das definições sobre artesanato abordadas

O eixo que considera o artesanato como modelo de organização social do trabalho toma o artesanato como paradigma do que seja um trabalho de qualidade, considerando que

ele: envolve o fim da clivagem cabeça-corpo, além da lentidão e rotinização que asseguram um trabalho reflexivo e imaginativo (Sennett, 2009). Estas características inerentes ao artesanato o tornam um modelo para as outras profissões e faz com que muitas vezes a referência a ele, na verdade seja uma metáfora, ou uma alusão a tais características, que passam a ser (re) valorizadas socialmente.

Já o eixo que analisa o artesanato como produto promove a exaltação do objeto em si e adota postura descritiva em relação a ele. Segundo Canclini (1983), este é um posicionamento científico perigoso, pois nos remete a uma explicação unicamente folclorista do artesanato ou a uma explicação fundamentada exclusivamente em aspectos econômicos do artesanato. O autor afirma

> *(...) devemos encontrar um caminho entre dois obstáculos vertiginosos: a tentação folclorista de enxergar apenas o aspecto étnico, considerando o artesanato apenas como uma sobrevivência crepuscular de culturas em extinção; ou como uma reação a isto, o risco de isolar a explicação econômica, e estudá-lo como qualquer outro objeto regido pela lógica mercantil* (Canclini, 1983, p. 71)

Em momento oportuno, Canclini (1983) aponta a análise das práticas cotidianas nas quais os objetos artesanais são elaborados como alternativa para desvencilhar os estudos sobre artesanato destes "obstáculos vertiginosos". Assim sendo, o autor propõe a substituição do estudo do artesanato como produto ou como objeto em si deve por estudos nos quais ele é concebido como processo. Em outras palavras, a exaltação do objeto em si e a postura descritiva em relação aos mesmos deve ser substituída pela análise das práticas cotidianas nas quais os objetos são elaborados, a partir de uma visão global: social, econômica e cultural.

De volta ao eixo que considera o artesanato como modelo de organização social do trabalho, ou mesmo como metáfora para extrair dele características pertinentes a outro tipo de atividade, entendemos que este grande eixo possui algumas ramificações, que por sua vez integram estudos de áreas do conhecimento diferentes, a saber: pedagogia, filosofia e sociologia.

A ramificação que integra estudos na área pedagógica, aborda a aprendizagem artesanal como modelo ideal de aprendizagem. Seguindo sua tradição de estudos na área de educação, Antonio Santoni Rugiu publica Nostalgia do Mestre Artesão, em 1998 (editada no

Brasil dez anos depois da edição italiana), obra especialmente consagrada à tradição formativa artesã. O autor manifesta a saudade de uma educação na qual o sentido do termo se amplia para além da capacitação para o ofício, que incluía educação moral e a aprendizagem de uma ética, ou de um conjunto de comportamentos valorizados pelo grupo ao qual o aprendiz pertencia.

A nostalgia elucidada por Rugiu (1998) está direcionada a um determinado tipo de experiência formativa que

> *(...) conserva em si valores diversos do controle direto e progressivo, partindo da ideia originária até a revitalização final, da objetivação plena do subjetivo e da produção de bens aproveitáveis pela comunidade (...) que assegura um desenvolvimento da natureza ativa do homem através de um racional exercício 'prático-moral', graças principalmente ao exercício de auto controle, de concentração sobre um objeto e à consciência de um objetivo* (Rugiu, 1998, p. 156).

Além do forte viés pedagógico dedicado à investigação de como se dava a formação dos artesãos, Rugiu (1998) traz elementos históricos riquíssimos do artesanato, as regras de funcionamento inerentes a cada grupo, as rígidas hierarquia e disciplina, a divisão de trabalho, desvelando também como os mestres artesãos se relacionavam cotidianamente com aprendizes, pais de aprendizes, clientes e mercadores.

Outrossim, o autor nos propõe uma imersão na Idade Média, quando nos fala sobre a origem do artesanato, e projeta-nos para as escuras e barulhentas oficinas da época. Rugiu (1998) é cauteloso em apresentar os diferentes termos utilizados nos países europeus, onde o sistema de corporações de ofício teve maior força. Apresenta também o início da ruptura entre artistas e artesãos, bem como de artes liberais e artes mecânicas.

Sennett (2009) e Mills (2009) respectivamente integrantes das ramificações filosófica e sociológica que compõem o primeiro eixo sistematizador das definições de artesanato aqui abordadas, possuem como similaridade o fato de considerarem o artesanato como modelo profissional a ser seguido por outras ocupações e ambos criticam a separação entre trabalho intelectual e trabalho técnico. Neste sentido, ambos utilizam o artesanato como metáfora.

No entanto, Mills (2009) aborda o artesanato como modelo profissional apenas para o cientista social. Portanto, sendo o cientista social um artesão em sua profissão, ele não permitiria a separação entre seu trabalho e sua vida, pois o conhecimento se torna, para ele, uma escolha de modo de vida e de carreira, ao mesmo tempo. Seguindo a mesma linha de reaciocínio, o autor afirma que "(...) o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu oficio" (Mills, 2009, p.22).

Em sua análise sociológica, o autor aponta que a dissociação entre vida e trabalho é responsável pelo atual esvaziamento do trabalho e se refere ao artesanato como modelo plenamente idealizado de satisfação do trabalho, pois nele nao prosperam as rupturas entre vida e trabalho, entre cabeça e mão e/ou entre trabalho intelectual e trabalho técnico.

Adicionalmente, Mills (2009) elabora um modelo idealizado de artesanato que compreende seis características fundamentais, são elas: 1) a satisfação e o prazer do indivíduo durante o processo criador; 2) a importância dada aos detalhes, pois deles dependem um bom resultado ou produto do trabalho; 3) liberdade em relação ao controle da própria ação de trabalho; 4) no tocante à aprendizagem, a liberdade para se auto-desenvolver e para aperfeiçoar sua atividade a partir do conhecimento e habilidade adquiridos; 5) não-dissociação entre trabalho e lazer ou entre trabalho e cultura; e, por fim, no modelo ideal de artesanato, 6) o trabalho está completamente ligado ao modo de vida do artesão, não havendo ruptura clara entre trabalho e não-trabalho.

Quanto a Sennett (2009), sua proposta se distancia da de Mills (2009) devido sua abrangência. Neste caso, o artesanato é apresentado como um modelo de organização social do trabalho a ser seguido, não somente por pesquisadores em ciências sociais, mas por todos os trabalhadores, a fim de que se construa uma sociedade melhor. Mas antes de chegar a esta proposição, Sennett (2009), a partir de uma proposta de cunho mais filosófico, revisita os prejuízos causados pela clivagem histórica entre teoria e prática, artista e artesão, trabalho intelectual e trabalho técnico. Segundo o autor, a sociedade ganharia com a revalorização do trabalho artesanal, uma vez que ele absorve, ao mesmo tempo, os aspectos intelectual e técnico do trabalho.

Para defender seus argumentos, Sennett (2009) analisa diversos métiers artesanais, interessa-se por diferentes domínios de aplicação e se serve de múltiplas referencias teóricas, utilizando argumentos e explicações de disciplinas tão diversas quanto história, sociologia,

filosofia, antropologia, psicologia, ou mesmo, a ergonomia, o urbanismo e a biologia. Quando o autor afirma que cabeça e mão são separadas socialmente, ele, na verdade, apresenta uma crítica à sociedade moderna que valoriza mais a concepção que a execução, valoriza mais o trabalho intelectual que o trabalho técnico e por sua vez acaba desmerecendo o trabalho bem feito, ao qual se refere ao trabalho artesanal.

No que diz respeito à intelectualidade no trabalho técnico, Sennett (2009) visa mostrar que o artesanato recorre simultaneamente à cabeça e à mão. O autor propõe uma análise aprofundada do trabalho técnico que o conduz a uma concepção positiva de rotina, geralmente considerada a partir de uma perspectiva negativa, apresentando-a como algo que embrutece e esgota o trabalhador pela repetição incessante do mesmo gesto. Contrariando tal perspectiva sobre rotina, o autor afirma que a aquisição de competências manuais através da repetição do mesmo gesto faz emergir formas de compreensão mental que favorecem à inovação. Dito de outra maneira, o autor concebe a rotina como elemento crucial para o entendimento do processo de criação e o trabalho técnico ou o gesto corporal como necessariamente acompanhado de reflexão.

Desta forma, Sennett (2009) propõe uma análise aprofundada do trabalho artesanal, a fim de apresentar suas virtudes, uma vez que a valorização do saber-fazer do métier passa a ser vista como uma maneira de requalificar o trabalho. Dois pontos se apresentam como centrais nesta nova lógica: 1) a princípio, a evidência das múltiplas operações intelectuais em jogo quando um trabalho técnico é realizado; 2) em seguida, a desmistificação do ato criador, mostrando que sua origem pode estar na rotina e na repetição.

Passando para os segundo e terceiro eixo que sistematizam as definições de artesanato, optamos por não abordar autores que o definem ou que o discutem como objeto exclusivamente mercantil ou cultural, uma vez que esta perspectiva é infrutífera para o meio científico. Por outro lado, o eixo que compreende o artesanato como prática social, ou seja, como processo, está representado nesta tese por diversos autores do domínio da sociologia e da antropologia, que se dedicam a escrever ensaios teóricos sobre o tema ou que elaboram relatórios que expõem a realidade da atividade artesanal no contexto no qual estão inseridos, os autores que se inserem deste eixo e que estão abaixo representados são: Canclini (1983, 2011), Zarca (1986a), Amorim (2005), Porto Alegre (1994) e Lima (2005).

Canclini (1983, 2011) é um representante renomado do eixo que aborda o artesanato como processo. Em *As culturas populares do capitalismo*, Canclini (1983) se utiliza do artesanato para explicar manifestações da cultura popular, ou como sugeriu o próprio autor, das culturas populares, uma vez que, em diferentes nações e etnias, o processo de apropriação desigual dos bens acadêmicos e culturais por parte do setor subalterno se apresenta de diferentes formas, que impossibilitaria caracterizá-las como uma única cultura popular, sendo mais adequada a grafia do termo no plural. O próprio autor fez questão de deixar claro que o termo capitalismo abordado já no título da obra e também no corpo do texto, não é tratado em tom de revolta. Em momento algum, o capitalismo é nesta obra sentenciado como modelo econômico responsável pelo declínio da atividade artesanal ou é levantada a bandeira da imprescindibilidade da extinção de tal modelo econômico. Canclini (1983) se refere ao capitalismo como pano de fundo da produção artesanal. Se a produção artesanal existe, ela se dá em um determinado contexto e este contexto é regido, em maior ou menor grau, pelas leis econômicas do capitalismo.

Outrossim, Canclini (1983, 2011) questiona a sobrevivência da produção artesanal, que se caracteriza como uma produção pré-industrial, em um período pós-industrial. O autor defende que o artesanato subsiste e cresce "porque desempenha funções na reprodução social e na divisão do trabalho necessárias para expansão do capitalismo" (p. 61-62). A mão-de-obra excedente acaba encontrando no artesanato um meio de sobrevivência. Além do mais, os objetos artesanais podem colaborar com a revitalização do consumo.

No entanto, a existência simultânea do artesanato (chegando mesmo em algumas localidades a vivenciar seu auge) com o avanço industrial não poderia ser explicada se concebermos o artesanato como uma atividade que sobrevive ainda em sua forma original e que, por preservar de forma inalterada técnicas e práticas antigas, assumiria o papel de guardião da tradição. O artesanato como modo de produção e como objeto em si passou por diversas transformações ao longo do tempo. Ele se modifica ao se relacionar com o mercado capitalista, com o turismo, com a indústria cultural e com as formas modernas de arte, comunicação e lazer (Canclini, 2011). Diante da complexidade do objeto, o autor sugere que ele seja estudado como processo, a partir de uma estratégia de investigação que seja capaz de açambarcar aspectos relativos a sua produção, circulação e consumo.

Diferente dos autores acima citados, pertencentes tanto ao eixo que aborda o artesanato como metáfora, quanto como processo ou prática social - que propõem uma

reflexão sobre a atividade artesanal e sobre como ela poderia ser tomada como modelo ideal de educação e aprendizagem de um ofício (Rugiu, 1998), ou modelo ideal de atuação para cientistas sociais (Mills, 2009), ou mesmo como modelo ideal para todas as outras profissões (Sennett, 2009) - Zarca (1986a) expôs um tratado sobre as condições de trabalho dos artesãos franceses, a partir de um apanhado histórico, estatístico e etnográfico. O autor afirma que se os artesãos existem desde sempre, não podemos dizer o mesmo do grupo social dos profissionais artesãos tardiamente forjado. Assim, Zarca (1986a) retraça em detalhe a história de luta por uma definição legítima do grupo, na França, desde a Grande Guerra até o início da década de 1980.

Inicialmente, Zarca (1986a) oferece uma caracterização ideal de artesanato, a partir das proposições desenvolvidas por Max Weber em "A história geral da economia". A divisão social do trabalho artesanal é uma divisão do trabalho a partir de classes de idades, no sentido de anos de vida, onde se sucedem: educação, aprendizagem, assalariado e artesão. As relações entre os diferentes níveis hierárquicos, que a princípio seriam consideradas relações de dependência, transformam-se ao longo da vida ou virão a se transformar em relação de trocas equilibradas, onde as idades intermediárias (juventude e início da vida adulta) são o preço a pagar para ter acesso ao estágio final, quando o trabalhador alcança maturidade profissional. Segundo o autor, a existência deste tipo de arranjo e/ou de trocas informais são dificilmente concebíveis no mundo industrial.

As maneiras de abordar o artesanato são muitas e o foco a partir do qual ele é examinado também, porém existem elementos definidores do artesanato que sao compartilhados independente do domínio científico no qual o estudo esteja inserido. Este núcleo conceitual inclui: 1) produção manual de objetos; 2) ritmo de trabalho definido pelas necessidades e escolhas do próprio artesão; e 3) presença do artesão em toda ou na maior parte das etapas de criação do objeto. A manualidade é sem dúvida um elemento central da definição do termo, como assinala Amorim (2005) ao destacar que o radical "art" da palavra artesanato, que significa feito à mão. Contudo, à atividade manual está integrada a atividade intelectual (Sennett, 2009; Porto Alegre, 1994), apesar de, historicamente, a intelectualidade ter sido extraída do artesanato, com fins de subjulgá-lo hierarquicamente à arte.

Por outro lado, a simplicidade da definição que possui como fundamento o caráter manual da atividade e a liberdade daquele que a executa, encobre a amplitude de formas as quais o artesanato pode se apresentar. Lima (2005) nos apresenta algumas situações cotidianas

e recorrentes de artesãos que se apresentam em contextos bastante diferenciados. Por exemplo, uma professora aposentada que faz bordado, uma fiandeira da zona rural que aprendeu a fiar com a mãe e com a avó, um escultor, uma artista plástica, um ceramista que faz peças utilitárias ou decorativas, uma expositora que fabrica e vende suas peças em uma feira *hippie*, todos podem ser identificados como artesãos, uma vez que concebem os objetos manualmente e dominam todo o processo de produção. As diferenças em relação à forma como se deu a aprendizagem do ofício, o modo como a carreira profissional se desenrolou e o lugar onde vende ou expõe os objetos, de certa forma impõem algumas clivagens dentre da categoria artesanal, mas também põe em cheque uma separação forjada, no Renascimento, entre arte e artesanato.

Na essência da definição de artesanato está a atividade de trabalho, a transformação de um material (matéria-prima) em um objeto que possui finalidade. Características individuais peculiares a quem realizou a atividade estão impressas no objeto. O que permite ao trabalho artesanal se beneficiar de uma imagem de trabalho-ideal nos dias contemporâneos (Mills, 2009), contrapondo-se ao trabalho industrial, ao trabalho fragmentado horizontal e verticalmente. Apesar do grande potencial cultural e econômico do artesanato, a literatura científica brasileira sobre artesanato é escassa, sobretudo quando comparada à literatura internacional. E mais revelador e preocupante é a constatação de que mesmo sendo eminentemente atividade de trabalho, o artesanato é raramente objeto de estudo da psicologia do trabalho ou da sociologia do trabalho, no Brasil.

Peculiaridades da organização artesanal brasileira e francesa e das profissões que integram o grupo de ocupações artesanais em cada nacionalidade

De uma forma geral, podemos asseverar que as ações de apoio ao artesanato no Brasil tiveram início não faz muito tempo e estão longe de ter uma atuação que abranja amplamente os artesãos de todo território brasileiro. Enquanto no contexto europeu se discute estratégias de apoio ao artesanato desde o fim da Segunda Grande Guerra (Zarca, 1988), no Brasil, podemos afirmar que esta é uma intervenção recente. Antes da década de 70, observamos apenas discursos pontuais de valorização do artesanato, a exemplo de Cascudo (1944) e Andrade (1938).

Conforme Zarca (1986a), no ano de 1934, elabora-se uma definição legal de artesanato para o território francês. Esta definição de artesanato oficializada por lei segue a mesma lógica da definição elaborada pela CGAF (*Confédération Géneral de l'Artisanat Français*) que defendeu o princípio de uma definição limitativa à quantidade de salariados, neste caso fixado em dez. Por outro lado, os artesãos reagrupados na CEAA (*Comité d'Entraide et d'Action Artisanale*) propuseram uma definição larga do termo, sem se apegar à quantidade de salariados, preferiram uma definição que levasse em conta a qualificação do mestre artesão e o caráter familiar da organização.

Uma nova definição de identidade de grupo é criada pela INSEE (*Intitut National de Statistique et des Études Économiques*) em 1982. A intervenção do Estado foi decisiva na elaboração desta definição, mas também o interesse dos líderes dos grupos de artesãos. Segundo a lei de 5 de julho de 1996 relativa ao desenvolvimento e à promoção do comércio do artesanato, o mesmo é definido como "atividade profissional independente de produção, de transformação, de reparação ou de prestação de serviço relevante que figure numa lista estabelecida por decreto pelo conselho de estado". O artesão individual ou a organização artesanal devem estar matriculados no repertório de métiers e no caso das organizações, foi estabelecido o limite máximo de 10 assalariados empregados.

A compreensão de artesanato apresentada por Polge (2010) é interessante por organizar a definição institucional de artesanato em três dimensões: 1) no plano institucional, essas empresas estão inscritas no repertório de métiers e por tanto se beneficiam de um sistema jurídico e fiscal particular; 2) no plano econômico, a atividade de produção, transformação, reparação ou prestação de serviço deve figurar em uma lista estabelecida por decreto; 3) no plano de emprego, o efetivo de trabalhadores não deve ultrapassar 10 salariados, o que classifica a organização artesanal entre as *Toute Petite Entreprise* (TPE), conhecidas na realidade brasileira como Micro Empresas (ME).

Mas para além das características formais da organização artesanal, observa-se que o métier do artesão evolui consideravelmente (Boucher, 2006). Antes considerado apenas como sinônimo de saber-fazer transmitido pela prática ou oralmente, assume características mais elaboradas, a partir da introdução das dimensões comerciais, técnicas, jurídicas, ou mesmo sociológicas. Assim, a noção de métier é ampliada, o saber-fazer antes voltado exclusivamente para aspectos técnicos da profissão, passa a exigir também um saber-fazer empresarial (Polge, 2010). Em outros termos, a natureza da atividade artesanal enriquece,

acumulando atividades de gestão. A literatura científica busca compreender estas transformações e nos referiremos a elas mais adiante, no tópico 1.3 deste estudo dedicado ao exame dos estudos científicos franceses sobre artesanato.

A noção jurídica da empresa artesanal nao está presente na percepção dos próprios artesãos sobre a significação de empresa artesanal (Bayad, Delobel e Schmitt, 2006 e Fournier, 2006). Em suas respostas, os artesãos não abordaram a noção legal que fixa a quantidade máxima de dez salariados para a empresa artesanal, nem da inscrição no registro de métiers, mas apoiaram sua definição no próprio métier, no trabalho bem feito, na proximidade com uma clientela conhecida, na ideia de tradição – mas também de modernidade e de inovação; no viés do individualismo – bem como no de envolvimento familiar no exercício da profissão, enfim da noção de proximidade tanto com a vida social da cidade, quanto com seus salariados.

Quanto às definições sobre artesanato brasileiro elaboradas por órgãos e instituições que o apoiam, podemos afirmar que elas nos auxiliam a compreender o papel ocupado pelo artesanato nos órgãos públicos, organizações privadas e agências de fomento no Brasil. As definições propostas pelo Programa de Artesanato Brasileiro – PAB (2010), SEBRAE (2010) e CEART (2008) têm em comum a relevância dada ao aspecto manual do artesanato, aceitam a utilização de ferramentas, ou mesmo de máquinas não industriais, porém ressaltam a predominância da utilização das mãos na produção dos objetos ditos artesanais. A compreensão de artesanato adotada pelo SEBRAE (2010) resulta do debate que objetiva promover maior colaboração entre *design* e artesanato. Desta forma, apresenta uma conceituação que inclui características estéticas, a partir dos termos qualidade e criatividade que fundamentam ações desenvolvidas por designers com grupos de artesãos em várias localidades do país.

A questão do controle total que o artesão possui sobre o objeto de trabalho é um aspecto importante da definição apresentada pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (2010). Por sua vez, a Ceart (2008) em seu conceito de artesanato também tenta aglutinar aspectos relacionados à habilidade e à criatividade do artesão, assim como apresentado na definição do Sebrae (2010), além de destacar a relevância social e cultural da referida atividade. O termo criatividade citado nas definições do Sebrae (2010) e da Ceart (2008) põe em cena a complexa relação estabelecida entre artesão e designer. Nestas caracterizações a criatividade mostra-se mais associada ao designer que ao próprio artesão, o

que se torna alvo de graves críticas às intervenções realizadas por órgãos de fomento ao artesanato. Também não está claramente indicado como analisar, avaliar e/ou mensurar aspectos relativos a qualidade dos objetos.

Além destas considerações sobre as definições de artessanato elaboradas por instituições de fomento, outras críticas dizem respeito ao fato de elas ressaltarem a perspectiva mercadológica do artesanato, ou mesmo representar um discurso desenvolvimentista sobre o tema (Leite, 2005; Cabral, 2007). De fato, são intituições que possuem como objetivo desenvolver o artesanato em sua perspectiva econômica, então, por mais que enalteçam os aspectos culturais e tradicionais do artesanato e valorizem o conhecimento herdado de gerações anteriores e passado de pais para filhos, não promovem discussões mais complexas e consistente sobre os temas como fizeram por exemplo Canclini (1983), Sennett (2009) e Rugiu (1998). Parece que a valorização dos aspectos culturais e tradicionais e, em alguns momentos até da aproximação dos objetos artesanais a objetos atísticos se tornam elementos de *marketing* para ampliar a comercialização dos produtos artesanais e, consequentemente, favorecer o valor econômico da atividade de trabalho.

Também identificamos na literatura científica francesa sobre artesanato a aproximação da atividade artesanal e dos objetos elaborados ao registro artístico, no entanto, no contexto francês eles são denominados *artisanat d'art*, que traduzimos como “artesanato d’arte”. Não é tarefa fácil definir este termo e as fronteiras que delimitam os grupos de profissionais que ele abrange é fluida. Por outro lado, os grupos profissionais investigados no âmbito de pesquisas sobre artesanato d’arte nos pareceu mais próximo ao grupo profissional que denominamos artesãos no contexto brasileiro. No Brasil, diferentemente do que ocorre na França, não denominamos padeiros, pintores de parede, encanadores ou trabalhadores da construção civil como artesãos. Por outro lado, ceramistas e profissionais que elaboram objetos a partir de couro, madeira, metal ou outros materiais não perecíveis são chamados de artesãos no Brasil, enquanto na França, eles são conhecidos como profissionais de métier d’arte ou artesãos d’arte.

A fim de compreendermos melhor os limites do termo, nos apoiaremos no estudo realizado por Jourdain (2014c) sobre o artesanato d’arte na França. A autora ressalta a importância da denominação, definição e delimitação deste grupo profissional, mesmo que neste momento, encontre problemas que a impede de cumprir satisfatoriamente todas as etapas.

Já na primeira etapa, de denominação do artesanato d'arte, a autora apresenta um impasse, que se refere à existência de duas expressões francesas para designar globalmente a mesma população profissional: "*artisanat d'art*" e "*métier d'art*". Na verdade, estas expressões não são estritamente sinônimas. Segundo sua inscrição jurídica, o termo *artisan d'art* (artesão d'arte) designa os chefes de empresa inscritos no repertório de profissões que receberam a qualificação de artesão d'arte. Por sua vez, a expressão "profissionais dos métiers d'arte" tem maior amplitude, ela se estende tanto aos trabalhadores quanto aos chefes de empresa que trabalham no domínio mal definido dos métiers d'arte.

A segunda etapa, que consiste em definir artesanato d'arte possui tão alto nível de complexidade, que Jourdain (2014c) chega a compará-la a um quebra-cabeças. Na verdade, não existe definição oficial para o termo, somente uma lista composta por aproximadamente 217 profissões. A existência deste inventário e não de uma definição substantiva parece atestar a heterogeneidade da categoria. Também deparamos com dificuldades no tocante à definição do termo métiers d'arte. Artigos da década passada apontam a inexistência de uma definição institucional para o termo, havendo apenas uma lista das profissões que compõem os métiers d'arte, classificados em 19 domínios (Kosianski, 2004).

Jourdain (2014c) também aponta a dificuldade em definir métier d'arte, mas Kosianski (2011) expõe a definição de profissionais de métier d'arte fornecida pelo *Ministère de l'Economie, de l'Industrie et de l'Emploi* (2008), segundo a qual o profissional de métier d'arte e de criação é aquele que, com uma certa competência técnica no tratamento de uma ou de várias matérias-primas, cria ou fabrica, só ou em equipe, uma pequena quantidade de objetos, apreciadas ao mesmo tempo por sua utilidade e beleza. Dois critérios permitem de apreender um métier d'arte: 1) um saber-fazer manual de excelência aplicada a uma matéria-prima, resultado de práticas tradicionais cujo domínio exige, em geral, um longo tempo de aprendizagem; 2) um objeto utilitário com forte conteúdo estético, único ou produzido em pequena série.

Além da dificuldade em definir métier d'arte, a diversidade de estatuto jurídico e de forma de organização das empresas absorve ampla variedade de profissões, desta forma, os profissionais do métier d'arte podem ser artesãos (inscritos no repertório de métiers), artistas (filiados à *Maison des Artistes*) ou trabalhadores independentes. Podem igualmente exercer a profissão como salariados de empresas artesanais ou industriais (no caso, por exemplo, das indústrias do luxo).

Por sua vez, a reunião destas profissões em três grandes grupos auxilia o entendimento sobre o que nos referimos, quando falamos em métier d'arte. Tanto Loup (2003), quanto Kosianski (2004) fazem menção a esta classificação, elaborada pela *Intitut National de Statistique et des Études Économiques* – INSEE que diferencia: 1) métiers de criação, aqueles que permitem a concepção ou realização de objetos originais; 2) métiers de tradição, que visam a realização de objetos tradicionais, a partir de modelos herdados do passado; e 3) métier de restauração/conservação, exercidos sobre patrimônio mobiliário ou imobiliário.

O fato de os profissionais recusarem a utilização do rótulo de artesão d'arte ou de profissional do métier d'arte incitou Joudain (2014c) a apresentar uma proposta de auto definição para conceituar artesanato d'arte. Desta forma, a autora sugere uma definição minimamente fundamentada sobre a atividade, essencialmente inspirada pelas definições extensivamente adotadas atualmente pelas instituições nacionais que são reconhecidas como exemplos mais legítimos de representação do artesanato na França. Por artesanato d'arte, designamos o conjunto de profissionais que fabricam sozinhos, ou eventualmente com ajuda de salariados, no espaço organizacional que eles dirigem. Os objetos são produzidos segundo vocação estética, a partir de um saber-fazer tradicionalmente ligado a um métier e aplicado a um material não perecível e que possuem a comercialização como fim.

Também é complexa a delimitação do artesanato d'arte, cujas fronteiras não são consensuais. Mesmo o tamanho da organização é um critério conflituoso em relação à delimitação do métier. As dificuldades de delimitação impossibilitam uma determinação exata do número de artesãos d'arte na França. Desta forma, os dados quantitativos apresentados sobre numero de organizações ou de salariados devem ser analisados com precaução, uma vez que a categoria está longe de ser considerada estável.

1.2 Artesanato: uma revisão da produção científica brasileira

Nesta seção, apresentaremos as publicações científicas brasileiras sobre artesanato, agrupando-as por área de estudo, expondo os problemas abordados por estes artigos. A base de periódicos Capes foi utilizada como fonte para termos acesso aos textos brasileiros sobre artesanato. Os descritores utilizados foram artesanato e artesão e impusemos duas limitações à

busca: o período de publicação dos textos limitado entre os anos de 2005 a 2014 e a revisão do periódico por pares, que a priori é uma garantia da qualidade do artigo científico lido, uma vez que sua avaliação foi realizada a partir de critérios científicos estabelecidos pela área de conhecimento e que avaliadores e autores permanecem anônimos um para o outro.

A partir dos descritores "artesanato" e "artesão", obtivemos respectivamente 122 e 35 resultados, sendo que os resultados que o descritor "artesão" apresentou já haviam sido encontrados a partir do descritor "artesanato". Desta forma, a etapa de leitura de reconhecimento, que possuiu como finalidade apenas identificar se o texto se referia ao tema artesanato, foi realizada com base em 122 resultados. Esta primeira leitura reduziu consideravelmente a quantidade de textos que passariam para uma etapa seguinte de análise.

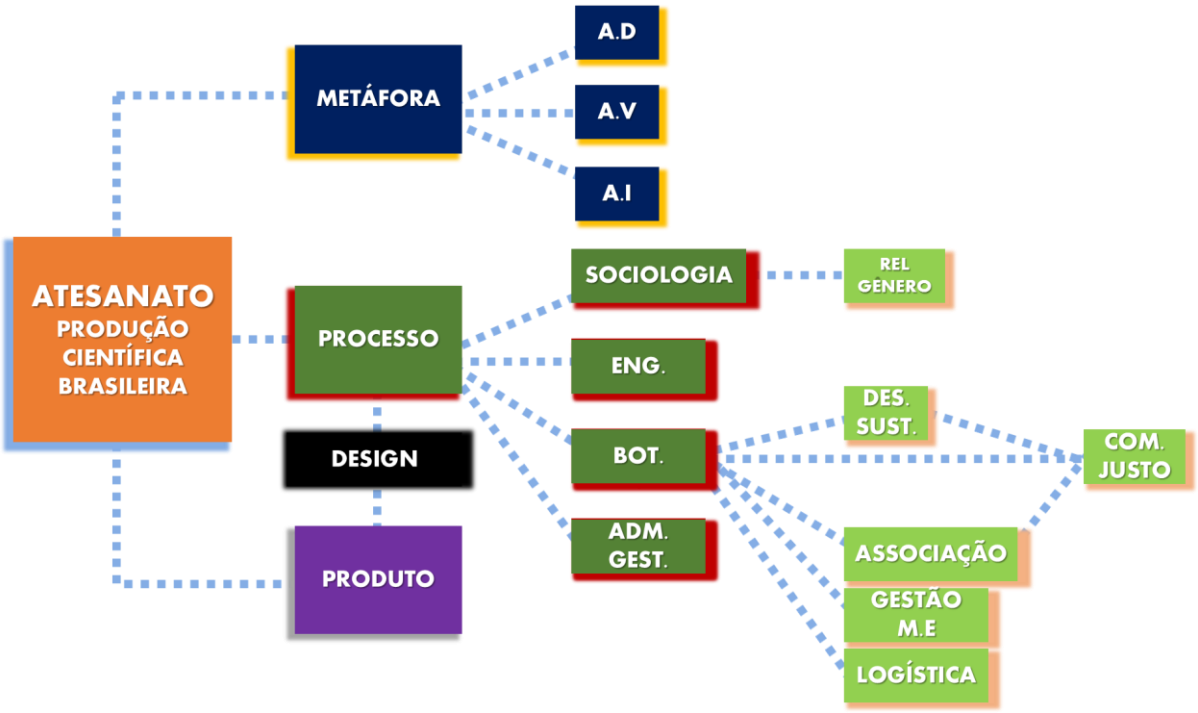


Figura 1.2. Eixos sistematizadores da literatura científica brasileira sobre artesanato

A leitura do título do texto, das palavras-chave e do resumo, permitiu-nos identificar que muitos dos resultados apresentados não tinham o artesanato nem como objeto de estudo principal, nem como pano de fundo da pesquisa. Muitas vezes, o resultado nos foi disponibilizado por apresentar o nome artesanato em alguma parte dos elementos textuais, ou até mesmo no título das referências citadas. Outro motivo que reduziu numericamente a quantidades de artigos foi a duplicidade, ou algumas vezes até a triplicidade de alguns deles.

Assim, a análise mais detalhada da literatura científica brasileira sobre artesanato foi realizada a partir de um conjunto de 22 (vinte e dois) artigos que estão organizados a partir dos três grandes eixos apresentados na seção anterior. Portanto, assumimos que a literatura científica brasileira trata o artesanato ora como metáfora, ora como processo, ora como produto, conforme ilustrado na Figura 1.2.

A partir da análise mais detalhada dos artigos científicos brasileiros, observamos que alguns utilizavam a palavra artesanal como analogia ou como metáfora, buscando inserir elementos da atividade artesanal na atividade intelectual, denominando-a artesanato intelectual (Fischer, 2010; Ortiz, 2006; Santos, 2009), ou na criação poética, onde o artesanato se qualifica como verbal (Oliveira, 2007), ou mesmo no mundo virtual, sendo denominado artesanato digital (Leitão, 2012). Tais pesquisas integram o eixo que compreende a atividade artesanal como metáfora ou como modelo a ser seguido. Em outros estudos, a palavra artesanato se refere à não-industrialização na forma como a atividade é realizada. Por exemplo, Pena, Freitas e Cardim, (2011) possuem como objeto de estudo a saúde de trabalhadores que realizam a atividade da pesca artesanal. Identificamos também análises sobre a dinâmica territorial em unidades produtivas do agro-artesanato familiar (Freitas & Saquet, 2010).

Na amostra de artigos pesquisados, havia ainda trabalhos no domínio da 1) etnobotânica; 2) engenharia; 3) antropologia e sociologia, relacionando a realização da atividade artesanal a relações de gênero; 4) administração e gestão; e 5) geografia, que fazem parte do eixo que compreende o artesanato como práticas sociais e/ou como processo e finalmente, encontramos estudos sobre artesanato no domínio do *design*, que analisam o objeto ou produto artesanal em si, mas também levam em consideração os aspectos processuais e culturais que estão no entorno do objeto artesanal, desta forma, os estudos sobre design conjugam elementos dos eixos que compreendem o artesanato como produto e como processo concomitantemente.

Os estudos brasileiros sobre <u>etnobotânica</u> avaliam características biológicas de folhas (Bortolotto & Guarim Neto, 2005) e sementes (Gonzáles-Pérez; Robert; Ferreira, 2011) que servem de matéria-prima para confecção de objetos artesanais. Guadagnin e Gravato (2013) descrevem as técnicas de coleta de lianas (cipós das florestas tropicais), que são explorados exclusivamente para o comércio de artesanato. Mas também examinam os aspectos econômicos da comercialização do artesanato produzido a partir deste vegetal.

O estudo do capim dourado (econtrado no Jalapão/TO), matéria-prima conhecida em função dos objetos artesanais, a partir dela construídos, é explorado em duas publicações de Schimdt, Figueiredo e Scariot (2007) e Schimdt, Figueiredo, Borghetti e Scariot (2008). Primeiramente, os autores buscaram identificar as técnicas de manejo e extrativismo, testar os efeitos da colheita sobre a ecologia populacional da espécie e caracterizar a importância econômica deste artesanato. A segunda publicação teve como escopo conhecer a época de produção e dispersão das sementes e seu potencial germinativo, a fim de garantir sustentabilidade econômica e ecológica deste extrativismo. As duas publicações conseguem associar o estudo etnobotânico do vegetal que é utilizado como matéria-prima para produção artesanal aos aspectos econômicos que envolvem a atividade.

O conhecimento científico produzido sobre o capim dourado fornecem informações sobre a melhor forma de efetuar a colheita e em qual período, desta forma propiciando a longevidade da utilização da matéria-prima na atividade artesanal. De maneira semelhante, observamos a utilização do conhecimento científico no domínio da engenharia para avaliar a qualidade da argila, utilizada com matéria-prima na realização dos objetos artesanais, na Baixada Campista/RJ (Ramos, Alexandre, Alves, Vogel e Gantos, 2008). A relação estabelecida entre meio acadêmico universitário e trabalhadores da região iniciou o processo de criação de uma tradição no artesanato em cerâmica, com enfoque tecnológico e científico. A contribuição oferecida pelos pesquisadores passa pelo aperfeiçoamento da produção artesanal de objetos em cerâmica, a partir da adoção de novas tecnologias de produção e apontaram a necessidade da adoção de mecanismos de registro e da sistematização do saber adquirido, pois garante a apropriação do processo para além do lugar e tempo em que ele é produzido.

Os artigos científicos que avaliam 1) as características biológicas das folhas e sementes utilizadas como matéria-prima na produção de objetos artesanais (Bortolotto & Guarim Neto, 2005; Gonzáles-Pérez; Robert; Ferreira, 2011); 2) aspectos relativos à germinação e extração evegetal (Guadagnin e Gravato, 2013; Schimdt et al., 2007; Schimdt et al 2008); e 3) as características da argila, além de realizar mapeamento e classificação da mesma são exemplos de estudos que corroboram a faceta interdisciplinar do artesanato. Tais publicações enriquecem as análises sobre o tema, examinam características econômicas e sustentáveis da produção artesanal, avaliam a importância local da espécie vegetal e dos impactos da realização da atividade artesanal sobre a comunidade, além de apontar soluções

e/ou alternativas para o desenvolvimento do artesanato, sobretudo no tocante a matéria-prima utilizada na produção artesanal.

Preliminarmente, identificamos dois estudos de gênero, nos quais a atividade artesanal aparece como opção de trabalho para mulheres de uma determinada localidade e para as quais o trabalho artesanal feminino é o elemento ordenador da economia doméstica. Albuquerque e Menezes (2007) analisam a atividade artesanal como fonte de renda, perpassada por relações de gênero em Camalu (município do Cariri paraibano). Por sua vez, Torres (2007) investigou o artesanato indígena, em olaria, confeccionado pelas mulheres ticunas, no estado do Amazonas. A autora retrata o trabalho artesanal, a partir de seu significado social, contudo, analisa também a função econômica desta atividade, da associação, criada pelas artesãs, a fim de organizar e ampliar a comercialização dos objetos produzidos.

Identificamos também estudos no domínio da administração e da gestão, estes trabalhos tratam sobre comércio justo, associativismo e desenvolvimento territorial sustentável (Martins, 2014; Schimitt & Moreto Neto, 2011), estruturação do trabalho, desempenho e sistema de gestão em cooperativas artesanais (Rocha-Pinto, Irigaray e Silva, 2011), ou mesmo de estratégias logísticas e gestão de micro-organizações artesanais (Pimentel; Cavieri; Silva, 2009).

O texto de Schimitt e Moreno Neto (2011) segue caminho muito semelhante ao proposto por Martins (2011), pois também estuda a inserção do comercio justo e do desenvolvimento sustentável baseado na produção e comercialização de cestas produzidas artesanalmente por indígenas do nordeste da Amazônia. No entanto, Schimitt e Moreno Neto (2011) são mais abrangentes, pois analisam como as experiências de associativismo e de comércio justo da organização Toca Tapetes contribuem para o desenvolvimento territorial sustentável no município de Araranguá/SC.

Quanto aos estudos realizados por Pimentel, Cavieri e Silva (2009) e Rocha, Irigaray e Silva (2011), ambos analisam sistemas de gestão de organizações artesanais, no entanto, o primeiro estudo descreve e analisa a estratégia de posicionamento logístico, sobretudo as estratégias de produção e de gestão de operações, em pequenas empresas familiares inseridas no contexto da Feira de Artes, Artesanato e Produtores de Variedades de Belo Horizonte/MG. Enquanto o segundo analisa o sistema de gestão de uma cooperativa artesanal, especificamente a Cooperativa de Trabalho Artesanal e de Costura da Rocinha – COOPA

ROCA (localizada na Rocinha/RJ) e desvela os principais elos entre as categorias de atividade na cadeia de valor desta cooperativa.

Em minoria estão os estudos no domínio do *design* e da geografia. Em relação ao *design*, discute-se como o artesanato é influenciado concomitantemente por práticas do *design*, consideradas atuais e pelos saberes tradicionais, transmitidos através de gerações e por isso, considerados antigos, formando assim o "artesanato-*design*" (Sapiezinskas, 2012). E no domínio da geografia, exploram-se as interações entre as sociedades e as naturezas dos lugares que formam o espaço nordestino de produção de redes de dormir (Carneiro, 2008). O conjunto de 22 (vinte e dois) artigos analisados nesta seção, os autores, ano de publicação e tema central estão registrados de forma sintética na Figura 1.3.

Autor	**Ano**	**Tema**
Fischer	2010	Artesanato intelectual
Ortiz	2006	
Santos	2009	
Oliveira	2007	Artesanato verbal
Leitão	2012	Artesanato digital
Pena, Freitas e Cardim	2011	Pesca artesanal
Freitas e Saquet	2010	Agro-artesanato familiar
Gonzáles-Pérez; Robert; Ferreira	2011	Etnobotânica. Características biológicas das semenstes e folhas e exame de aspectos econômicos do artesanato produzido
Bortolotto e Guarim Neto	2005	
Guadagnin e Gravato	2013	Etnobotânica. Exame das técnicas de extração do vegetal e aspectos econômicos do artesanato produzido a partir dele
Schimidt, Figueiredo, Borghetti e Scariot	2008	Etnobotânica. Análise do potencial germinativo do capim dourado e das técnicas utilizadas na sua colheita para garantir sustentabilidade ecológica e econômica do extrativismo
Schimidt, Figueiredo e Scariot	2007	
Ramos, Alexandre, Alves, Vogel, Gantos	2008	Engenharia. Análise da argila para confecção de objetos artesanai
Torres	2007	Relações de gênero. Exame do significado social do artesanato produzido por mulheres indígenas
Albuquerque e Menezes	2007	Análise das relações de gênero na produção de renda no Cariri paraibano

Martins	2014	Comércio justo e desenvolvimento sustentável na produção artesanal
Schimitt e Moreno Neto	2011	Comércio justo, associativismo e desenvolvimento sustentável em uma organização artesanal
Ferreira, Lima e Gracioli	2009	Desenvolvimento sustentável
Rocha-Pinto; Irigaray; Silva	2011	Adminstração geral. Estruturação do trabalho, desemprenho e sistema de gestão em cooperativas artesanais
Pimentel, Cavieri e Silva	2009	Gestão de micro-organizações. Estratégia logísticas e gestão de micro-organizações artesanais
Sapiezinska	2012	Influência de práticas do design no artesanato
Carneiro	2008	Geografia. Interações entre sociedades e naturas no espaço nordestino de produção de redes de dormir

Figura 1.3. Publicações brasileiras sobre artesanato, periódicos Capes revisados por pares

Como apresentado, não identificamos uma grande quantidade de artigos científicos brasileiros sobre artesanato, sobretudo quando limitamos nossa escolha a periódicos submetidos à revisão por pares. No entanto, quando lançamos o olhar a publicações disponíveis na plataforma Capes, sem restrições, identificamos outros artigos que abordam as questões de gênero relacionadas à atividade de trabalho artesanal (Albuquerque & Menezes, 2007; Branco, 2011; Castro & Eggert, 2012). Além de estudos no domínio da administração/gestão que abordam temas como comércio justo (Martins, 2011) e desenvolvimento sustentável para a atividade artesanal (Schimitt & Moreno Neto, 2011), encontramos publicações que exploram aspectos relativos à carreira de mestres artesãos (Duarte & Silva, 2013), à exportação de objetos artesanais (Vidal, 2010), à inovação em cooperativas artesanais (Caetano & Muylder, 2010) e uma análise das organizações de produção artesanal sob a perspectiva das teorias organizacionais (Vergara & Silva, 2007). Também identificamos estudos no domínio da psicologia, que examinam as condições de trabalho artesanal relacionadas à saúde da artesãs envolvidas na atividade (Cunha & Vieira, 2009).

Por sua vez, evidenciou-se que a relação entre *design* e artesanato vem sendo amplamente explorada tanto em publicações em formato de artigos (Mazza, 2007; Castro, 2009; Freire, 2007), quanto em dissertações e teses (Resende, 2008; Guimarães, 2010;

Johann, 2010). No entanto, apenas Sapiezinkas (2012) nos é disponibilizado na plataforma Capes, como artigo revisado por pares.

Além da dificuldade de encontrar os artigos em periódicos nos quais se pressupõe haver uma maior qualidade dos artigos publicados, devido a etapa de revisão dos mesmos por pares, também são raras as publicações sobre o artesanato brasileiro em periódicos internacionais. Não foi nosso objetivo procurar estudos nacionais que tivessem alcance internacional, no entanto, após meses de buscas incessantes de referencial teórico sobre artesanato em bases de dados nacionais e internacionais encontramos apenas um artigo que trate do artesanato brasileiro, publicado em periódico internacional (Silva, Cordeiro, Silva, Andrade, Cavalcanti, 2012).

No entanto, apesar de algumas dificuldades referentes a critérios quantitativos e qualitativos das publicações científicas sobre artesanato no Brasil, também identificamos uma relação que possui as ferramentas necessárias para gerar bons frutos em relação à ampliação dos estudos sobre artesanato, que vêm a ser algumas uniões que começam a se estabelecer entre grupos de artesãos e universidade. Estas relações se se caracterizarem como relações duradouras, serão benéficas aos grupos de artesãos e também à ciência, que poderá ter acesso a maior quantidade de dados de pesquisa, além de poder analisá-los de maneira longitudinal. A união artesanato-universidade já começou a estimular a produção de textos científicos, como identificamos no caso do artigo que pertence ao domínio da engenharia, que avalia a propriedades da argila e sua adequação à produção artesanal (Ramos *et al.*, 2008). Compreendemos que tal associação se apresenta como uma solução viável para o desenvolvimento estável das pesquisas sobre o tema.

1.3 Artesanato: uma revisão da produção científica francesa

No que se refere aos artigos científicos franceses sobre artesanato, estes foram obtidos junto à base de dados CAIRN.INFO (http://www.cairn.info/), uma plataforma que reúne periódicos francófonos pertencentes ao domínio das ciências humanas e sociais. A plataforma disponibiliza revistas científicas e *e-books* em diversas disciplinas, como história, arte, psicologia, ciências sociais e políticas, economia e gestão, dentre outras. A fim de podermos

estabelecer um paralelo entre as duas construções científicas sobre o tema, partimos de critérios comuns para a seleção dos artigos científicos, usando evidentemente o mesmo período de publicação dos artigos, entre os anos de 2005 e 2014 e descritores afins "*artisanat*", "*artisan*" e "*artisanat d'art*". Desta forma, foi-nos disponibilizado inicialmente 1.957 (mil novecentos e cinquenta e sete) resultados, dos quais 294 foram identicados como adequados para uma análise posterior mais detalhada.

Devido à peculiaridade da definição francesa de artesanato e à imprecisão quanto ao delineamento dos grupos profissionais que pertencem ao artesanato e aos *métiers d'arte*, deparamo-nos com uma dificuldade relativa à seleção dos artigos que comporiam a amostra de publicações alvo da nossa análise. A adversidade se deu ao fato de alguns artigos que nos foram disponibilizados possuírem como objeto de estudo organizações que se enquadram como artesanato, conforme definição francesa oficial sobre o tema, contudo, estas mesmas organizações não seriam consideradas artesanais segundo critérios aceitos e difundidos no Brasil, a exemplo de organizações artesanais compostas por profissionais açougueiros e/ou encanadores. No entanto, por serem empresas que possuíam menos de dez assalariados e por pertencerem ao grupo de profissões definidas pelo "*repértoire de métiers*" se encaixam na definição francesa de artesanato.

Assim, o critério influenciador da decisão de manter estes textos para análise, mesmo quando eles não condizem com a realidade artesanal brasileira, foi o de adequar-se ao grupo de profissões que pertencem ao artesanato na França. Ressaltando que, em alguns momentos, o grupo que está sendo analisado sob a ótica de um referencial teórico científico, pode se referir a um grupo de profissionais que no Brasil não é considerado um grupo de artesãos, como por exemplo, restauradores de estofado ou cabeleireiros.

De maneira semelhante ao que ocorreu na análise da literatura científica brasileira sobre artesanato, uma segunda análise um pouco mais minuciosa ainda reduziu o quantitativo de artigos a passarem para uma etapa de análise crítica. Desta forma, ao invés de 294 foram analisados 45 (quarenta e cinco) artigos disponibilizados pela plataforma CAIRN.INFO. Estes estudos, oriundos de distintas áreas de conhecimento (história, arqueologia, gestão e economia e ciências sociais) serão apresentados a seguir.

Em menor número, identificamos estudos arqueológicos e históricos sobre artesanato. Os primeiros se valem de achados arqueológicos para enriquecer o conhecimento

existente sobre os antigos modos de fazer. Encontramos três estudos arqueológicos que se dedicam à investigação de modos de fazer artesanais. O artigo de Deru e Fronteau (2007) trata da descoberta de um atelier de ceramistas em espaço onde se ia construir uma escola. O material encontrado e examinado no sítio arqueológico se refere a uma volumosa produção de cerâmica belga. Nos trabalhos de Williate (2005, 2006) são examinadas diversas formas de calçados em couro produzidos por artesãos, também a partir de estudos arqueológicos.

Por sua vez, variados são os escopos dos estudos históricos sobre o artesanato. Anheim (2013) aborda a divisão hierárquica do trabalho artesanal na idade média, a partir das reflexões elaboradas por diversos historiadores, que consideram o trabalho como um registro da ação privilegiado na construção de hierarquias e de identidades sociais. Já Rivière (2008) aborda o tema da regulamentação dos métiers durante a idade média, analisando especificamente o caso de cidades da região francesa da Normandia. Segundo o autor, a regulamentação do métier não garantia necessariamente o monopólio (no sentido moderno do termo), no entanto ela oferecia aos artesãos uma ferramenta jurídica que poderia ser utilizada contra os concorrentes. Curveiller (2011), nas suas análises, retrata as pequenas cidades do litoral flamengo, que como todos os centros urbanos no fim da Idade Média estão ligados à atividade artesanal. No entanto, elas não estão voltadas a atividades lucrativas do mercado internacional, mas visam o consumo local.

Identificamos ainda dois trabalhos que analisaram a produção têxtil relacionadas a atividade artesanal. Ferguène e Banat (2012) adotam a perspectiva histórica e expõem os principais fatores e mecanismos que determinam a evolução da atividade têxtil, analisando a dinâmica de um território urbano antigo (Alpep, na Síria) onde a atividade têxtil é praticada. Os autores concluem, a apartir das análises realizadas, que o artesanato da região passou por dificuldades nas últimas décadas e não se constitui mais a base da dinâmica do território. Já Uthman (2008) analisa a produção de linho no século XVIII, ressaltando as etapas de fabricação, as profissões, os tipos de produção, os problemas de comercialização e os proprietários dos ateliers.

Ademais, existem também os pesquisadores de administração e gestão que se preocupam em estudar o artesanato. Ba (2006) constatou que com a crise do assalariamento, o setor artesanal que se caracteriza pela fragilidade capitalista, torna-se um reservatório de emprego e passa a atrair olhares dos setores da economia, bem como de disciplinas científicas, que são seduzidas também pelo interesse em compreender as metamorfoses

vivenciadas pelas organizações artesanais nas últimas duas décadas, conforme retrata Jorda (2006). O interesse científico se reflete no volume de artigos publicados, os quais organizamos por autoria, ano e tema abordado na Figura 1.4.

Autor	Ano	Tema/Assunto abordado
Paradas & Polge	2010	Transformações mundiais e ampliação das competências exigidas pelo métier.
Jorda	2006	Passagem do artesanato para o empresariado, a partir de uma perspectiva histórica. Empreendedorismo. Atual primazia da gestão sobre o trabalho artesanal
Paturel & Richomme-Huet	2007	Aproximação teórica das atividades artesanais e empreendedoras. Os autores propõem uma reflexão sobre as características conciliáveis do artesão e do empreendedor.
Kizaba	2006	Empreendedorismo artesanal. Foco na trajetória empreendedora do artesão, mais que a acepção jurídica da empresa ou que a maturidade profissional do artesão.
Polge	2008 a, b	Estratégias artesanais empreendedoras analisadas a longo prazo.
Rivet	2007	Perfil do dirigente da empresa artesanal relacionado à sobrevivência ou falência da empresa.
Cognie & Aballéa	2010	Analisam a relação entre ancoragem local e social dos artesãos e sua forma de gestão singular e antecipadora das novas estruturas produtiva.
Foucard & Polge	2006	Inovação nas empresas artesanais
Boldrini, Chéné e Journé-Michel	2011	Inovação artesanal, apoiada sobre as redes de proximidade (em serviço).
Loup & Rakotovahiny	2010	Criatividade artesanal como fonte originária na inovação
Boutillier & Fournier	2009	Responsabilidade social empresarial (RSE)
Boutillier, Contant e Fournier	2008	Ecoconcepção para a realidade das empresas artesanais. (mesmo sem saber da nomenclatura para as práticas)
Paturel & Richomme-Huet	2010	Aplicação do conceito de Inteligência Econômica (IE) no contexto particular das empresas artesanais
Polge	2009	Reflexão sobre técnicas de investigação científicas utilizadas no estudo sobre empresas artesanais.
Thevenard-Puthod & Picard	2006	Transferência da micro empresa artesanal
Freyman & Richomme-Huet	2009	Transferência da micro empresa artesanal
Barbot-Grizzo	2012	Transferência da micro empresa artesanal

Brillet & Hulin	2009	O exercício profissional dos "*compagnons*"
Marcq	2006	Engajamento dos assalariados de micro empresas artesanais
Kosianski	2011	Desenvolvimento econômico e territorial relacionado à prática de métiers d'arte.

Figura 1.4. Publicações CAIRN.INFO em Adminstração, Gestão & Economia, sobre artesanato.

No conjunto de trabalhos no campo da administração e gestão vale destacar aqueles que investigam aspectos de inovação, empreendedorismo e criatividade em empresas artesanais, questões de interesse particular da presente tese. As transformações mundiais impõem aos artesãos a mobilização de competências que estão fora do escopo técnico da atividade artesanal, competências estas concernentes a elementos comerciais, jurídicos e sociais (Paradas & Polge, 2010). Desta forma, o artesão se percebe envolvido com atividades de gestão da empresa, de comercialização do produto, que são atividades mais propícias ao surgimento de características inovadoras e empreendedoras.

Tendo como tema central o empreendedorismo, encontramos cinco publicações científicas no domínio da adminstração. Entre elas, uma parte de uma perspectiva histórica que apresenta fatos desde o período das corporações de ofício até os dias atuais das empresas artesanais e aponta indícios que incitam a considerar o artesão como um empreendedor no sentido schumpetriano (Jorda, 2006). Identificamos também uma proposta de aproximação teórica das atividades artesanais e empreendedoras, analisando a evolução do estatuto de artesão, que, em alguns casos, deixa de realizar atividades relativas apenas ao métier e passa a realizar atividades de gestão do negócio (Paturel & Richomme-Huet, 2007).

Por sua vez, ambos Kizaba (2006) e Polge (2008 a,b) analisam trajetórias empreendedoras. No entanto, a análise de Kizaba (2006) se dá em nível individual, apontando que as trajetórias empreendedoras trilhadas pelos artesãos são mais importante que a acepção jurídica da empresa artesanal ou a maturidade profissional do artesão. Enquanto Polge (2008 a,b) visa compreender as trajetórias seguidas pelas empresas artesanais em desenvolvimento. A autora também ressalta que as micro empresas se distinguem das empresas de grande porte em virtude da forte personalização de suas práticas estratégicas. Além da ampla personalização das práticas estratégicas, observamos que no caso das micro empresas, mais que para empresas de grande porte, a força da ligação entre a personalidade do dirigente é preponderante para a sobrevivência da empresa (Rivet, 2007).

A presença de iniciativas de caráter inovador nas empresas artesanais está pautada na ancoragem local e social dos artesãos (Cognie & Aballéa, 2010; Foucard & Polge, 2006; Boldrini, Chéné e Journé-Michel, 2011). Apesar de comumente se difundir que o artesão possui uma imagem pouco inovadora e empreendedora, ou mesmo passeísta e pouco adaptada à globalização, Cognie e Aballéa (2010) sugerem que o modo de organização e gestão da empresa artesanal, regulado por interações estreitas dentro da própria empresa e com os clientes, tornam o artesão uma figura singular e antecipadora das novas estruturas produtiva. Desta forma, diferente das grandes empresas que geralmente inovam em tecnologia, as inovações artesanais se dão em serviços (Boldrini *et al*, 2011) e estão ligadas às relações humanas de proximidades estabelecidas (Foucard & Polge, 2006).

A fim de identificar os pré-requisitos da inovação e compreender como as relações de proximidade com clientes e fornecedores permitiram que os artesãos ultrapassassem as atividades rotineiras para explorar outras atividades de maior potencial, Boldrini *et al* (2011) constataram que as relações sociais dos artesãos são informais, porém personalizadas e frequentemente combinam atividade econômica e relações de amizade. Os artesãos investigados eram nativo do lugar onde exerciam a atividade profissional e por isso tinham uma forte ligação com o território. Ainda, as pessoas com as quais eles possuíam vínculo familiar-afetivo também trabalhavam na organização. Assim, pode-se dizer que a organização artesanal compreende de fato um conjunto de proximidades. Então, a inovação produzida pelos artesãos se inscreve necessariamente na proximidade de recursos e de oportunidades das quais ele pode se beneficiar.

Conforme Loup e Rakotovahiny (2010) as origens da inovação encontram-se na criatividade artesanal. A valorização da criatividade contribui com a valorização do aspecto intelectual imbricado à atividade artesanal, apontando que o trabalho manual é essencial, mas não suficiente para garantir a qualidade do trabalho realizado, posto que, por trás do trabalho manual, há um trabalho intelectual, de reflexão imaginativa que permite o artessão conceber e elaborar projetos.

Além do estudo de temas como inovação e empreendedorismo, considerados assuntos tipicamente tratados no contexto de indústrias e empresas comerciais, também existem estudos sobre responsabilidade social associada a micro empresas artesanais. Apesar de ser um conceito cujos estudos originais se dão no contexto das empresas acima descritas, também deve ser uma preocupação das empresas artesanais, que em vários casos são socialmente

responsáveis sem sabê-lo, ou seja, que estão atentas à gravidade das questões ambientais e sanitárias, mas desconhecem o termo científico que delimita tal prática (Boutillier & Fournier, 2009).

Ainda analisando o conceito de responsabilidade social aplicado às organizações de artesanato, Boutillier, Contant e Fournier (2008) analisaram a aplicação do termo eco-concepção para a realidade das empresas artesanais, na tentativa de oferecer respostas à questão do desenvolvimento durável, que vem se impondo desde as duas ultimas décadas. Os autores reforçaram que apesar de as empresas artesanais serem comumente apresentadas como um tipo de organização sobrevivente de um tempo passado, na verdade, elas são um elemento de progresso, que interagem com as mudanças mundiais, entre elas a necessidade de serem socialmente responsáveis.

Beneficiando-se da relação estabelecida entre universidade e um clube de dirigentes de artesãos, estudos puderam apontar 1) todas as etapas do processo de inserção do sistema de Inteligência Econômica –IE nas práticas cotidianas das empresas artesanais, desde a etapa de conscientização dos seus benefícios (facilitação da tomada de decisão, especialmente estratégica) a sua implantação propriamente dita (Paturel & Richomme-Huet, 2010); e 2) o tipo de pesquisa científica, denominada "*recherche actée*" (nomenclatura em inglês *action research*) como um meio de compreender as práticas das empresas artesanais, a fim de elaborar ferramentas que auxiliem estas empresas na tomada de decisão (Polge, 2009). A autora apresenta as características científicas da investigação realizada, há sete anos, junto a grupo de dirigentes artesãos que compõem o clube Languedoc-Roussillon e afirma que este é um desenho metodológico bem adaptado às micro empresas e que permite avaliar os fenômenos complexos em profundidade.

Os estudos sobre transmissão ou transferência da micro empresa de um gestor para outro evidenciam o papel central da confiança no processo de retomada de uma empresa artesanal (Thevenard-Puthod & Picard, 2006); os obstáculos no momento de transferência geracional da rede social (Freyman & Richomme-Huet, 2009) e a necessidade de preparar os dirigentes e a empresa para esta transmissão (Barbot-Grizzo, 2012). As principais contribuições destes estudos estão, respectivamente, em: 1) identificar a origem da confiança no processo de retomada de uma empresa artesanal, examinando como ela se desenvolve entre os protagonistas da organização artesanal; 2) ampliar o conhecimento sobre o êxito da sucessão nas empresas familiares e no plano prático, favorecer uma melhor apreensão dos

atores e de suas interações; e 3) promover a preparação contínua para o momento de transferência da organização (através da gestão conjunta de um projeto de vida do diretor e do projeto de transmissão da sua empresa) o que o tornará menos complexo e doloroso.

Ainda no domínio da administração, porém mais especificamente sob a perspectiva da disciplina de Recursos Humanos, encontramos pesquisas que se deidcaram ao exame das transformações às quais está submetido o métier de "*compagnons*" (nomenclatura aplicada ao métier que ocupa posição intermediária na hierarquia artesanal, localizado entre aprendizes e artesãos) e a importância das tradições e dos conhecimentos consolidados na preparação para lidar com que impactam no métier (Brillet & Hulin, 2009).

Também preocupado em como enfrentar as novas transformações vivenciadas pelas pequenas empresas artesanais, Marcq (2006) argumenta que para enfrentá-las se impõe um engajamento e suporte constantes dos salariados. O autor adota perspectiva tridimensional do engajamento (implicação, responsabilidade e abertura para o futuro), a partir dos quais se obtém reciprocidade, no sentido de que administradores e administrados se engajem para atender as perspectivas que um possui do outro e vice-versa.

Propondo uma aproximação entre economia e cultura, Kosianski (2011) ressalta que devemos considerar a ligação existente entre métiers d'arte e território. Como patrimônio cultural imaterial, os métiers d'arte participam do sentimento de pertencimento dos habitantes e possuem um papel na constituição das identidades socias e profissionais. O autor coloca a cultura como fonte do desenvolvimento econômico. A aplicação de instrumentos de análise do desenvolvimento econômico e territorial aos métiers d'arte permite considerá-los, ao mesmo tempo, como produto/resultado e fonte do desenvolvimento econômico.

Quanto aos <u>estudos no domínio da sociologia</u>, Perrenoud (2012) afirma que em um contexto geral de fragmentação e autonomia do trabalho, o artesanato se apresenta como atividade marcada pelo regime neo gerencial, que valoriza criatividade, adaptabilidade, capacidade de improvisar e implicação pessoal. Todas estas características estão no cerne da combinação entre arte e métier, onde se encontram as principais problematizações investigadas pelos sociólogos do trabalho artístico. Em outras palavras, o objeto de estudo destes sociólogos consiste na relação estabelecida entre técnica objetivável e criatividade, que estão às margens do mundo da arte e do trabalho independente. O conjunto de estudos

sociológicos com foco especificamente no artesanato e artesanato d'arte serão apresentados na Figura 1.5.

Autor	Ano	Tema/Assunto abordado
Jourdain	2012a	Criação de quatro tipologias de artesãos, segundo regime artístico ou artesanal e reputação.
Jourdain	2010	Singularização dos objetos como estratégia de comercialização
Jourdain	2013	Realação entre a ética da profissão e a adoção de estratégias de diversificação da produção e do preço.
Jourdain	2014a	Vigilância empresarial no contexto das organizações de artesanto d'arte.
Jourdain	2014b	Reconverção ao artesanato d'arte
Bajard	2012	Identidade profissional
Bajard	2013	Aspectos positivos do trabalho artesanal
Bajard & Perrenoud	2013	Aspectos positivos do trabalho artesanal
Perrenoud	2008b	Diferentes perfis artesanais, na construção civil
Perrenoud	2009	Artesanato d'arte na construção civil
Perrenoud	2009b 2012	Complexidade da relação entre métier e arte, a partir da análise das profissões de artesãos da construção civil e de músicos.
Mazoud	2012	Divisão do trabalho artesanal.
Crasset	2013	Saúde do trabalho, para artesãos ferreiros.
Schwint	2005	Processo de rotinização do trabalho artesanal
Perlès	2007	Reflexões sobre adaptações do objeto artesanal influenciadas pelas expectativas do consumidor extrangeiro

Figura 1.5. Publicações CAIRN.INFO em Sociologia, sobre artesanato.

Dentre os estudos sociológicos apresentados, destacam-se os artigos oriundos dos trabalhos de doutorado de Jourdain (2012b) e Bajard (2014). Em suas teses, as autoras abordaram terrenos suficientemente próximos, mostrando o que podemos considerar como espaço profissional emblemático da ambiguidade entre arte e métier: o mundo do artesanato d'arte. Jourdain (2012b) aponta quanto o espaço profissional do artesão d'arte é diversificado, a tal ponto que figuras profissionais como artesão de elite, artesã criadora, artistas de renome ou humildes *façonniers* pertencem ao mesmo grupo profissional. Olhando especificamente para um grupo de artesãos d'arte, os (as) ceramistas criadores(as), Bajard (2014) conduziu uma etnografia deste métier, examinando a inscrição destes profissionais no espaço simbólico

da legitimidade cultural e artística, bem como elementos que provocam a unificação e a divisão profissional.

Após um estudo extensivo que visa estruturar um setor particularmente diverso, o setor dos artesãos d'arte, a partir da criação de quatro perfis artesanais, diferenciadas segundo regime artístico ou artesanal e segundo baixa ou alta reputação (Jourdain, 2012a), Jourdain (2010) analisa as as estratégias conduzidas pelos artesãos d'arte para singularizar seus objetos e fazer da qualidade uma solução e/ou uma alternativa para a concorrência pelo preço. A autora aponta alguns dispositivos concretos elaborados pelos artesãos para formar o mercado. Através do contato face-a-face, eles têm a possibilidade de informar, educar e modificar os esquemas de percepção e apreciação dos consumidores, que deixam de ser consumidores "ordinários", para serem consumidores engajados à ética compartilhada pelos artesãos.

Ainda analisando questões relativas à qualidade da produção e preço do objeto artesanal, Jourdain (2013) tenta compreender a relação ambivalente entre a estratégia de diversificação da produção e do preço com a ética da profissão. A estratégia de diversificação consiste precisamente em desenvolver concomitantemente dois tipos de produção, uma considerada como principal pelos artesãos d'arte e outra cuja vocação primeira é a rentabilidade. Contrariamente à produção principal, a produção de diversificação recai visivelmente no âmbito comercial tão reprovado pelo mundo das artes e por esta razão, a estratégia de diversificação questiona a fronteira entre conformidade e desvio nesta profissão. Por outro lado, os artesãos d'arte argumentaram que a renda obtida através da produção diversificada assume o papel importante de permitir que eles se dediquem à produção principal, uma vez que sem ela, não seria possível garantir uma renda mínima que assegurasse o tempo e as condições necessárias para dedicação à produção principal.

Ainda abordando o tema da diversificação produtiva praticada por artesãos d'arte para conseguirem viver da produção, observa-se a necessidade de analisar a origem social da vigilância empresarial[1] que é, por sua vez, moldada pela ética profissional (Jourdain, 2014a). A autora sociologiza o conceito de vigilância empresarial forjado pelo economista Israel Kirzner, a fim de analisar seu funcionamento e seus limites no contexto das ações empresariais dos artesãos d'arte.

[1] Israel Kirzneré economista e pertence à escola neo-austríaca. Suas principais contribuições à ciência econômica dizem respeito ao papel do empreendedor.

Finalmente, Jourdain (2014b) mostra a transição vivida por profissionais que interromperam suas carreiras socialmente prestigiosas para se instalarem por conta própria como artesãos d'arte. Fundamentada essencialmente sobre a análise de entrevistas biográficas, esta comunicação mostra que a transição profissional vivida por estes indivíduos repousa sobre um duplo processo de desengajamento e reengajamento, configurando um período de entusiasmo, mas também de angústias em função da irreversibilidade do fato.

Diferente de Jourdain (2012 a,b) que possui como sujeito artesãos d'arte de diferentes tipologias, Bajard (2014) detem seu foco na análise de um ofício de artesanato d'arte, examinando especificamente um grupo de profissionais ceramistas criadores franceses. A autora analisa a construção da identidade destes trabalhadores, considerando que os ceramistas estão inscritos em um meio profissional ambivalente, uma vez que trabalhar a cerâmica exige ao mesmo tempo competências artísticas e competências do "homem de métier". A posição híbrida na qual se situa o ceramista criador é constatada a partir da diversificação da sua atividade e do posicionamento oscilante entre o "métier modesto" e o "grande artista" (Bajard, 2012).

Lançando o olhar sobre o trabalho independente dos ceramistas criadores, Bajard (2013) e Bajard e Perrenoud (2013) contribuem para análise dos critérios em jogo na relação entre qualidade do emprego e trabalho independente. Os autores defendem a ideia de que, no caso dos ceramistas criadores, as recompensas não-monetárias do trabalho artesanal (valor axiológico do trabalho e qualidade de vida) sobrepujam as inúmeras dificuldades enfrentadas cotidianamente, por exemplo a incerteza do ganho financeiro, o esforço físico e a fadiga provocados pelos movimentos exigidos pela atividade com a terra. A relativa precariedade econômica vivenciada por estes profissionais é acompanhada por uma felicidade no trabalho que parece, pelo menos em parte, recompensar o precário benefício financeiro.

Perrenoud (2008b, 2009) se refere ao trabalho independente em contexto rural, mais especificamente ao trabalho dos artesãos da construção, pedreiros e carpinteiros, nos Hautes-Corbiéres (na região Sul da França). A análise das interações estabelicidas na atividade profissional permitiram definir três perfis típicos dos artesãos da construção: "*bricoleur*", profissional e criador, que correspondem a diferentes formar de falar sobre a profissão e de fazê-la, além das diferenças entre: equipamentos utilizados no trabalho, maneira como aprenderam o ofício, formação escolar do profissional, tipo de contrato de trabalho, clientela, dentre outros.

O artesão profissional se diferencia do artesão bricoleur por seu nível de formação. A qualidade do trabalho do profissional é objetivada por diplomas. A profissionalização produz um modelo de identidade de trabalho de grande eficácia sobre o mercado local. operando uma ruptura com a cultura do métier, o artesão se torna, ao mesmo tempo, chefe de empresa e técnico superior, detentor de um saber teórico e que desenvolve uma cultura profissional. Desta forma, uma vez que a tendência geral passa a ser de profissionalização, há alguns que avançaram um pouco mais e que desenvolveram uma identidade de trabalho, estes são os artesãos criadores, que apresentam um trabalho diferenciado, mais refinado esteticamente e mais suscetível ao gosto da nova população, da região estudada.

Perrenoud (2008a, 2012) estabelecendo comparações entre artesãos criadores da construção civil, também denominados artesãos construtores de alta classe e músicos instrumentistas pertencentes aos degraus inferiores da pirâmide profissional, apresenta- nos a complexidade da relação entre métier e arte, quando a partir da apresentação destes dois espaços socioprofissionais, onde a priori um está mais vinculado ao universo artístico (músicos) e o outro ao contexto do métier (artesão construtor), faz-nos perceber que o artesão se insere de forma mais legítima no domínio da criação que o músico, que apresentam capital cultural escolar fraco e valores profissionais opostos aos encontrados no domínio legítimo da cultura.

Voltando ao tema dos *compagnons*, no entanto o analisando a partir de uma perspectiva diferente da gerencial, Mazoud (2012) aborda a tendência de redefinição, no tocante à divisão do trabalho, vivenciada pelo artesanato. A autora nos (re)lembra que a divisão ideal do trabalho no artesanato é uma divisão por classe de idades, composta por quatro estágios sucessivos – 1) primeira idade; 2) idade da aprendizagem; 3) terceira idade; e 4) idade do *compagnon* – que implica o exercício comum de um métier, devendo os trabalhadores do atelier terem o domínio de um conjunto de processos de produção, sejam eles salariados ou patrões. Neste modelo ideal, os trabalhadores seguem o mesmo caminho profissional, passando por uma norma idêntica de aquisição de saberes e aderindo a um mesmo modelo social de sucesso. A constatação de que a realidade atual do artesanto se distancia consideravelmente deste modelo ideal estimulou Mazoud a investigá-lo.

A partir do foco no trabalho sadio, Crasset (2013) apresenta o caso de trabalhadores independentes, artesãos ferreiros. Mobilizando técnicas de entrevista semi-diretivas, observação participante e alguns dados quantitativos, retirados de uma investigação através de

questionários aplicados em 356 indivíduos em curso de formação, o autor identifica certos processos sociais que amplificam ou atenuam o efeito do trabalho são em uma profissão que passou por inúmeras transformações recentes, como por exemplo, a substituição da técnica francesa de ferragem, pela técnica inglesa, que segundo depoimento de alguns entrevistados impõe ainda mais riscos à saúde do artesão. De forma conclusiva, o autor aponta que a concepção de saúde assume diferentes formas a depender da etapa da carreira vivenciada pelo trabalhador e que os efeitos do trabalho parecem ser adiados ou minimizados pela existência de um coletivo de trabalho informal.

Já Schwint (2005) propõe o trabalho do artesão como um processo de rotinização. Evidentemente, os conceitos de rotina e de rotinização aplicados pelo autor diferem da forma como o senso comum os define. Se para o senso comum a rotina é percebida como contrária à criação e se aproxima da repetição e do automatismo, para Schwint a rotina se inscreve em um modelo da métis, que pode ser definida como uma forma de inteligência que reúne sagacidade, previsão, flexibilidade e senso de oportunidade.

Do seu modo, Perlès (2007) investiga questões em torno da produção artesanal, sua eficácia simbólica e sua manipulação por autóctones e turistas. A autora se indaga como artesãos locais dos Alpes franceses adaptam suas produções ao gosto e expectativas de estrangeiros. Estes artesãos locais adaptam suas produções por assimilação de codificações plásticas pertinentes ao estrangeiro. Eles foram educados pelos primeiros viajantes e não possuem filiação técnica local, apenas se submetem ao formalismo ligado à produção de bens decorativos. A autora constatou que apesar de todas as concessões feitas pelos artesãos locais a uma cultura que não é deles, no imaginário do turista, aquele objeto possui relação direta com a cultura autóctone. Indo mais longe, quando o artesão não se submete ou não adapta seu objeto ao gosto do turista, ele não se torna comercializável. Ou seja, o turista quer levar como lembrança testemunha de sua viagem um objeto que pareça um *souvenir*, conforme os padrões da sua cultura e não um objeto genuíno de outra cultura. Os estudos que compõem o panorama da literatura científica sobre artesanato é representado pela Figura 1.6.

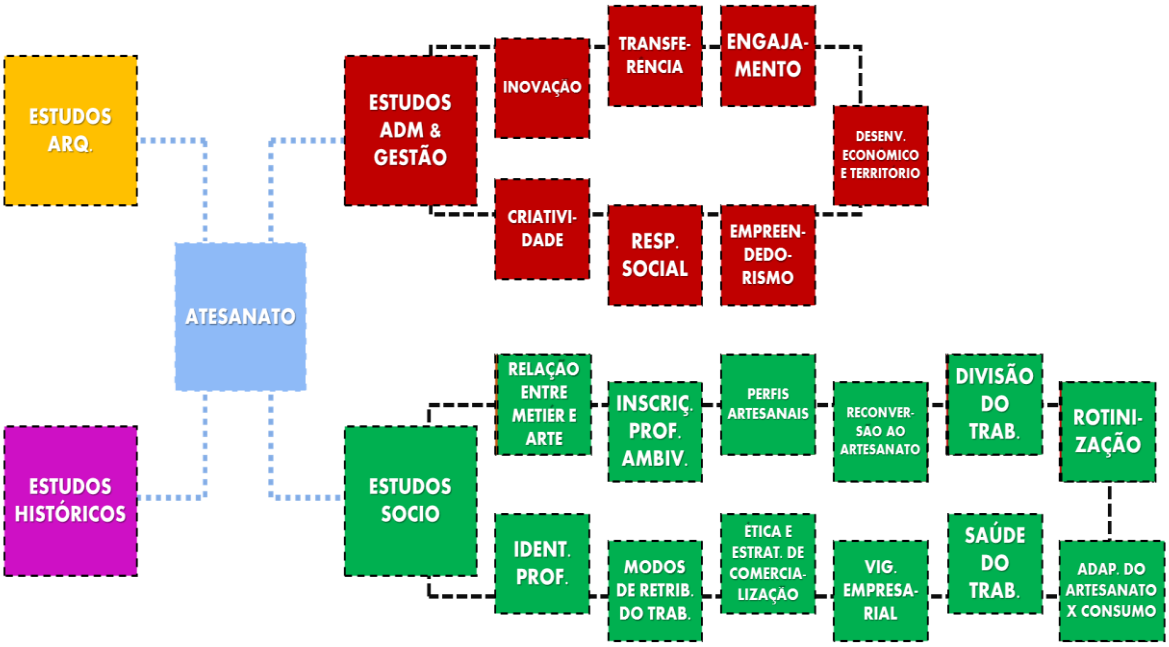


Figura 1.6. Estudos franceses sobre artesanato – Publicações CAIRN.INFO

Enfim, os estudos realizados no domínio da sociologia e da adminstração/gestão compreendem juntos a maior parte de estudos sobre artesanato publicados pela plataforma francófona CAIRN.INFO. Os estudos com foco em administração buscaram examinar como temas caracteristicamente estudados no contexto de empresas de grande porte se aplicavam a empresas artesanais, que juridicamente são consideradas micro empresas. Os estudos sobre inovação mostram que as organizações artesanais inovam apesar de sua imagem fortemente vinculada a coisas do passado. No entanto, os processos inovadores das organizações artesanais não podem ser avaliados a partir dos mesmos critérios que os processos inovadores industriais, pois, a inovação no artesanato não se caracteriza pela inovação tecnológica da produção característica do universo industrial, mas pela inovação de serviços, da comercialização e de processos.

Além dos estudos sobre inovação (N=3), identificamos também estudos sobre empreendedorismo (N=5), sobre a atuação do artesão (chefe da empresa) nas tarefas de gestão, que começam a superar em dedicação de tempo as atividades relativas ao métier. Pareceu uma intenção comum a estes estudos valorizar a importância da empresa artesanal francesa, apresentando elementos históricos que a indicam sua longa existência e enaltecem seu título de primeira organização francesa.

Considerando os artigos, da disciplina de administração, verificamos que estes trabalhos demonstram também como as empresas artesanais são numerosas entre as micro empresas (entre as pequenas e micro empresas francesas mais de 850.000 são empresas artesanais), como este é um setor criador de riquezas, provedor de empregos (mesmo quando comparado a quantidade de empregos gerados pelas grandes empresas) e vetor de valores profissionais. São estudos que propõem uma reflexão sobre a perenidade das organizações artesanais frente à dominação das grandes empresas, sobre que tipos de adaptações passaram os artesãos e suas famílias que possam explicar a sobrevivência destas organizações.

Por fim, quanto aos estudos sociológicos, podemos dizer que eles se polarizam na análise de basicamente três sociólogos do trabalho artístico. De certa forma, os estudos destes três pesquisadores se complementam, uma vez que há estudos extensivos, que buscam abranger uma grande amostra de artesãos franceses (Jourdain 2012, 2014). Existem estudos intensivos, longitudinais, variando de quatro a sete anos de pesquisa, que se dedicam a análise etnográfica de determinadas categorias profissionais (Perrenoud 2008a, 2009). Há também pesquisas que se concentram em apenas um ofício artesanal e o analisa de forma minuciosa (Jourdain 2010, 2012). Todos eles partilham, além de um mesmo referencial bibliográfico, a determinação de problematizar sobre a delicada relação entre arte e métier que envolve o estudo do artesanato e, sobretudo artesanato d'arte.

1.4 Considerações finais

As denominações artesão e artesanato foram cunhadas em um período histórico recente, contrariamente à realização da atividade artesanal em si, que está ligada à própria historia da humanidade e à história do trabalho, sendo elemento central em todas as civilizações e tradições (Kizaba, 2006). Talvez a presença de diferentes elementos históricos do desenvolvimento da atividade artesanal na França e no Brasil possa vir a ser um dos aspectos que compõem a explicação das diferenças relativas às categorias profissionais que compõem o grupo social dos artesãos nestes dois países.

No entanto, além das diferenças quanto às profissões que se enquadram como artesanato em cada país, há também diferenças quanto à definição propriamente dita do termo

artesanato. A definição francesa de artesanato inclui, desde 1934, uma descrição jurídica das empresas artesanais, também as atividades exercidas por estas empresas devem estar registradas no *Chambre des Métiers* e regulamentadas por ele. Quanto à delimitação jurídica, as empresas artesanais devem empregar um limite máximo de dez assalariados e os métiers desenvolvem atividades de produção, transformação, serviços e reparação.

Para além das definições formais de artesanato e de empresas artesanais, a forma como os próprios artesãos se percebem apresenta elementos importantes na caracterização do artesanato francês. Quando se auto definem, os artesãos franceses raramente se remetem aos elementos jurídicos do artesanato, no entanto a proposta do trabalho bem feito, do trabalho de qualidade é sempre relembrada, bem como as relações de proximidade com a clientela.

De sua parte, as definições brasileiras de artesanato elaboradas por instituições e/ou organizações de fomento ao artesanato possuem em comum o acento colocado na produção eminentemente manual de objetos com fins utilitários, religiosos ou decorativos. Estas definições também preveem a utilização de ferramentas e máquinas, mas estas devem ter papel complementar na produção. Apesar de elementos comuns que aproximam as definições institucionais de artesanato, cada definição privilegia os aspectos da atividade artesanal que a instituição tem o objetivo de desenvolver a partir das ações dos seus projetos.

Enquanto identificamos a existência de políticas econômicas que favorecem os artesãos, no contexto francês desde o início do século XX, percebemos que as ações de fomento ao artesanato no Brasil, são pontuais e possuem alto nível de dependência quanto à orientação política (se direita ou esquerda) do governo em exercício. Até mesmo a regulamentação da profissão do artesão por lei vem a ser uma vitória recente dos artesãos.

Outrossim, as análises dos estudos indicam o lugar ocupado pelo artesanato em cada país. No Brasil, por exemplo, o artesanato assume o papel de ser fonte de trabalho e renda para uma população, na maioria das vezes rural e sem as qualificações educacionais e profissionais solicitadas pelo contexto urbano, onde grande parte deste contingente é formada por mulheres, que dividem as atividades de cuidados do lar com a atividade artesanal. Desta forma, deparamos com textos que abordam o artesanato relacionado a questões de gênero (Albuquerque & Menezes, 2007; Torres, 2007).

Quando lançamos o olhar à produção científica francesa, percebemos que esta não é uma questão de pesquisa frequente e mesmo quando abordada em periódicos científicos

francófonos, na verdade tratam da atividade artesanal praticada em outro país, como no caso do estudo da relação entre produtores e comerciantes de tapetes marroquinos (Naji, 2007), ou até mesmo em outro período histórico, a exemplo de Micheleto (2013) que analisou a situação das artesãs na cidade de Turim, durante a Idade Média.

Ainda sobre os estudos brasileiros, identificamos neles uma tendência em promover associação entre aspectos do *design* ao artesanato, que acaba se traduzindo nas possíveis relações entre moderno e tradicional (Sapiezinskas, 2012). Estes estudos foram, talvez, influenciados por algumas ações de organizações de fomento ao artesanato que propõem intervenções no sentido de tornar o artesanato local em um objeto que apresente características que o faça pertencer ao grupo de objetos consumidos pelos turistas. Assim, aquele que possui o discurso de procurar algo que lembre uma visita realizada a uma determinada cultura local, só o adquire por suas características universais e aquele que produz e comercializa se respaldando no discurso de valorização e preservação da cultura local, na verdade produz objetos com características universais.

Enquanto na França, os estudos científicos buscam identificar e compreender as modificações pelas quais a função exercida pelos artesãos vem passando, como a ampliação das atividades gerenciais do profissional que era principalmente um homem do métier (Paradas & Polge, 2010; Jorda, 2006). Desta forma, observamos artigos que buscam compreender estas transformações, reforçando a importância das empresas artesanais para a nação (Cognie & Aballéa, 2010; Foucard & Polge2006, Boldrini et al, 2011), destacando aspectos históricos das mesmas (Kizaba, 2006; Jorda, 2006) e analisando fatores pessoais, relativos ao chefe da empresa (Rivet, 2007), gerenciais ou ambientais envolvidos no processo de transformação.

Além dos estudos que tratam especificamente destas mutações (Jorda, 2006; Paturel & Richomme, 2007; Paradas & Polge, 2010), encontramos outros que dedicam suas análises à forma como alguns conceitos que se originaram em estudos sobre empresas de grande porte são aplicados às empresas artesanais, por exemplo inovação (Fourcad & Polge, 2006; Boldrini et al, 2011; Loup & Rakotovahiny, 2010) e responsabilidade social (Boutillier & Fournier, 2009; Boutillier et al, 2008).

Por sua vez, os textos em sociologia falam da complexa relação entre arte e métier, seja partindo da análise de duas profissões, como fez Perrenoud (2008a, 2012), ou através de

um estudo extensivo, como proposto por Jourdain (2012, 2014) que cria quatro tipologias de artesãos, a partir do nível do reconhecimento do artesão (baixo ou alto) e se ele se aproxima mais do registro artístico ou do métier. Também Bajard (2012) analisando a identidade profissional dos artesãos ceramistas, busca identificar qual destes dois terrenos possui maior influencia na identidade profissional destes artesãos.

Isto posto, compreendemos que as possíveis relações entre arte e métier não esgotam as análises sociológicas sobre artesanato. Há também estudos que abordam a questão do *ethos* destes profissionais (Jourdain, 2010) e como ele se relaciona com estratégias de comercialização, a partir da diversificação da produção (Jourdain, 2013). Outros trazem à tona questões relativas à saúde no trabalho (Scrase, 2013) e estudos o sentido e valor positivo do trabalho independente (Bajard & Perrenoud, 2013; Bajard, 2013).

Apesar dos acadêmicos franceses reclamarem a necessidade de ampliação dos estudos sobre artesanato, é inegável também a superioridade quantitativa dos estudos franceses quando comparados aos estudos brasileiros. Além de uma maior tradição científica francesa, observamos também que a relação estabelecida entre universidade e artesanato é bastante frutífera para a produção científica na área. Esta relação que pode ser caracterizada pela longa duração de tempo e que é observada em diversas regiões francesas, também ocorre no Brasil, mas aqui, observamos ações pontuais e não-contínuas de grupos de pesquisas universitários em comunidades artesanais, ainda, tais ações estão longe de abranger toda faixa territorial brasileira.

Concluindo, cumpridos os objetivos deste estudo, de discutir sobre as diferentes definições de artesanato no Brasil e na França e de analisar o panorama científico dos estudos que possuem o artesanato como objeto de pesquisa nestes dois países, voltaremos o olhar para a realização da atividade artesanal na região do Cariri cearense. A seguir, no estudo 2 desta tese, propomos o resgate histórico da atividade artesanal no Cariri cearense.

Referências

Albuquerque, E. F.; Menezes, M. (2007). O valor material e simbólico da renda renascença. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(2): 240.

Amorim, M. A. (2005). Artesanato, tradição e arte. Recife companhia editora de Pernambuco. Continente documento. Ano 3, n. 35.

Andrade, M. (1938). O artista e o artesão. In:_____. *O baile das quatro artes*. São Paulo, Editora Martins.

Anheim, É. (2013). Les hiérarchies du travail artisanal au Moyen Âge entre histoire et historiographie, Annales. Histoire, Sciences Sociales, 4 68e année, p. 1027-1038

Ba, A. (2006). Artisans sans frontières. Marché et organisations, 1: 121-152. DOI : 10.3917/maorg.001.0121

Bajard, F. (2014). *Sociologie des céramistes d'art en France*: l'invention d'un groupe socio-professionnel: pratiques et manières d'être. Thèse de Sociologie. Université de Lausanne.

Bajard, F. (2013). C'est clair, je mourrai dans la terre : Travail indépendant et maintien de l'emploi chez les céramistes d'art. Le travail indépendant : santé et conditions de travail. *Document de travail*, p. 1-18.

Bajard, F., (2012). Du travail d'atelier au collectif : l'inscription professionnelle ambivalente des céramistescréateurs. *Sociologie de l'art*, 21, p. 43-64.

Bajard F., Perrenoud M.. (2013) "Ça n'a pas de prix", Diversité des modes de rétribution du travail des artisans d'art », *Sociétés contemporaines*, n°91/3, p. 93-116

Bayad,M.; Delobel, B.; Schmitt, C. (2006). Club des dirigeants de Lorraine – Institut Supérieur des Métiers.

Barbot-Grizzo, M. C. (2012). Gestion et anticipation de la transmission des TPE artisanales : vers une démarche pro-active du dirigeant propriétaire. *Management & Avenir*, 2(52): 35-56. DOI : 10.3917/mav.052.0035

Boldrini, J. C.; Chéné, E.; Journé-Michel, H. (2011). L'innovation des entreprises artisanales. *Revue française de gestion*. 213: 25-41.

Bortolotto, I. M.; Guarim Neto, G. (2005). O uso do camalote, Eichhornia crassipes (Mart.) Solms, Pontederiaceae, para confecção de artesanato no Distrito de Albuquerque, Corumbá, MS, Brasil. *Acta bot. bras*. 19(2): 331-337.

Botrel, R. (2006). Uso da vegetação nativa pela população local no município de Ingaí, MG, Brasil; Fonte: Acta Botanica Brasilica, 20(1): 143-156

Boucher, A. (2006). La complexité des relations entre un système industriel et une organisation artisanale: une approche bipolaire de l'adoption des TIC. *XVème Conférence Internationale de Management Stratégique*, Annecy/Genève (France/Suisse).

Boutillier, S.; Content, O. Founier, C. (2008). Les entreprises artisanales face à l'éco-conception et au développement durable, *Annales des Mines - Réalités industrielles*, p. 78-84.

Boutillier, S.; Fournier, C. (2009). La responsabilité sociale des entreprises artisanales, innovation sociale ou néopaternalisme ? Résultats d'une enquête menée dans la région du Nord / Pas de Calais (France), *Marché et organisations*, 1 (8): 39-60. DOI : 10.3917/maorg.008.0039

Brasil, (2010). *Base conceitual do artesanato brasileiro*. Brasília: MDIC.

Branco, T. S. C. (2011). As artesãs manauaras da feira de artesanato do centro de Manaus: a hora da família e a vez do trabalho. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 83f.

Brillet F., Hulin A. (2009). La vision prospective à l'épreuve de la tradition : le devenir des métiers des compagnons du Devoir. *Revue Management & Avenir*, 5 (25), p. 354-370

Büttow, M.; et al. (2009); Conhecimento tradicional associado ao uso de butiás (Butia spp., ARECACEAE) no sul do Brasil. *Revista Brasileira de Fruticultura*, 31(4): p.1069-1075.

Cabral, F. G. S. (2007). Saberes Sobrepostos: design e artesanato na produção de objetos culturais. 146 f. *Dissertação de Mestrado em Design* - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br>. Acesso em: 25/07/2007.

Caetano, J. C. O.; Muylder, C. F. (2010). Inovação em cooperativas de artesanato: o uso do comércio eletrônico. *XIII Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais*, v. 25, p. 25-40.

Canclini, N. (1983). *As Culturas Populares no Capitalismo*. Tradução: Cláudio Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense.

Canclini, N. (1999). *Consumidores e Cidadãos*. Conflitos multiculturais da globalização. Tradução: Maurício Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Canclini, N. (2011). *Culturas Híbridas*. Estratégias para entrar e sair da Pósmodernidade. Tradução: Heloísa Cintrão. 4ªed. 5ª reimpressão. São Paulo: Ed.USP.

Carneiro, R. N. (2008). As interações sociedade e natureza nos espaços nordestinos de produção de redes de dormir e as configurações de seus meios geográficos. *Rev. Geogr. Acadêmica*, v.2 n.3, p. 50-56

Cascudo, L. C. (1944). *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Martins Editora.

Central de Artesanato do Ceará (CEART). (2008). Disponível em <http://www.ceart.ce.gov.br/dlgArtesanato.aspx>. Acesso em: 09 de junho de 2011.

Castro, A.; Eggert, E. (2012). A educação não formal traçada na tecedura do artesanato religioso e analisada a partir do feminismo. *Revista Artemis*, 5 (14): 164-173.

Castro, M. (2009). Entre arte e indústria: o artesanato em suas articulações com o design. *Revista Espaço Acadêmico*, 9(102): 89-96.

Cognie, F.; Aballéa, F. (2010). L'artisanat, figure anticipatrice d'un nouvel entrepreneuriat , *Management & Avenir*, 10(40): 79-99. DOI : 10.3917/mav.040.0079

Crasset, O. (2013). On se fait mal un peu tous les jours », l'effet travailleur sain chez les maréchaux-ferrants », *Travail et Emploi* [En ligne], 136, mis en ligne le 01 octobre 2015, consulté le 20 mars 2014. URL : http://travailemploi.revues.org/6109

Cunha, T.; Vieira, S. B. (2009). Entre o Bordado e a Renda: Condições de Trabalho e Saúde das Labirinteiras de Juarez Távora/Paraíba. Psicologia : *Ciência e Profissão*, 29 (2): 258-275.

Curveiller, S. (2011). Artisans et marchands dans les petites villes du littoral flamand à la fin du Moyen Âge. *Revue du Nord*. 3-4. N 391-392. P. 869-880

Deru, X.; Fronteau, G. (2007). L'atélier des poters gallo-romains de Desvres (Pas-de Calais). *Revue du Nord*, 5 (373): 101-106

Duarte, M. F.; Silva, A. L. (2013). A experimentação do risco na carreira criativa: o caso de mestres da cultura do artesanato cearense. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)*. 12 (2): 22-38. http://revistas.facecla.com.br/index.php/recadm/ doi: 10.5329/RECADM.2013014, acesso em 12 de setembro de 2013.

Duarte, M. F. (2010). Desenvolvimento de carreira na indústria criativa cearense: histórias de vida de mestres da cultura do artesanato. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará. 206 p.

Ferguène, A.; Banat, R. (2012). L'artisanat traditionnel base d'une dynamique locale sur un territoire urbain ancien : le cas d'Alep en Syrie. *Géographie, économie, société*, 4 (14):. 347-367.

Fischer, T. (2010). Documento - Sobre Maestria, Profissionalização e Artesanato Intelectual. *Revista de Administração Contemporânea RAC*, 14 (2): 353-362

Fourcade C.; Polge, M. (2006). Le développement de l'entreprise artisanale comme vecteur d'innovation. *Humanisme et entreprise*, n. 280.

Fournier, C. (2006). Artisanat et politique économique. *Marché et organisations*, 1: 101-119. DOI : 10.3917/maorg.001.0101

Freire, A. (2007). O design, a arte e o artesanato deslocando o centro. *Cadernos EBAPE.BR*, 5 (4): 01-12

Freitas, E. M.; Saquet, M. A. (2010). Elementos do ritmo lento da territorializacao do agroartesanato familiar em Francisco Beltrão/PR. *Ra'e Ga*, 20:35-48.

Freyman, J.; Richomme-Huet, K. (2009). Les obstacles au transfert du « réseau social » dans la transmission de l'entreprise artisanale familial. *La Revue des Sciences de Gestion*, 3 (237-238): p. 85-93.

González-Pérez, S. E.; Robert, P.; Ferreira, M. C. (2011). Seed Use and Socioeconomic Significance in Kayapó Handicrafts: A Case Study from Pará State, Brazil. *Economic Botany*, 67(1), 2013, pp. 1–16

Guadagnin, D. L.; Gravato, I. C. (2013). Ethnobotany, Availability, and Use of Lianas by the Kaingang People in Suburban Forests in Southern Brazil. *Economic Botany*, 67 (4): 350–362.

Guimarães, M. S. (2010). O design dos objetos artesanais produzidos no cotidiano de mulheres idosas. *Dissertação de Mestrado em Design*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design. 108p.

Hernández Ramírez, V.; Pineda Domínguez, D.; y Andrade Vallejo, M. A., “Las mipymes artesanales como un medio de desarrollo para los grupos rurales en México”, *Revista Universidad & Empresa*, 2011, 21, pp. 65-92.

Johann, D. (2010). Design e artesanato: análise da gestão, materiais e técnicas utilizadas em grupos de artesãos no Rio Grande do Sul. *Dissertação de Mestrado em Design*. Programa de Pós-Graduação em Design. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 120p.

Jorda, H. (2006). Les recompositions de l'artisanat: des corporations à la première entreprise de France. *Marché et organisations*, 1: 39-53. DOI : 10.3917/maorg.001.0039

Jourdain, A. (2014c). *Du coeur à l’ouvrage*: les artisans d’art em France. Paris: Berlin Éditeur Independant.

Jourdain, A. (2014b). Les reconversions professionnelles dans l’artisanat d’art.Du désengagement au réengagement. *Sociologie pratiques*, 1(28): 21-30

Jourdain, A. (2014a). L’origine sociale de la vigilance entrepreneuriale.Quand les artisans d’art se font entrepreneurs. *Sociologie du Travail*, n56, p. 279-297.

Jourdain, A. (2013). Quelles limites éthiques pour l’artisanat d’art? La désignation de stratégies entrepreneuriales déviantes comme enjeu de construction du marche. *Terrains & Travaux*, 23 (1): 153-168.

Jourdain A. (2012b). Les Artisans d’art en France. Éthiques et marches. *Thèse de sociologie*, Université de Picardie Jules Verne.

Jourdain, A. (2012a). Réconcilier l’art et l’artisanat ? Une étude de l’artisanat d’art. *Sociologie de l’art*, vol. 21, pp. 21-42.

Jourdain, A. (2010). La construction sociale de la singularité. Une stratégie entrepreneuriale des artisans d’art. *Revue Française de Socio-Économie*, vol. 6, p. 13-30. Prix 2010 « GDR Economie et Sociologie – RFSE ».

Kizaba, G. (2006). L'artisanat au monde de l'entrepreneuriat. *Marché et organisations*, 1: 73-99. DOI : 10.3917/maorg.001.0073

Kosianski, J. M. (2004). Les pôles métiers d'art : des démarches empiriques de développement local relevant des réseaux de solidarité territoriale à finalité productive ? *Revue d'Économie Régionale & Urbaine*, (3): 391-414. DOI : 10.3917/reru.043.0391

Kristiansen, K.; Larsson, T. B. (2005). L'âge du bronze une période historique » Les relations entre Europe, Méditerranée et Proche-Orient, *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 60 (5): 975-1007

Leitão, D. K. (2012). Entre primitivos e malhas poligonais. Modelos de fazer, saber e aprender no mundo virtual. *Horizontes Atropológicos*, 18 (38): 255-285.

Leite, R. P. (2005). Patrimônio e consumo cultural em cidades enobrecidas. *Revista sociedade e cultura*. 8 (2): 79-89

Lima , E. M.; Santos, T. A.; Gracioli, M. M. (2009). Gente de fibra: a produção da arte em papel e material reciclável como forma de desenvolvimento sustentável ferreira. *Nucleus*, 6 (2): 365-376.

Lima, R. G. (2005). *Artesanato e arte popular*: duas faces de uma mesma moeda? Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2009.

Lima, R. G. (2005). *Artesanato*: Cinco pontos para discussão. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_5_Pontos/CNFCP_Artesanato_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2009.

Lima, R. G. (2011). Artesanato em debate. *Rev. Pós Ci. Soc*. 8 (15): 187-210.

Loup, S. (2003). Les petites entreprises des métiers d'art. *Revue française de gestion*, 3(144): 195-209. DOI : 10.3166/rfg.144.195-209

Loup, S.; Rakotovahiny, M. A. (2010). Protection et valorisation de la créativité artisanale. *Management & Avenir*, 10 (40): 100-115. DOI : 10.3917/mav.040.0100

Marcq, J. (2006). L'engagement des salariés dans la TPE, en particulier dans l'artisanat. *Marché et organisations*. 2, p. 78-96. DOI : 10.3917/maorg.002.0078

Martins, R. D. (2011). Fair trade practices in the Northwest Brazilian Amazon. *BAR – Brazilian Administration Review*, 8.4: 412. Academic OneFile. Web. 9 Oct. 2014.

Mazaud, C. (2012). Artisan, de l'homme de métier au gestionnaire ? », *Travail et Emploi* [En ligne], 130.

Mazza, A. (2007). O design, a arte e o artesanato deslocando o centro. *Cadernos EBAPE.BR*, 5 (4): 01-11.

Micheletto,B. Z. (2013). Épouses, mères et propriétaires : artisanes à Turin à l'époque moderne. *Clio. Femmes, Genre, Histoire* [En ligne], 38 , mis en ligne le 31 décembre 2013, consulté le 29 janvier 2014. URL : http://clio.revues.org/11649 ; DOI : 10.4000/clio.11649

Mills, C. W. (2009). *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Naji, M. (2007). Valeur des tapis marocains : entre productrices d'artisanat et marchands d'art. *Cahiers du Genre*, 2 (43): 95-111. DOI : 10.3917/cdge.043.0095

Oliveira, S. R. (2007). Do poema ao vídeo e à instalação: o poético nas artes brasileiras contemporâneas. *Hispanic Research Journal*, 8, 2, 171-183(13)

Ortiz, R. (2006). Memorial: uma trajetória intelectual. *Revista de Estudios Sociales*, 25: p.39-48.

Paradas, A.; Polge, M. (2010). Diversité des sources de changements d'une entreprise artisanale dans une perspective cognitiviste. *Management & Avenir*, 8 (38): 215-239. DOI : 10.3917/mav.038.0215

Paturel, R. et Richomme-Huet, K. (2010). Vers la mise en oeuvre d'une démarche d'intelligence économique pour l'artisanat en région PACA. *Management & Avenir*, 10 (40): 158-172.

Paturel, R. et Richomme-Huet, K. (2007). Le devenir de l'activité artisanale passe-t-il par l'activité entrepreneuriale? *Revue de l'Entrepreneuriat*, 1(6): 29-52.

Paz, O. (2006). *O Uso e a Contemplação*. Tradução Alexandre Bandeira. São Paulo: Editora Cultura e Ação, Revista Raiz n.3: 82-89.

Pena, P. G. L.; Freitas, M. C. S.; Cardim, A. (2011). Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de mariscadeiras na Ilha de Maré, *Bahia.Ciência & Saúde Coletiva*, 16(8), 3383-3392.

Pereira, J. C. C. (1979). *Artesanato*. Definições e Evolução do MTb – PNDA. Coleção Planejamento e assuntos gerais. Brasília: MTb.

Perlès, V. (2007). L'artisan face au tourisme : un passeur d'espaces et de temps », *Espaces et sociétés*. 1(28-129): 201-214. DOI : 10.3917/esp.128.0201

Perrenoud, M. (2012). Éditorial. Entre l'art et le métier, l'émulsion symbolique. *Sociologie de l'Art*, p. 9-18

Perrenoud, M. (2008b). Les musicos au miroir des artisans du bâtiment Entre « art » et « métier ». *Ethnologie française*, 1(38): 101-106. DOI : 10.3917/ethn.081.0101

Perrenoud, M. (2009). Artisanat et gentrification rurale en France méridionale. SociologieS [En ligne], *Dossiers, Professions et métiers autour de la Méditerranée*, mis en ligne le 09 mai 2012, consulté le 06 novembre 2014. URL : http://sociologies.revues.org/3991

Perrenoud, M. (2008a) Les artisans de la « gentrification rurale » : trois manières d'être maçon dans les Hautes-Corbières. *Sociétés contemporaines*, 3(71): 95-115.

Pimentel, T. D.; Carrieri, A. P.; Silva, A. R. L. (2009). Posicionamento logístico com base nas estratégias de produção em micro-organizações familiares: um estudo de caso no setor têxtil. *Revista de Ciências da Administração*, 11 (23): 245-269

Pinto, S. R. P.; Irigaray, H. A. R.; Silva, R. C. F. (2011). Tu me ensina a fazer renda, eu te ensino a trabalhar: a organização do trabalho de uma cooperativa popular. *Revista de Gestão USP*, 18(1):.35-51.

Polge, M. (2008a). Les stratégies entrepreneuriales de développement. Le cas de l'entreprise artisanale. *Revue française de gestion*, nº 185, p. 125-140.

Polge, M. (2008b). Diversité des entreprises artisanales em développement. *Management & Avenir*, 4 (18): 133-146.

Polge, M. (2009). La recherche actée em TPE: l'example d'um club de dirigeants. *Management & Avenir* ,10 (30): 227-241

Polge, M. (2010). Entreprendre dans l'artisanat : quel(s) défi(s) ? Introduction, *Management & Avenir*, 2010/10 n° 40, p. 73-78. DOI : 10.3917/mav.040.0073

Porto Alegre, S. (1994). *Mãos de Mestre*: itinerários de arte e tradição. São Paulo: Maltese.

Programa de Artesanato Brasileiro. (2010)

Ramos, I. S.; Alexandre, J.; Alves, M. G.; Vogel,V.; Gantos, M. (2008). A indústria cerâmica vermelha de Campos dos Goitacazes e a inclusão social das artesãs da baixada campista através do projeto Caminhos de Barro.Cerâmica, 54, 280-286

Resende, L. L. (2008). Responsabilidade social nas relações entre designers e artesãos. *Dissertação de Mestrado*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes & Design.

Rivet, A. (2007). TPE en difficultés, TPS saines : quelles différences ? » Métiers de l'artisanat. *La Revue des Sciences de Gestion*, 6 (228): 73-84. DOI : 10.3917/rsg.228.0073

Rivière, F. (2008). Guildes, monopoles et oligopoles dans la Normandie de la fin du Moyen Âge: la réglementation des métiers est-elle hostile à la concurrence ? *Entreprises et histoire*, 3 (52): 36-45. DOI : 10.3917/eh.052.0036

Rocha - Pinto, S. R.; Irigaray, H. A. R.; Silva, R. C. F. (2011). Tu me ensina a fazer renda, eu te ensino a trabalhar: a organização do trabalho de uma cooperativa popular. *Revista de Gestão USP*, 18(1): 35-52

Rugiu, A. S. (1998). Nostalgia do mestre artesão. Campinas: Autores Associados.

Sapiezinskas, A. (2012). Como se constrói um artesão – negociações de significado e uma "cara nova" para as "coisas da vovó". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 18 (38): 133-158

Santos, T. S. (2009). Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. *Sociologias*, 11 (21): 120-156.

Saviani, D. (1998). Educação e trabalho artesanal. In: Rugiu, A. S. (1998) *Nostalgia do Mestre Artesão*. Campinas: Autores Associados.

Schmidt, I.; Figueiredo, I. ; Borghetti, F.; Scariot, A. (2008). Produção e germinação de sementes de "capim dourado", Syngonanthus nitens (Bong.) Ruhland (Eriocaulaceae): implicações para o manejo. *Acta Botanica Brasilica*, 22(1): 37-52.

Schmidt, I.; Figueiredo, I. ; Scariot, A. (2007). Etnobotânica e efeitos do extrativismo na ecologia populacional de (bong.) Ruhland (eriocaulaceae), urn produto florestal não-madeireiro (pfnm) da região do Jalapão, tocantins, Brasil. *Economic Botany*, 61(1):.73-85.

Schmitt, V. G. H.; Moretto Neto, L. (2011). Associativismo, comércio justo e o desenvolvimento territorial sustentável: a experiência da Toca Tapetes. *REGE*, São Paulo – SP, Brasil, v. 18, n. 3, p. 323-338.

Schwint, D. (2005). La routine dans le travail de l'artisan. *Ethnologie française*. 5(35): 521-529.

Sennett, R. (2009). *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2010). *Programa SEBRAE de Artesanato*: termo de referência. Brasília: SEBRAE.

Silva, E. K. R. (2009). Quando a cultura entra na moda: A mercadologização do artesanato e suas repercussões no cotidiano de bordadeiras de Maranguape. *Dissertação de Mestrado em Sociologia* – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 165 fls.

Silva, G. D.; Cordeiro, E. D.; Silva, A. C.; Andrade, A. Q.; Cavalcanti, V. P. (2012). Design and technology in the development of potters' lathes for modeling with terracota: the case of Cabo de Santo Agostinho. *Work*. 41: 1246-1251 DOI: 10.3233/WOR-2012-0310-1246 IOS Press

Thevenard-Puthod, C.; Picard, C. (2006). Confiance et défiance dans la reprise d'entreprises artisanales. *La Revue des Sciences de Gestion*, 3 (219): 99-113.

Torres, I. C. (2007).A visibilidade do trabalho das mulheres ticunas da amazônia. *Estudos feministas*, Florianópolis, 15(2): 469-475.

Uthman, N. (2008). La production textile à Rosette au XVIIIe siècle, *Rives nordméditerranéennes*, 29: 25-36.

Vidal, S. M. M. (2010). Comércio justo e solidário no terceiro setor como ferramenta do artesanato cearense em exportações simplificadas. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas. Universidade Fortaleza/UNIFOR. 144 p.

Vergara, S. C.; Silva, H. M. (2007). Organizações artesanais: um sistema esquecido na teoria das organizações. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, Lisboa, 6, (3): 32-38.

Williate, M. (2005). Sorlers, vielz et noefs cuyrs de chavetiers, les cuirs médiévaux de la place d'Armes à Valenciennes (Nord). *Revue du Nord*, 5 (363): 185-200.

Williate, M. (2006). Une sandale en cuir gallo-romaine de Montigny-en-Ostrevent (Nord), *Revue du Nord*, 5 (368): 207-212.

Zarca, B. (1988). Identité de métier et identité artisanale. *Revue française de sociologie*. 29 (2): 247-273. http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfsoc_0035-2969_1988_num_29_2_2500

Zarca, B. (1986a). *L'Artisanat français.* Du métier traditionnel au groupe social, Paris, Economica.

Zarca, B. (1986b). La vie militante d'un peintre en lettres. L'idéologie contre l'entreprise. In: Actes de la recherche en sciences sociales. *L'illusion biographique*. Vol. 62-63: 83-92.

ESTUDO 02 –A ATIVIDADE ARTESANAL EM JUAZEIRO DO NORTE/CE: transformações ao longo da sua história.

O artesanato não quer durar milênios nem está possuído pela pressa de morrer em breve. Decorre com os dias, flui conosco, gasta-se pouco a pouco, não procura a morte, nem a nega, aceita-a. Entre o tempo sem tempo do museu e o tempo acelerado da técnica, o artesanato é pulsação do tempo humano. É um objeto útil, mas que também é belo; um objeto que dura, mas se acaba e se resigna a acabar-se; um objeto que não é único como a obra de arte e que pode ser substituído por outro objeto parecido, mas não idêntico. O artesanato nos ensina a morrer, e assim nos ensina a viver (Paz, 2006, p. 89).

Após termos desenhado um panorama dos estudos científicos sobre o artesanato no Brasil e na França e termos apresentado as diferenças e semelhanças em relação à definição deste construto nos dois países, propomos para o segundo estudo desta tese uma maior aproximação com nosso objeto de estudo, que se refere especificamente ao artesanato na região do Cariri cearense. Em outros termos, com o objetivo de resgatar aspectos históricos do artesanato em Juazeiro do Norte/CE, realçando a transformações pelas quais ele passou, é que redigimos este segundo estudo da tese. A fim de abrandar o caráter descritivo do estudo e também de possibilitar a enunciação de algumas reflexões desenvolvidas ao longo do periodo de doutoramento, propomos como objetivo específico, realizar o levantamento de possíveis fatores associados às mutações vivenciadas pela atividade artesanal.

Este é um estudo eminentemente bibliográfico, que buscou em textos de diversas áreas do conhecimento registros sobre a atividade artesanal na cidade de Juazeiro do Norte/CE e que se divide em três seções. Na primeira resgatamos a origem do termo em contexto mundial, sua relação com a arte, apontando o processo de exclusão histórica do mesmo. Já na

segunda e terceira, voltamos o olhar aos atores principais do texto e apresentamos um resgate da memória da atividade artesanal em Juazeiro do Norte/CE dividida em dois períodos históricos nos quais esta atividade se apresenta de maneiras distintas, dando destaque às mudanças no modo como a atividade artesanal se insere na dinâmica produtiva da região.

A delimitação histórica da atividade artesanal no Cariri cearense cumpre a função de contextualizar como tal objeto de estudo se configura atualmente. Os marcos históricos apresentados põem em destaque as transformações vivenciadas pelo artesanato local e permitem compreender as tensões enfrentadas pela atividade no momento atual. O segundo estudo desta tese cumpre a função de contextualizar historicamente a atividade artesanal, contribuindo para as análises hodiernas do mesmo fenômeno, detalhadas nos terceiro e quarto estudos.

2.1. O artesanato

Toda produção humana anterior ao surgimento das máquinas é artesanal e encontramos registros de artefatos elaborados manualmente em todos os períodos históricos da humanidade. Objetos utilitários e ferramentas de trabalho eram produzidos manualmente, no entanto a utilização da palavra artesanato tem origem posterior à realização da própria atividade. Conforme Martins (1973) foi somente a partir do século XV que o regime de trabalho que reúne as diferentes técnicas manuais de produção ganhou nome.

Ainda tratando da origem da palavra artesanato, Rugiu (1998) concorda com Martins (1973) no que se refere ao período em que o termo surgiu, mas acrescenta dados linguísticos sobre a origem e evolução do termo em alguns países europeus. Os italianos criaram a palavra *artigiano* que significa artesão. O termo desdobrou-se no século XIX para *artigianato*, a fim de indicar o regime de trabalho do artesão. O neologismo chegou à França sob a forma *artisan* - no século XVI - e artisanat, a partir do século XIX. Do francês, o vocábulo assume as formas de *artizan* e *artizanat* em romeno; *artesano* e *artisania* em espanhol; e artesão e artesanato em português. Em alemão a palavra que designa artesanato é *Handwerck* e, em inglês, é designada por *handwork*, *handcraft* e *handcrasftsman*. No que tange à origem do

termo no Brasil, Saviani (1998) informa que não há registro da palavra artesanato em versões mais antigas dos dicionários do país, aparecendo somente em meados do século XX.

Historicamente, o processo manual de fabricação prosperou na Europa durante os séculos X, XI e XII (Martins, 1973). Ao redor dos castelos, os mestres-artesãos trocavam artigos de sua produção por produtos agrícolas e, dessa maneira, o sistema familiar de produção manual se desenvolveu. Devido sua importância comercial, econômica, política e social, as antigas corporações renasceram e marcaram época.

Entre os séculos XII e XV emerge a instituição do artesanato regulamentada pelas corporações de ofício. Os artesãos da Idade Média se organizaram em corporações para suprir as demandas da burguesia por artigos de luxo, já que os feudos e mosteiros não eram mais capazes de dar conta da nova demanda (Pereira, 1979). Corroborando as ideias expostas acima, Saviani (1998) descreve como o artesanato se organizou em diferentes sistemas ao longo de sua história: de um sistema familiar na Idade Média, o artesão passa a organizar-se num sistema de corporações, deslocando-se para a cidade e produzindo para um mercado pequeno e estável.

Quanto à história da atividade artesanal no Brasil, Saviani (1998) nos lembra que há registro de corporações de ofício em Portugal e no Brasil, no entanto elas estiveram longe de alcançar a expressividade que tiveram as corporações italianas. O perfil comercial de Portugal, usando as navegações para expansão do comércio em outros mares, de certa forma freou o desenvolvimento das corporações. E no Brasil colonial, as corporações foram oficialmente extintas, em 1824, pela constituição imperial outorgada por Dom Pedro I, apesar da pouca eloquência das mesmas (Fonseca, 1986). O baixo nível de organização dos artesãos foi constatado após a fiscalização do decreto imperial, quando apenas 13 teares de tecido foram apreendidos (Novais, 1989). Parece-nos que os colonizadores tinham duplo interesse com essa atitude, primeiro impedir que um grupo de trabalhadores se organizasse e ganhasse força e segundo continuar impondo a exportação de produtos que éramos proibidos de produzir por conta própria.

Em outras palavras, antes de desembocar em um forte desenvolvimento industrial, o continente europeu vivenciou séculos de produção artesanal e de produção manufatureira. Já a história da atividade artesanal e manufatureira no Brasil é bem diferente da forma como estas atividades se desenvolveram no Velho Mundo, o que de certa forma explica o processo

histórico industrial caótico ao qual experimentamos. Lembrando-nos destes elementos históricos é que Bo Bardi (1994) diz não existir artesanato no Brasil, mas respostas do popular às necessidades cotidianas. Ser uma produção eminentemente popular e ser comercializado em lugares ditos populares, como feiras fazem com que o artesanato seja visto a partir de uma perspectiva preconceituosa, principalmente quando comparado ao objeto artístico.

Assim, apesar de traçarmos um caminho em diversos aspectos diferente do europeu, no que tange à história da atividade de trabalho artesanal, somos semelhantes em relação ao julgamento hierarquizado que existe entre arte e artesanato. O debate sobre as distinções entre o que é arte e o que é artesanato é bem antigo no pensamento ocidental. Para explicar a origem da diferença entre os termos, pesquisadores se apoiam em fatos históricos. Assim, Rugiu (1998) identifica que desde a Idade Média, a palavra arte, em língua vulgar, referia-se às atividades de produção manual. Naquela época, as artes eram classificadas em duas categorias: as liberais e as mecânicas ou servis. As artes liberais eram próprias dos homens livres. As artes mecânicas eram as realizadas com as mãos, incluindo as belas-artes. As artes mecânicas tinham sua importância, enquanto as artes liberais eram de exclusividade dos doutos. Conforme o mesmo autor, a partir do século XV, as artes liberais afastaram-se das artes mecânicas, assumindo uma posição superior. Desta maneira, começou a surgir uma distinção hierárquica entre as mesmas.

Segundo Bazin (1989), houve um descrédito das belas-artes, por estarem ligadas às artes mecânica. Assim, na Renascença, os artistas reivindicaram uma elevação de categoria, a partir da justificativa de que a atividade do artista precedia de operações mentais, já que os mesmos partiam do desenho. Nesse momento ocorreu a separação entre as duas categorias. Como aponta Russi (2004, p. 55), “o primeiro se garantiu pelo próprio trabalho e genialidade, enquanto o segundo continuou trabalhando e morrendo anonimamente”.

No entanto, a ideia de que no artesanato pensar e fazer estão desassociados – como propuseram os artistas da renascença – é equivocada. E, conforme vimos no primeiro estudo desta tese, inúmeros são os autores que apontam as desvantagens da ruptura entre mão e mente ou trabalho manual e trabalho intelectual (Sennet, 2009; Mills, 2009). Porto Alegre (1994), analisando especificamente a atividade artesanal no estado do Ceará, demonstrou que uma das características da produção artesanal, referindo-se a processo de trabalho, reside exatamente na integração da atividade manual com atividade intelectual, na associação entre a obra produzida e seu autor.

Ainda sobre a hierarquização existente entre arte e artesanato, concordamos com Lima (2005), quando ele afirma que esta questão se refere à distinção de classes sociais O artesanato continua imbuído de preconceito e, em virtude desse sistema de classificação discriminatório, sua venda comumente está localizada em cidades do interior, feiras públicas e mercados municipais. Por outro lado, recentemente observa-se também uma valorização do produto artesanal. Em países desenvolvidos, destaca Lima (2005), renasce o interesse por objetos feitos à mão, que se estabelece como contra-movimento à massificação dos objetos industrializados. Nesses países, o artesanato é altamente sofisticado e alcança altos preços de mercado.

Ademais no Brasil, assim como em outros países em desenvolvimento, tem-se dado destaque ao artesanato de conteúdo cultural (Santos, 2007). Conforme esta autora, a ampla variedade e quantidade caracterizam produção artesanal brasileira, que apresenta claramente as influências dos povos que lhe dão origem. Produção artesanal que nos últimos anos, vem apresentando ritmo de expansão crescente, constituindo-se em atividade econômica com grande potencial de alargamento, inclusive como fonte de emprego e renda (BNB, 2002).

Assim, apesar das diferenças quanto aos percursos históricos da atividade artesanal na Europa e no Brasil, identificamos também alguns aspectos que os aproximam, tais como a discriminação histórica experienciada pela atividade artesanal, sobretudo quando comparada à arte e uma recente valorização do artesanato, que assume o papel de elemento de reação à massificação acarretada pela produção industrial (Vives, 1983). Este movimento de valorização da atividade artesanal acaba favorecendo o surgimento de artesãos considerados expoentes de criatividade, em suas localidades de origem e contribui também com o desenvolvimento econômico das pessoas envolvidas com a atividade. Tais fatores despertam o interesse de estudiosos de diversas áreas científicas que buscam contribuir para ampliar a compreensão do artesanato como objeto de pesquisa. Inclusos neste grupo de investigadores, com o escopo de compreender o estado atual da atividade artesanal na região do Cariri cearense, apresentaremos nas seções que seguem o exame de elementos históricos da atividade artesanal na região citada, desde fatos que retratam a origem da atividade até a análise de suas características mais recentes.

2.2 A origem de Juazeiro do Norte/CE e a ascensão de sua atividade artesanal dos anos 1890 aos 1960

A população atual de Juazeiro do Norte está estimada em 249,9 mil habitantes sendo que 240,1 mil habitantes (96,0%) vivem na zona urbana do município (IBGE, 2010). Esta população, predominantemente urbana, convive em uma região conurbada com as cidades de Crato/CE (distante 10,0 Km de Juazeiro do/ Norte, com aproximadamente 121,1 mil hab) e de Barbalha/CE (distante 7,5 Km de Juazeiro do Norte, com aproximadamente 55,3 mil habitantes). Por força desta proximidade e de não se enxergar mais tantos limites geográficos entre elas, estas cidades formam o chamado Triangulo CRA-JU-BAR com aproximadamente 420 Mil habitantes (IBGE, 2010).

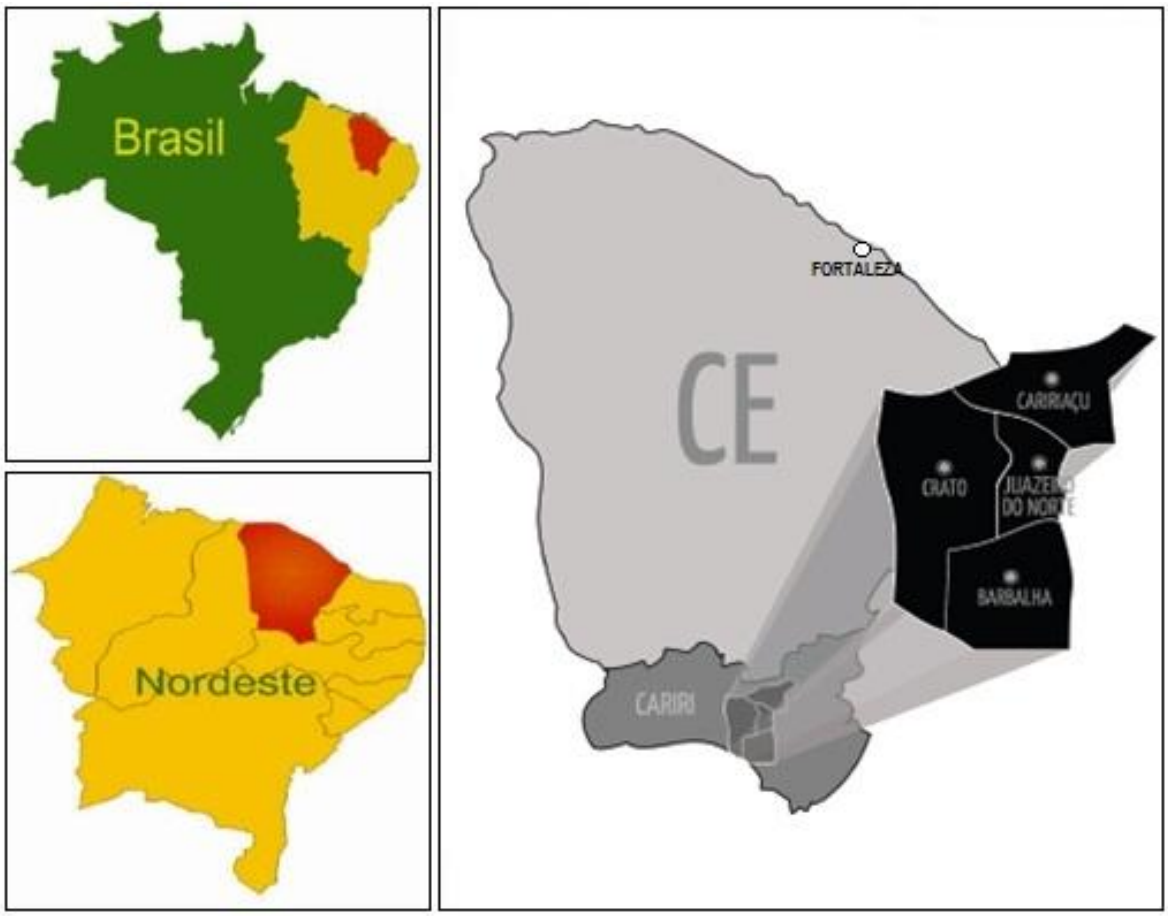


Figura 2.1. Localização de Juazeiro do Norte no Espaço Geográfico Brasileiro, Nordestino, Cearense e Caririense.
Fonte: Adaptado de Araújo (2006); Vale e Silva Jr (2012).

A cidade está localizada a aproximadamente 540,0 Km de Fortaleza, capital do Estado do Ceará – ver Figura 2.1. O município de 248,22 km^2 é um dos 25 municípios que formam a mesorregião do Sul Cearense (divisão administrativa do governo estadual), destacando-se dos demais pela influencia político-econômica que exerce tanto sobre estes municípios cearenses quanto em outros municípios do semiárido pernambucano, paraibano e piauiense. A partir da Lei Complementar Estadual nº 78, de 29 de junho de 2009, aos três municípios (Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte) se juntam outros seis (Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri) que fazem fronteira com os estes três primeiros para constituíram a segunda região metropolitana do Estado do Ceará, a RMC – Região Metropolitana do Cariri. Na RMC, Juazeiro do Norte destaca-se com um PIB de R$ 2,35 Bi (Este valor representa 52,7% do PIB de toda a RMC e quinto PIB do estado do Ceará, ficando atrás de Fortaleza, Maracanaú, Caucaia e Sobral – IBGE, 2012) proveniente basicamente da indústria calçadista e do comércio local. Dentre as atividades econômicas informais que não são capturadas pelo PIB do município de Juazeiro do Norte, o artesanato – seguramente - merece relevância econômica e histórica.

O Cariri recebeu este nome em função da tribo indígena que habitava a localidade. A região foi colonizada no final do século XVI com a chegada dos exploradores da Bahia e a atividade econômica principal era a pecuária. Segundo Nobre (2010) apenas a partir da segunda metade do século XIX, a agricultura passou a ser a principal atividade econômica da região, tendo como destaque a produção de cana-de-açúcar. Contudo, a origem de Juazeiro do Norte não está completamente definida na literatura, pois os autores divergem quanto às datas e aos nomes.

Pereira (2005) aponta que a formação do povoado teve por fundador Leandro Bezerra Monteiro, cujo marco foi a construção de uma capela em homenagem a Nossa Senhora das Dores, em sua fazenda. Esta versão é corroborada por Nobre (2010) ao afirmar que Leandro Bezerra Monteiro era proprietário da fazenda Tabuleiro Grande que deu origem ao sítio Juazeiro e que depois viria a tornar-se a vila de Juazeiro do Norte/CE. Por outro lado, outros pesquisadores, como Walker (2010), a fundação do povoado é atribui ao Padre Pedro Ribeiro, primeiro capelão de Juazeiro do Norte, a partir da construção de uma capela em 1827. O Padre Pedro Ribeiro trabalhava na catequização dos moradores para evitar a promiscuidade e promover uma cultura de paz entre os moradores. O povoado foi crescendo e outros padres substituíram o primeiro após sua morte em 1833 com esta mesma missão.

O sitio Juazeiro tornou-se conhecido por se encontrar em um local onde diversos caminhos entre cidades se cruzavam: os viajantes que iam e vinham das cidades vizinhas, especialmente de Crato (do qual Juazeiro do Norte fazia parte, antes de tornar-se município), paravam no local para descansar (Nobre, 2010). Por muito tempo, o sítio de Juazeiro era apenas o local de descanso dos viajantes e lugarejo em que homens e mulheres entregavam-se ao trabalho agrícola, conforme apresentado por Walker (2010).

Nascido no município de Crato no ano de 1844, o Padre Cícero Romão Batista ordena-se no Seminário de Fortaleza e, em 1871, retorna à cidade natal. Neste mesmo ano, celebrou a primeira missa no povoado de Juazeiro. Após a realização de alguns trabalhos de assistência religiosa, Padre Cícero fixa residência em Juazeiro a partir de 1872 e, no mesmo ano, é nomeado pelo bispo o capelão da Capela de Nossa Senhora das Dores, tornando-se o primeiro padre do povoado (Braga, 2007).

A partir de então, se inicia no povoado um forte trabalho de catequização e orientação para o trabalho. Rabello (1967) relata que Padre Cícero orientava os moradores do povoado a fazerem de cada casa um altar e uma oficina. A ação evangelizadora que unia trabalho e fé foi importante para o desenvolvimento da região e de Juazeiro, não só em termos religiosos, mas políticos, econômicos e sociais. Devido às estiagens periódicas pelas quais a região passava, a população não podia depender unicamente do trabalho rural. Também a distância entre Juazeiro e os principais centros urbanos era uma imposição para que os habitantes do lugarejo procurassem outras atividades econômicas que garantissem sua subsistência. Neste momento, começa a tomar forma o trabalho artesanal como atividade econômica de subsistência na região.

Neste processo de florescimento econômico, um episódio é fundamental para o crescimento do povoado de Juazeiro no início de sua formação e que prossegue até os dias atuais. Conta-se que, em 1889, durante a celebração de uma missa, Padre Cícero - na comunhão - deposita uma hóstia na boca da Beata Maria de Araújo e a hóstia se transforma em sangue. Este suposto milagre aconteceu pela primeira vez em 06 de março de 1889, em uma sexta-feira da quaresma (período religioso importante para os cristãos) e se repetiu por dezenas de vezes em dois meses. O fato atraiu moradores e fiéis de cidades vizinhas e distantes da região Nordeste para receber as bênçãos do Padre “milagreiro” (Araújo, 2006).

A partir deste episódio, Juazeiro sofreu um intenso processo de crescimento populacional com a chegada de inúmeros fiéis, que viam no lugar um espaço para a devoção e a possibilidade de mudança nas suas condições socioeconômicas. Era frequente a chegada de produtores que viam no lugar uma oportunidade de crescimento profissional. Com esta vocação religiosa assumida em Juazeiro, além dos produtos artesanais já desenvolvidos no lugar, iniciou-se também a produção artesanal de objetos de culto religioso (Rabello, 1967).

Convém destacar que a origem do artesanato no Cariri cearense remonta às atividades dos seus primeiros habitantes, os índios *Kariris* (Rabello, 1967). Ferrer (2007) aponta que a principal dificuldade de se elaborar história dos primeiros habitantes da região do cariri cearense diz respeito à ausência de informações confiáveis sobre eles, uma vez que os documentos encontrados foram produzidos pelos colonizadores, que faziam uma leitura do indígena, a partir de um ponto de vista etnocêntrico. Sob esta perspectiva, o índio era, na maioria das vezes, retratado de forma hostil e pejorativa. Documentos antigos apontam a chegada dos colonizadores, a partir de1730, aproximadamente, quando povoadores do "ciclo do couro" catequizaram a tribo cariri.

Apesar da dificuldade em mapear de forma segura os hábitos dos *kariris*, há indícios de que os mesmos produziam artesanalmente os objetos necessários para suas atividades cotidianas. Para armazenar alimentos e bebidas, os índios produziam cabaças, cuias e coités. Para preparar os alimentos faziam dos pratos e panelas de cerâmica próprios ao cozimento dos mesmos. Também criaram outros utensílios domésticos, a exemplo do pilão, da esteira de palha palmeira e de seus alimentos.

A exemplo do que aconteceu em todo território brasileiro, a atividade artesanal na região do Cariri também recebeu influência portuguesa. No Ceará colonial, segundo nos ensina Porto Alegre (1989), a primeira geração de artesãos e mestres treinada pelos jesuítas no aprendizado das técnicas artesanais portuguesas surgiu em função das necessidades da vida cotidiana de grupos familiares que não eram auto-suficientes e tampouco possuíam renda para importar o que lhes faltava. A fragilidade econômica vivenciada pela região impunha que tanto vaqueiros e agricultores, quanto pessoas oriundas de camadas mais abastadas consumissem manufaturas caseiras, que se expandem durante o século XIX e se tornam a base da produção artesanal sertaneja.

No entanto, especificamente em Juazeiro do Norte, a difusão e ampliação da atividade artesanal estão fortemente atreladas ao crescimento econômico vivido pelo local a partir de 1890, quando ocorre a consolidação da devoção em torno do Padre Cícero, na região (Della Cava, 1985), sobretudo com a peregrinação de devotos a Juazeiro, após o evento antes relatado que ficou conhecido como "Milagre de Juazeiro".

A partir deste evento, intensificam-se as romarias com homens e mulheres de várias cidades vizinhas e muitas destas pessoas que se dirigiam a Juazeiro para receber a benção do padre acabavam fixando moradia no local. Para garantir a sobrevivência das pessoas que se instalavam no povoado, foram desenvolvidas novas formas de produção e comercialização de bens (Feitosa et al, 2009). Percebendo as habilidades manuais da população e o potencial econômico do trabalho artesanal, Padre Cícero (que além de líder religioso foi referência na política e no desenvolvimento econômico da região) estimulou a atividade do artesanato como principal fonte de trabalho e renda para população (Rabello, 1967).

O Padre Cícero estimulava o fabrico e comércio destes produtos artesanais (Holanda, 2009) enquanto forma de gerar trabalho e renda para a população local e para os romeiros que chegavam a Juazeiro. Como exemplo dessa ação existe uma estória contada nos dias de hoje, em Juazeiro do Norte, acerca de um conselho de Padre Cícero para um romeiro recém chegado: O "Padim Ciço" – forma como os romeiros chamavam o religioso – indicou que o mesmo produzisse candeeiros ainda que sem compradores aparentes. Era uma época próxima a data da procissão de Nossa Senhora das Candeias e o "Padim", em uma celebração anterior a esta data simbólica, pediu que todos portassem candeeiro durante a procissão e recomendou a compra aquele romeiro, pois os seus candeeiros foram bentos pelo Padre. Desta forma, toda produção dos candeeiros foi vendida.

Além desse acontecimento - que pertence ao quadro de diversas estórias que circulam entre os devotos de Padre Cícero - existem inúmeros outros casos de estímulo do "Padim Ciço" à produção e venda do artesanato local, na forma de artigos religiosos (como santos, medalhas e rosários), utensílios para o trabalho no campo (ferramentas para agricultores, vestimenta e outros peças de couro para vaqueiros) e de uso doméstico (panelas de barro, potes).

Desta maneira, os produtos artesanais que até então se destinavam ao uso pessoal do produtor passaram, de acordo com Facó (1980), a ser os principais produtos comercializados

em Juazeiro. A produção tornou-se tão intensa que certos tipos de produtos do artesanato estendiam-se expostos por toda uma rua. “Houve um tempo em que os ourives tomavam conta de uma rua inteira. Os sapateiros e os seleiros igualmente se encontravam em todas as ruas” (Rabello, 1967, p. 73). A elevada produção artesanal do período fez com que a cidade fosse chamada, na época, de Cidade-Oficina.

Há nesse fenômeno, indubitavelmente, influência dos preceitos de Padre Cícero (incentivador do trabalho artesanal na região) que, a partir do lema beneditino “ora e labora” pregava entre seus fiéis “em cada casa uma oficina, em cada oficina um oratório” (Barros, 2008). Os conselhos de Padre Cícero se justificam no contexto histórico em que foram proferidos, pois a origem do povoado foi marcada por alcoolismo, violência e prostituição (Neto, 2009) e o binômio trabalho e oração foram ferramentas utilizadas pelo padre para modificar esta realidade social. Ao passo que o Juazeiro não apresentava condições favoráveis ao trabalho agrícola[2], o incentivo às manufaturas consistiu em uma opção de trabalho e renda para os romeiros que chegaram à cidade para fixar residência, no local que consideravam sagrado (Holanda, 2009).

Os reflexos do desenvolvimento de Juazeiro podiam ser percebidos pelo volume de arrecadação de impostos para o município de Crato ao qual o povoado pertencia. Este foi o principal motivo, segundo Walker (2010), para que a emancipação do povoado começasse a ser pensada. A luta pela independência, segundo conta o autor, durou quatro anos (1907-1911). A motivação econômica para a independência de Juazeiro era evidente, pois “de um lado estaria um Juazeiro autônomo que certamente iria exterminar a liderança e hegemonia do Crato e, do outro, os comerciantes, entre os quais artesãos, achavam que o seu crescimento econômico lhes credenciava a reivindicar um poder político proporcional” (Walker, 2010). Após intensos debates e reuniões, sob a liderança de Padre Cícero o Presidente do Ceará (denominação atribuída aos governadores dos estados, na época) Nogueira Accioly promulga a lei que eleva Juazeiro do Norte à categoria de município em 22 de julho de 1911. Em 04 de

[2] Nos dias atuais, este elemento da baixa produção agrícola em Juazeiro do Norte permanece. Do ponto de vista econômico, de um Produto Interno Bruto (PIB) municipal totalizando R$ 2.354,6 Mi, somente R$ 6,0 Mi é gerado pelo setor agropecuário (IBGE, 2012). E este percentual da participação do setor agropecuário no PIB do município cai a cada ano. Em 2009, o PIB agrícola de Juazeiro do Norte era de 0,5% do PIB total do município e em 2012 representa apenas 0,25% (IBGE, 2009; IBGE, 2012). Outrossim, o dado ainda mais alarmante é que enquanto o PIB de Juazeiro do Norte cresceu 50% em valores absolutos de R$ 1.595,5 Mi - em 2009 - para R$ 2.354,6 Mi, em 2012, o valor da produção agropecuária - no mesmo período - caiu 23%: R$ 7,8 Mi (IBGE, 2009) para R$ 6,0 Mi (IBGE, 2012). De fato, o município possui uma pequena área geográfica - 248,83 Km^2 (IBGE, 2010) e a taxa de urbanização é de mais de 96,4%, uma vez que dos 69,2 Mil domicílios do município apenas 2,5 Mil domicílios estão na zona rural, conforme IBGE (2010).

outubro de 1911, o Padre foi nomeado intendente (denominação da época para prefeito) do município.

A morte do Padre Cícero em 1934 não arrefeceu o crescimento do comércio, do artesanato e das migrações. Pelo contrário, as manifestações se intensificaram. Araújo (2006) aponta que a cidade de Juazeiro do Norte, em relação às cidades vizinhas no Ceará, Pernambuco e Paraíba, foi a única que triplicou o número de habitantes no período de 1920 a 1970. Do ponto de vista dos lugares que passaram a atrair a peregrinação de pessoas para a cidade, além da Igreja de Nossa Senhora das Dores, estão o Santo Sepulcro, a casa de ex-votos, as casas do Padre Cícero (no centro da cidade e no Horto) e a estátua do "Padim Ciço" - erguida na década de 1970 (Nobre, 2010).

Estes lugares construídos durante e após a morte do Padre Cícero, e alguns até recentemente, como é o caso do Luzeiro, revertem-se hoje em pontos turísticos e de peregrinação durante todo o ano. Atualmente, pelo menos 05 romarias por ano, se destacam em Juazeiro do Norte, pelo grande contingente de pessoas que visitam a cidade. São elas: Romaria de Nossa Senhora das Candeias (02 de fevereiro); Romaria do Aniversário de Nascimento do Padre Cícero (24 de março); Romaria do Aniversário de Morte do Padre Cícero (20 de julho); Romaria de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro); e Romaria de Finados (02 de novembro). Nestes dias, o artesanato local vive seus melhores dias, que lembram o seu período áureo, com um arrefecimento das vendas dos produtos artesanais.

Naquela época de ouro do artesanato de Juazeiro do Norte, conforme mencionada por Rabello (1967), a comercialização das peças artesanais era a força motriz da economia da cidade. No entanto, nas décadas seguintes, este setor foi perdendo sua centralidade econômica na vida da cidade até tornar-se, nos anos 2000, uma atividade marginal na vida econômica de Juazeiro do Norte, de modo que não aparece no cálculo do PIB Municipal pela baixa participação no mesmo. A fim de destacar momentos importantes do período relatado, apresentamos na Figura 2.2 uma linha do tempo que demarca este período.

Figura 2.2. Linha do tempo da atividade artesanal no Cariri cearense dos anos 1890 a 1960

2.3. O Juazeiro do Norte/CE e a queda de sua atividade artesanal dos anos 1970 aos 2000

Seguindo a tendência do que ocorreu em alguns países da América Central e do Sul (Scrase, 2003), nas ultimas quatro décadas, Juazeiro do Norte vivenciou o declínio da atividade artesanal. Os motivos apontados por Scrase (2003) para precarização de comunidades artesãs da América Central se assemelham aos motivos identificados por estudos brasileiros que explicam a fragilização da atividade. Pesquisas realizadas pelo Banco do Nordeste (BNB) - em 1958 - e Serviço Social da Indústria (SESI/CNI) - em 1962 – já apontavam fatores que impactaram na redução da atividade artesanal na cidade. A industrialização de produtos próprios do local e a modificação de traços culturais reduzem o consumo de artigos como louças de barro, selaria e trançado. A diminuição do consumo de panelas de barro por panelas de alumínio, bem como do uso de calçados de couro por calçados de borracha.

Um período marcante para a derrocada econômica da atividade artesanal no Cariri é a década de 1990. Naqueles anos, o estado do Ceará foi marcado pela implementação de políticas governamentais para atração de indústrias – que consistiam em concessão de incentivos fiscais, financeiros e de infraestrutura, além da mão de obra de baixo valor econômico – para cidades do interior do estado (Rocha & Amaral Filho, 2004). Neste período, a região do Cariri recebeu indústrias com atividades produtivas semelhantes às realizadas nas oficinas artesanais (Araújo, 2006). A produção artesanal perdeu mercado interno, passando a comercialização dos produtos industrializados a ter maior peso no desenvolvimento do local.

A ampliação de indústrias na região influenciou a mudança de hábito dos moradores, que, por exemplo, trocaram as alpercatas de couro por chinelos produzidos a partir de Etil Vinil Acetato (EVA). O homem "vaqueiro" que para aboiar montava no cavalo e vestia roupas de couro para se proteger dos espinhos típicos da região da caatinga, nos dias atuais realiza essa atividade de moto e vestido calça e casaco jeans ou camisas de algodão. As mulheres trocaram as panelas de barro pelas panelas de alumínio mais resistentes. As bonecas de pano, os carrinhos de lata e os peões de madeira são substituídos por brinquedos de plástico, totalmente produzidos fora da região ou importados. As lamparinas perdem sua função principal – iluminar as casas – reduzindo a produção das mesmas ao propósito de serem utilizadas durante os festejos religiosos de Nossa Senhora das Candeias. Os santos de barro e os 'Padres Cíceros' de madeira produzidos pelos artesãos locais são menos vendidos que aqueles industrialmente produzidos a base de EVA ou outra resina plástica que ainda reproduzem a gravação de hinos de louvor e benditos, apenas ao toque de um botão.

Concomitante a mudanças dos hábitos sociais, identificamos possível perda de valores ou bens que representam a tradição da cultura sertaneja nordestina, atrelada à desvalorização dos bens de consumo produzidos artesanalmente, uma vez que o imaginário do vaqueiro heróico que desbrava o sertão, não pode ser pensado apartado de suas vestimentas de couro, da mesma forma que, o agricultor que pede a Deus e aos santos da igreja católica auxílio para uma boa colheita não pode ser pensado sem seu chapéu de palha.

Os exemplos de substituição de produtos artesanais por produtos industriais, como apresentados anteriormente, são evidências de inúmeras transformações pelas quais a região do Cariri passou nas últimas décadas, que tiveram como consequência um retraimento do artesanato local, com possíveis perdas de valores intangíveis, de tradições culturais e de técnicas tradicionais. Estas mudanças podem ser observadas em todo processo de produção

artesanal, considerado como composto por três etapas distintas: aquisição da matéria-prima, produção propriamente dita e comercialização do produto artesanal. A seguir, buscaremos evidenciar aspectos do trabalho artesanal em Juazeiro do Norte que sejam indicadores do processo de fragilização e desvalorização do artesanato local, nas três etapas citadas, tentando estabelecer comparações entre a forma como se configuravam entre as décadas de 1930 e 1960 e como se delineiam atualmente.

Neste contexto de enfraquecimento do artesanato, várias são as dificuldades dos artesãos na realização do seu trabalho. Uma delas diz respeito à inacessibilidade da matéria-prima na natureza ou no ambiente onde o artesão vive. Por vezes isto ocorre porque a idade do artesão não lhe permite mais longas caminhadas para chegar ao local onde pode encontrar a matéria-prima, por exemplo, o "barro bom" para se trabalhar. Outras vezes, porque uma determinada forma de acesso à matéria-prima deixou de existir, como no caso da palha de milho em que o produtor substituiu o trabalho humano pelo trabalho mecânico no processo de remoção da palha, inviabilizando a utilização da palha na produção artesanal, ou ainda, como em episódios nos quais o proprietário de um terreno permitia a extração da matéria-prima, mas vende o imóvel e o novo proprietário veta esta possibilidade. Finalmente, em algumas vezes, identificamos ainda a extinção da matéria-prima, como é o caso dos artesãos da madeira, que tinham como insumo principal a madeira da imburana, árvore nativa do semiárido brasileiro (Carvalho, 1998) que na espécie "*Amburana cearensis* corre risco de ser extinta, de acordo com levantamento feito pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais – IUCN" (EMBRAPA, n.d.). Aliás, a Imburana é uma das espécies ameaçada em extinção elencada na Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção, publicada em portaria do IBAMA (1992).

A inacessibilidade da matéria-prima na natureza ou no ambiente onde o artesão vive, impele-o a adquiri-la através da compra para poder dar continuidade ao seu ofício. Esta vem sendo a forma mais comum de aquisição da matéria prima atualmente, conforme aponta o estudo sobre os artesãos de Juazeiro do Norte: 84,2% dos artesãos informaram comprar a matéria-prima para realização do seu ofício artesanal (Vale & Grangeiro, 2012). Caso existissem dados acerca da forma de aquisição da matéria-prima pelos artesãos no período mais pujante do artesanato na região do Cariri (década de 60), para que pudéssemos comparar com o atual momento, provavelmente um percentual menor de artesãos – nos anos 60 – informaria adquirir a matéria-prima através da compra.

O fato de comprar matéria-prima não representa - em si - indício de falência do artesanato, desde que o artesão tenha poder de compra. Em alguns casos, comprar matéria-prima pode até significar mais liberdade e tempo de dedicação ao processo criativo e produtivo, uma vez que o artesão não precisará se ocupar da extração da matéria-prima e/ou de sua preparação inicial antes de ser utilizada no processo de produção. No entanto, se a urbanização, a industrialização e/ou a falta de consciência ecológica puseram em risco a aquisição da matéria-prima por meio de coleta ou extração na natureza e a compra tornou-se a forma padrão de adquiri-la, precisamos examinar como esta etapa do trabalho artesanal se configurava antes e atualmente. Nesta perspectiva, é necessário identificar quantos fornecedores de matéria-prima o artesão possui e como se dá a relação entre artesão e fornecedor: é uma relação duradoura? Existe relação de confiança que garanta a qualidade da matéria-prima?

Indo além e refletindo sobre o caso de artesãos que se reúnem por pertencerem à mesma tipologia artesanal, devemos averiguar se eles se organizam coletivamente pra obterem vantagens na compra da matéria-prima, analisar a relação entre os artesãos (pares) na execução desta atividade, bem como, entre artesão e fornecedores (considerados pertencentes à outra categoria profissional cuja atividade impacta na atividade do artesão). Assim, esta etapa do trabalho artesanal precisa ser investigada, pois quando a matéria-prima típica de uma determinada localidade se torna inacessível ao artesão - seja pela impossibilidade de adquiri-la diretamente da natureza, seja por não ter poder aquisitivo para comprá-la - há prejuízo na produção artesanal, favorecendo o declínio da atividade na região.

O processo de produção em si também apresenta características que impedem o desenvolvimento pleno ou satisfatório do trabalho artesanal. A realização da atividade de trabalho no próprio domicílio pode ser considerada um fator que reduz o tempo de trabalho destinado ao artesanato. Isto é agravado no caso das artesãs, uma vez que, neste ambiente, as atividades domésticas e de cuidado com os filhos são imperativas e comprometem a dedicação à atividade artesanal. Grangeiro e Silva Jr. (2013) apontaram que esta parece ser uma realidade comum em Juazeiro do Norte, pois a produção artesanal ocorre majoritariamente em ambiente domiciliar (88,4%). A seguir, no terceiro estudo desta tese, apresentaremos, em detalhe, dados de nove cidades da região do Cariri cearense, mas já adiantamos que apesar de a mais da metade dos artesãos trabalharem no próprio domicílio,

quando tomamos a região como um todo, identificamos uma redução do percentual de artesãos que exercem a atividade de trabalho na própria residência (65,6%).

Reconhece-se a importância histórica, para a região, de combinar trabalho e moradia no mesmo ambiente. No entanto, esta prática, que se justificou em meados do século XX, quando se observa amplo fluxo migratório para região, parece ser um fator que atualmente mais prejudica que alavanca o artesanato no Cariri cearense. Em outras palavras, neste momento, apontamos esta característica tradicional do modo de fazer artesanal como um aspecto que fragiliza o artesanato da região. Cabe registrar que valorizamos o artesanato como expressão da cultura tradicional ou que faça referência à cultura tradicional, no entanto julgamos que para a sobrevivência da atividade artesanal - ou mais ainda, para que o artesanato se constitua atividade lucrativa economicamente e apresente alto grau de visibilidade e inovação, o artesão deve, em algumas situações, abandonar velhas formas do fazer artesanal e imprimir transformações no processo de produção artesanal que ampliem o nível de profissionalismo na gestão da atividade de trabalho.

Por outro lado, não podemos esquecer que a carência de incentivos governamentais à atividade artesanal e a baixa mobilização coletiva dos artesãos restringem ou limitam o espaço de produção artesanal ao próprio domicílio do artesão. O ambiente doméstico, além de lócus de trabalho é também o espaço onde se dá a transmissão do saber-fazer artesanal, que diz respeito a uma das questões-problema do artesanato atualmente (Heye, 1983). A realização da atividade artesanal no próprio domicílio torna a ocasião da produção, também um momento de aprendizagem – por parte dos aprendizes – do modo como o artesão mais experiente e habilidoso se relaciona com o objeto que está produzindo; e um momento de transmissão de conhecimento por meio de treinamento e desenvolvimento de habilidades, a partir da repetição e imitação destes movimentos, perpetuando assim uma pedagogia do artesanato.

Conforme Rugiu (1998), esta pedagogia do artesanato afirma que o ato da produção artesanal não constitui apenas a aprendizagem de um ofício, mas de um modo de vida. A partir deste modo de produção e transmissão de saberes, alguns questionamentos podem ser levantados, tais como: i) Além da observação (por parte do aprendiz), alguma instrução é fornecida pelo artesão mais experiente e habilidoso?; ii) Os melhores artesãos aprenderam com os melhores mestres?; e, iii) Os artesãos mais hábeis tecnicamente são também melhores mestres? E melhores na transmissão dos conhecimentos sobre o ofício aos aprendizes? Após análise detalhada do processo de transmissão de conhecimento, cremos ser pertinente uma

reflexão sobre as vantagens e desvantagens da aprendizagem estar limitada ao ambiente doméstico, uma vez que tornar mais “profissional” o processo de produção, resguardando aspectos da tradição ao objeto produzido e à matéria-prima utilizada, foi apresentado no parágrafo anterior como uma possível saída de uma situação de fragilidade da atividade artesanal na região do Cariri cearense.

Além dos obstáculos mencionados nas etapas de aquisição da matéria-prima e produção artesanal em si, observamos também dificuldades em relação à comercialização do artesanato produzido na região do Cariri cearense. Resgatando relato de pesquisa sobre o artesanato de Juazeiro do Norte na década de 60, podemos identificar a forma como os artesãos vendiam seus artefatos. Neste período, a comercialização era realizada pelos próprios artesãos, que se organizavam nas ruas centrais das cidades, aglutinando-se em função dos objetos que produziam e do material utilizado na produção (Rabello, 1967).

No entanto, esta não é mais a realidade observada em Juazeiro do Norte. A ampliação de produtos industrializados à venda nos centros comerciais da região - anteriormente citado - fez com que o artesanato perdesse seu mercado consumidor local. Algumas pesquisas recentes ratificam a redução do consumo dos artefatos pelos próprios habitantes da região. Conforme observou Vitoriano (2004), o artesanato produzido no município desperta mais interesse nos turistas que visitam a cidade, que nos próprios moradores. Conforme apontou Ribeiro (1983) o que tradicionalmente constituía uma produção para dentro, passou a ser uma produção para fora. Isso se reflete no volume de vendas na própria cidade e quantidade de vendas para outros estados do país e para o exterior. Para representar esta situação, em um estudo sobre circulação das peças produzidas, especificamente no Centro Cultural Mestre Noza (sede da Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte, localizada no centro da cidade), Melo (2010) afirma que 60% das peças são enviadas para os estados do Sudeste, 20% para Fortaleza, 1% para o exterior. Em outras palavras, apenas 19% das peças são adquiridas pelos visitantes no próprio Centro Cultural. Para este período, também propomos uma linha do tempo, delineada na Figura 2.3

Figura 2.3. Linha do tempo da atividade artesanal no Cariri cearense de 1970 ao período atual

Outra dificuldade que os artesãos do Cariri cearense enfrentam na etapa de comercialização do artesanato se refere à sua relação com pessoas físicas ou jurídicas que se encarregam da venda das peças por ele produzidas. Os artesãos identificam estes intermediadores entre seus produtos e os clientes como atravessadores. A partir de uma breve análise histórica do trabalho artesanal, Rugiu (1998) verificou que a venda dos artefatos raramente foi responsabilidade do próprio artesão. Este a deixa a cargo de um terceiro (com habilidades comerciais) que apresenta os artefatos produzidos a um determinado mercado comprador. Também historicamente, há uma relação de submissão do artesão em relação ao atravessador, que determina o que deve ser produzido, em que quantidade deve ser produzido e qual o valor econômico das peças produzidas (Cunha & Vieira, 2009). Nesta relação, em geral, os artesãos são explorados, pois os atravessadores repassam os artefatos para o mercado comprador a um preço bastante superior, comparado ao valor que é pago ao artesão.

2.4. Análises conclusivas

Apesar de a atividade artesanal da região, ao longo do tempo, passar por processo de fragilização nas três etapas do trabalho artesanal (aquisição da matéria-prima, processo produtivo e comercialização do artesanato), Juazeiro do Norte continua sendo o maior pólo de artesanato cearense em quantidade e diversidade, possuindo forte representatividade para a cultura popular do Estado do Ceará e do Brasil. Este destaque se dá, sobretudo, por preservar arte e artesanato tradicionais e pela quantidade e diversidade artesanal produzida, acolhendo os tipos mais característicos do artesanato tradicional (santeiros, xilogravuristas, seleiros, ourives, pintores) e produzindo a partir de uma variedade de insumo artesanal (couro, madeira, palha, barro, metal e tecido). O Juazeiro do Norte ainda abriga artesãos de fama nacional e internacional; artesãos que têm suas peças expostas em museus; e artesãos mestres da cultura cearense que dominam o ofício artesanal e contribuem para perpetuação da cultura sertaneja. A princípio, o alto grau de visibilidade das peças produzidas por um determinado grupo de artesãos, apresenta-se como um possível indicador de êxito profissional destes trabalhadores.

Por outro lado, a região também abriga artesãos que mecanicamente repetem as técnicas aprendidas com seus antecessores; artesãos que têm dificuldade de acesso à matéria-prima e possuem precários equipamentos de produção; e artesãos cujo tempo dedicado ao trabalho artesanal está limitado aos intervalos entre as atividades domésticas e de cuidado com os filhos. Assim, produzem peças de baixa qualidade estética e também de baixo valor simbólico e econômico e que não conseguem sustentar a família a partir da renda adquirida com o trabalho artesanal (Vitoriano, 2004; Carvalho, 2005; Melo, 2010; Vale & Grangeiro, 2012).

Um breve contato com centros comerciais de artesanato em Juazeiro do Norte nos leva a pensar que estes artesãos são maioria, os quais parecem fazer parte de um contexto de fracasso ou insucesso profissional, devido à baixa visibilidade do artesanato que produzem e aos escassos elementos de inovação no produto e/ou processo produtivo. As condições de trabalho vivenciadas por estes artesãos não favorecem o desenvolvimento pleno da atividade artesanal, que precisa passar por transformações para garantir trabalho e renda adequados para

os profissionais do artesanato, além de favorecer a valorização e perpetuação do artesanato tradicional do Cariri cearense.

Outrossim, os artesãos no nordeste brasileiro constituem contingente significativo de trabalhadores inseridos no mercado informal, conforme estudo elaborado pelo Banco do Nordeste (2002). O mesmo estudo aponta que o artesanato promove a inserção da mulher e do adolescente em atividades produtivas, além de estimular a prática do associativismo. Em Juazeiro do Norte, estão cadastrados cinco empreendimentos associativos de base artesanal, são eles: Associação dos Artesãos da Mãe das Dores, Associação dos Artesãos de Juazeiro do Norte, Grupo dos Artesãos da Palha (GENIPOART), Associação dos Artesãos, Lapidários e Ourives do Cariri (ALAMOCA) e a Associação dos Artesãos da FEART.

O exame quantitativo rápido da origem dos objetos comercializados na loja do Centro de Artesanato do Ceará – Ceart em Fortaleza pode nos induzir a acreditar no pleno desenvolvimento da atividade artesanal na rigião do Cariri cearense. Certo, a região é a mais rica em diversidade artesanal, do estado cearense e podemos perceber uma amostra desta diversidade através da variedade de objetos, que foram elaborados a partir de diferentes matérias-primas, por diversos artesãos do Cariri, que estão disponíveis para a venda no referido ponto comercial. No entanto, a análise de aspectos históricos da atividade artesanal no Cariri cearense, bem como das condições atuais de trabalho de uma amostra representativa dos artesãos da região nos impõe uma realidade complexa e, em alguns momentos, paradoxal que nos impede a construção de uma análise linear que aponte exclusivamente para uma posição de florecimento do artesanato ou para o contrário, uma situação de declínio.

De fato, deparamo-nos concomitantemente com indicadores de crise do artesanato (dificuldades encontradas no processo de produção, na aquisição de matéria-prima e comercialização dos objetos; uma maioria de artesãos em condições precárias de trabalho e que repetem de modo mecânico as técnicas aprendidas, sem inserir qualquer elemento inovador; além da pouca expressão que a atividade possui no PIB do município) e com elementos que destacam o vigor da atividade, tais como: apresentar uma produção artesanal de destaque, que supera as fronteiras estadual e até nacional, além do contingente de trabalhadores do setor, que também constituem uma fonte de potencial crescimento do mesmo. A convivência simultânea destes elementos paradoxais complexifica a análise da atividade artesanal realizada no Cariri cearense.

Por fim, a coexistência de indicadores de fragilidades com elementos que apontam o florecimento da atividade artesanal caririense somada à ausência de um perfil do artesão norte-juazeirense foram fontes de motivação para a realização da pesquisa *Perfil dos artesãos do Padre Cícero no século XXI: condições socioeconômicas, processo produtivo, aspectos ambientais e capacidade de organização dos artesãos de Juazeiro do Norte-CE* que apresenta dados demográficos mais recentes sobre os artesãos, além de trazer à tona o perfil dos mesmos em relação a temas atuais – e até então não mapeados – como trabalho infantil, preocupações ambientais, bem como serviços públicos aos quais os mesmos têm acesso, conforme apresentado por Grangeiro e Silva Jr. (2013). No entanto, a amostra da pesquisa foi ampliada para o desenvolvimento desta tese e ao invés de falarmos somente sobre os artesãos de Juazeiro do Norte, nos dedicamos aos artesãos da região do Cariri cearense e realizamos coleta de dados em outros oito municípios da região, além da cidade que é considerada sua capital. Foram abordados aspectos da organização do trabalho artesanal, além de indicadores de visibilidade de inovação do artesanato. Os principais resultados desta investigação serão apresentados e discutidos a seguir, no terceiro estudo desta tese.

As transformações impostas à atividade artesanal realisada no Cariri cearense obrigou os artesãos da localidade a busca de outros espaços de atuação, que se refletem na produção de objetos que atendam à nova demanda social e no alcance de outros nichos de mercado, uma vez que a população local deixa de ser o principal mercado consumidor dos objetos produzidos artesanalmente. As necessidades de inovar e de sobrepujar a comercialização dos objetos criados para além das fronteiras geográficas da região caririense se apresentam como tensões que os artesãos devem superar, a fim de tornar a atividade profissional que exercem viável economicamente. O percurso histórico que desemboca nestas tensões foi explicitado neste estudo e a maneira como os artesãos contemporâneos lidam com tais impasses, explicitados principalmente a partir da necessidade de inovar e de dar visibilidade a sua produção é detalhada a seguir no terceiro estudo.

Referências

Araújo, I. M. (2006). Os novos espaços produtivos: relações sociais e vida econômica no Cariri cearense. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Banco do Nordeste. (2002). *Ações para o desenvolvimento do artesanato do Nordeste*. BNB: Fortaleza.

Barros, L. O. C. (2008). *Juazeiro do Padre Cícero*: a terra da mãe de Deus. 2ed. Fortaleza: Editora IMEPH.

Bazin, G. (1989). *História da história da arte*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.

Bo Bardi, L. (1994). *Tempos de grossura*: O design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi.

Braga, A. M. da C. (2007). *Padre Cícero*: sociologia de um padre, antropologia de um santo. Tese de Doutorado em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 419 f.

Carvalho, G. de. (2005). *Artes da tradição*: mestres do povo. Fortaleza: Expressão Gráfica/Laboratório de Estudos da Oralidade UFC/UECE.

_____. *Madeira matriz*: cultura e memória. São Paulo: Anablume, 1998.

Cunha, T. B.; Vieira, S. B. (2009). Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúdes das labirinteiras de Juarez Távora/Paraíba. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 29(2): 258-275.

Della Cava, R. (1985). *Milagre em Joazeiro*. trad. Maria Yedda Linhares. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Semiárido. *Umburana ou cumaru*: Embrapa estuda técnica para conter ameaça de extinção. Petrolina: EMBRAPA, (n.d). Disponível em: <http://www.cpatsa.embrapa.br/imprensa/noticias/umburana-ou-cumaru-embrapa-semiarido-estuda-tecnica-para-conter-ameaca-de-extincao/>. Acesso em: 02 abril 2013.

Facó, R. (1980). *Cangaceiro e fanáticos*. Gênese e lutas. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Feitosa, A. L. C.; Queiroz, S. N.; Cordeiro Neto, J. R. (2009). Industrialização, Trabalho e Sociabilidade no Espaço Urbano do Triângulo CRAJUBAR-CE. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia*, 1(2): 91-104.

Ferrer, F. A. (2007). Os índios cariri e sua resistência à cultura "branca": uma leitura a partir dos relatos da época colonial. *RIC - Revista do Instituto do Ceará*, 121(121): 185-200.

Fonseca, E. S. (1986). *História do ensino industrial no Brasil*. Rio de Janeiro: SENAI.

Grangeiro, R. R.; Silva Jr., J. T. S. (2013). *Perfil dos artesãos do Padre Cícero no século XXI***:** condições socioeconômicas, processo produtivo, aspectos ambientais e capacidade de organização dos artesãos de Juazeiro do Norte-CE. 1. ed. Juazeiro do Norte: BSG - Bureau de Serviços Gráficos. v. 1. 106p

Heye, A. M. (1983). Repensando o artesanato: algumas considerações. In: Ribeiro, B. G. et al. (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte. 103-115

Holanda, M. L. de O (2009). *O político Padre Cícero*: entre a religião e a cidadania. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora.

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e do Recursos Naturais Renováveis. (1992). *Lista oficial de flora ameaçada de extinção*. Brasília: IBAMA. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/flora/extincao.htm>. Acesso em: 02 abril 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Produto Interno Bruto dos Municípios 2012*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=23&search=ceara>. Acessado em: 28 março 2015.

_____. (2010). *Censo demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 02 abril 2013.

_____. (2009). *Produto interno bruto dos municípios 2005-2009*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2005_2009/default.shtm. Acessado em: 02 abril 2012.

Lima, R. G. (2005). *Artesanato*: cinco pontos para discussão. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_5_Pontos/CNFCP_Artesanato_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 22 julho 2010.

Martins, S. (1973). *Arte e artesanato folclóricos*. Brasília: Funarte. (Coleção cadernos de folclore, n.10).

Melo, R. A. de. (2010). *Artes de Juazeiro*: imagens e criação no Centro de Cultura Popular Mestre Noza.In: *Anais do X Encontro de História Oral*, Recife: ABHO.

Mills, C. W. (2009). *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Neto, L. (2009). *Padre Cícero*: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia da Letras.

Nobre, E. dos S. (2010). O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898). *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Novais, F. (1989). *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial*. São Paulo: HUCITEC.

Paz, O. (2006). O uso e a contemplação. Tradução: Alexandre Bandeira. São Paulo: Editora Cultura e Ação. *Revista Raiz*. n 3: 82 – 89.

Pereira, C. M. C. (2005). Análise da problemática do lixo nas romarias de Juazeiro do Norte-CE. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Pereira, J. C. (1979). *Artesanato*: definições, evolução e ação do Ministério do Trabalho: Brasília: Ministério do Trabalho.

Porto Alegre, S. (1994). *Mãos de Mestre*: itinerários de arte e tradição. São Paulo: Maltese.

_____. (1989). Vaqueiros, agricultores, artesãos: origens do trabalho livre no Ceará colonial. *Revista de Ciências Sociais*. 20 (12): 1-29.

Rabello, S. (1967). *Os Artesãos do Padre Cícero:* condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Ramos, F. R. L. (2000). O meio do mundo: territórios sagrados em Juazeiro do Padre Cícero. Folhas. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Ribeiro, B. G. (1983). Artesanato indígena: para que, para quem? In: Ribeiro, B. G. et al. (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte.

Rocha, A. G. T.; Amaral Filho, J. (2004). As políticas industriais da Bahia, Ceará e Pernambuco: existe algo mais que guerra fiscal. In: *Anais do IX Encontro Regional de Economia*, Fortaleza: Banco do Nordeste.

Rugiu, A. S. (1998). *Nostalgia do mestre artesão*. Trad. Maria de Lourdes Tombaschia Menon. Campinas: Editora Autores Associados.

Russi, A. (2004). Cestaria, homem e natureza: a arte do trançado do Rio Juquiá-Guaçu. Textos escolhidos de cultura e artes populares. 1 (1): 53-61.

Saviani, D. (1998). Educação e trabalho artesanal. In: Rugiu, A. (1998). *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Ed. Autores Associados.

Scrase, T. J. (2003). Precarious production: globalisation and artisan labour in the Third World. *Third World Quartely*, 24 (3): 449-461.

Sennett, R. (2009). *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record.

Vale, C. do; Grangeiro, R. R. (2012). Indicadores de design para a sustentabilidade no artesanato de Juazeiro do Norte/CE e suas relações com a economia solidária. *Cadernos Gestão Social*. 3(1): 39-52.

_____; Silva Jr, J. T. (2012). *Catálogo de artesanato caririense: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha e Caririaçu*. Juazeiro do Norte: BSG – Bureau de Serviços Gráficos. (Série editorial LIEGS)

Vitoriano, G. C. (2004). A invenção da arte popular em Juazeiro do Norte. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós Graduação em História Social - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Vives, V. (1983). A beleza do cotidiano. In: Ribeiro, B. G. et al. (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte. p. 131-148.

Walker, D. (2010). *História da independência de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte: HB Editora.

ESTUDO 03 – A ATIVIDADE ARTESANAL NA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE: examinando aspectos de inovação e visibilidade do artesanato local

Há pouco mais de quatro décadas um livro é integralmente consagrado ao artesanato e aos artesãos de Juazeiro do Norte. A obra escrita por Rabelo (1967) é uma referência básica para todos os outros autores que se dedicam à análise do artesanato na região do Cariri. O autor fez um apanhado estatístico minucioso sobre condições de vida e de trabalho dos artesãos e o impacto desta atividade na economia local. Desta forma, Rabelo (1967) constrói um primeiro perfil dos artesãos de Juazeiro do Norte, por ele denominados artesãos do Padre Cícero.

Passados dezesseis anos, o artesanato de Juazeiro do Norte reaparece como objeto de estudo no meio acadêmico. Alvim (1983) apresenta um estudo de caso sobre os artistas da arte do ouro de Juazeiro do Norte. O artigo de Alvim (1983) ganha o segundo lugar em concurso científico promovido pela Funarte e é publicado em formato de capítulo em Ribeiro (1983). A autora apresenta as nuances da complexidade do trabalho dos ourives, desde qualificação necessária para se "formar na arte", até a maneira pela qual se encontram organizadas as unidades produtivas do ofício. A análise do caso dos ourives de Juazeiro do Norte encontra-se permeada pelo debate da relação entre elementos tradicionais e contemporâneos do ofício artesanal.

Na década de 90, dois livros abordam o artesanato de Juazeiro do Norte. Adrade Filho (1991) oferece retratos compreensivos do cotidiano dos artesãos de madeira de Juazeiro, com o intuito de inseri-los tanto nas questões de seu metier quanto nos dramas de seu grupo social. Porto Alegre (1994) tem uma proposta mais extensa e apresenta um retrato do artesanato em todo estado do Ceará, do qual, o município de Juazeiro do Norte faz parte. A autora contribui com as reflexões sobre o processo de trabalho artesanal referindo-se ao mesmo como integração das atividades manual e intelectual e associação entre a obra produzida e seu autor.

O milênio que se inicia em 2001 é mais rico quantitativamente em textos científicos sobre o artesanato da região do Cariri cearense. No domínio das ciências econômicas os estudos dizem respeito à comercialização de jóias de ouro e jóias folheadas em Juazeiro do Norte (Cruz, 2001). Fernandes (2005) também aborda o tema da produção de jóias, mas se concentra em analisar as aglomerações produtivas de jóias e se seu impacto no desenvolvimento regional. A fim de cumprir seu objetivo, esta autora analisa 45 empresas informais e aproximadamente 200 produtores informais. Ainda sob o domínio das ciências econômicas, encontramos estudos sobre o artesanato em madeira (Oliveira, 2009) e em palha (Souza, 2010) que avalia o impacto do artesanato na economia do Cariri, a partir do caso da Associação Mãe das Dores.

O trabalho artesanal da região do Cariri também é estudado pela sociologia. Araújo (2006) analisa as repercussões da industrialização do Cariri cearense, enfatizando a capacidade dos atores sociais locais em relação ao desenvolvimento industrial vivenciado pela região. O caso específico do mestre da cultura, Espedito Seleiro, artesão do couro, é analisado por Araújo (2007) em Borsoi e Scopinho (2007) que têm como escopo apresentar como atividades laborais consideradas antigas se inserem em contextos de trabalho atuais. Ainda na mesma área de estudo, porém sob uma perspectiva diferente, Cavalcante (2007, 2009) trata das nuances entre arte e artesanato, apresentando uma situação de transição, um processo de transformação dos valores vivenciados por um grupo específico de artesãos/artistas de Juazeiro do Norte/CE.

Por seu turno, existem vários trabalhos científicos em administração que têm como foco o artesanato do Cariri cearense[3]. Os textos científicos desta área de estudo se distinguem pelos temas que discutem. Santos (2007) e Vidal (2010) abordam a comercialização do objeto

[3] Tais artigos não foram abordados no primeiro etudo da tese em questão pois não são artigos disponibilizados pela plataforma de periódicos da Capes, revisados por pares. Destacando que Duarte (2013) se encontra diponível na plataforma Capes, no entanto não cumpre os critérios de revisão de literatura.

artesanal e as dificuldades e desafios de exortação. Carvalho (2006) apresenta o caso de empreendedorismo da Associação Mãe das Dores, como exemplo de caso de sucesso. Tratando do mesmo tema, Santos (2011) relaciona as características encontradas em um grupo de artesãs de Juazeiro do Norte com características empreendedoras, a fim de compreender a longevidade de grupos de artesanato. Duarte (2010, 2013) aponta elementos do desenvolvimento da carreira de artesãos que possuem o título de mestres da cultura do estado do Ceará.

Já no domínio da economia solidária, Gonçalves (2010) aponta as relações de auto-gestão das associações de artesanato de Juazeiro do Norte. Vale e Grangeiro (2012) analisam como as práticas do artesanato de Juazeiro se relacionam com os conceitos de economia solidária. Nunes e Loss (2013) e Nunes, Loss e Geammal (2013) tratam respectivamente do efeito da incubação para o grupo de artesãs intitulado "Mulheres da Palha" e de uma análise da gestão participativa que se deu neste mesmo grupo. Por sua vez, Vale, Cunha e Oliveira (2013) apresentam e analisam processo de incubação realizado com o grupo de artesãos que fazem parte do projeto denominado Fomento à Arte e à Economia Solidária na Região do Cariri.

Existem ainda textos que apresentam um olhar mais voltado para o artesão em si e que relatam suas histórias de vida e como eles se relacionam com a obra produzida (Dumeresq, 2002; Carvalho, 2005). Outros trabalhos resgatam a história do artesanato da região, ou mesmo, de modo mais específico, fornecem registros históricos de como se originou a Associação dos Artesãos do Padre Cícero (Grangeiro & Silva Jr, 2013; Melo, 2010).

Indubitavelmente, observamos crescimento de estudos científicos sobre o artesanato da região do Cariri cearense e diversas também são as perspectivas sob as quais se analisa o artesanato como objeto de estudo. As pesquisas as quais no referimos acima examinaram aspectos históricos do artesanato, a organização dos artesãos em grupos, relação do artesão com o objeto produzido, a carreira dos artesãos, as dificuldades em relação à comercialização, apresentando como exemplo o caso de um artesão de destaque ou um grupo formal de artesãos. No entanto, identificamos lacunas nas pesquisas sobre artesanato na região. Uma delas refere-se à ausência de estudos extensivos, que envolvam todos os artesãos da região do Cariri cearense, independente de tipologia artesanal, de afiliação a grupos formais ou do sucesso conquistado pelo artesão. Outra seria a ausência de análises do artesanato como

atividade de trabalho, privilegiando igualmente as três etapas do trabalho artesanal e não apenas a etapa de comercialização.

Desta forma, propomos um estudo extensivo que possui como objetivo principal descrever e analisar o trabalho dos artesãos da região do Cariri cearense, pertencentes ou não a grupos formais de artesanato, a partir de três etapas distintas, a saber: aquisição da matéria-prima, produção propriamente dita e comercialização do produto artesanal.

De modo específico, pretendemos: i) Descrever aspectos relativos ao perfil do artesão, à organização do trabalho, bem como aspectos econômicos da atividade laboral; ii) Examinar possíveis diferenças entre artesãos e artesãs, quanto à organização do trabalho; iii) Identificar e caracterizar os artesão quanto a possíveis perfis que considerem, simultaneamente, o nível de visibilidade do artesanato produzido e as inovações nos processos de trabalho.

A fim de cumprir os objetivos de pesquisa acima citados, o terceiro estudo desta tese é composto por quatro seções que abordam na ordem sequencial do texto o método de pesquisa seguido para alcançar os objetivos deste estudo; apresentação dos resultados seguida de discussão dos mesmos; e as considerações finais do estudo.

3.1. Método

Nesta seção apresentaremos os dados sócio profissionais e econômicos da amostra de artesãos investigada, o instrumento utilizado para coleta de dados, destacando a carcterização das medidas de visibilidade e inovação que foram empregadas. Esta seção é concluída com as informações sobre os procedimentos de análise de dados realizados.

3.1.1. Participantes

No presente estudo delimitou-se como área abrangida o Cariri cearense, já que geograficamente a região do Cariri também incorpora áreas dos Estados de Pernambuco e Paraíba. Tendo como objetivo analisar a atividade de trabalho de artesãos da região do Cariri, ampliamos a quantidade de cidades para além daquelas que compõem a RMC.

Inicialmente, é oportuno informar que o sul do estado do Ceará foi colonizado no final do século XVI com a chegada dos exploradores da Bahia, para os quais o principal trabalho

era a pecuária (Nobre, 2010). O processo de ocupação do local, aliado à existência de famílias abastadas favorece o surgimento das primeiras igrejas e do patrimônio eclesiástico. Uma destas famílias, conforme aponta Nobre (2010) é a de Leandro Bezerra Monteiro (1740-1831), dono da fazenda Tabuleiro Grande que deu origem ao sítio Juazeiro, e posteriormente à cidade que tem em seu nome características da sua origem: Juazeiro do Norte. Atualmente a cidade mais representativa economicamente da região, compondo 51,07% do PIB da região metropolitana do Cariri e classificada como quinto PIB do estado do Ceará (IBGE, 2011).

Figura 3.1. Região Metropolitana do Cariri Cearense.
Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE, 2012).

A mesoregião territorial conhecida por Cariri cearense se situa no sul do estado e é composta por 32 municípios, divididos em 5 microrregiões, que representam 13% do território cearense (Araújo, 2006). Por sua vez, a Região Metropolitana do Cariri (RMC), conforme a Lei Complementar Estadual nº 79/2009 possui nove municípios, a saber: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. A Figura 3.1 nos permite visualizar estas cidades e, em miniatura, a disposição da Região Metropolitana do Cariri em relação ao Ceará.

Apresentamos na Tabela 3.1 a quantidade de questionários aplicados em 9 cidades da região do Cariri. Todavia, dentre os 230 artesãos que compõem a amostra deste estudo, 77,9% se concentram nas três principais cidades da região: Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, que são as cidades mais populosas e onde se concentram maior quantidade de artesãos. Estes foram identificados através de listagem de artesãos fornecida pela Ceart (Centro de Artesanato do Ceará), associações de artesãos, pontos comerciais de artesanato e contato estabelecido com a secretaria de cultura dos municípios investigados.

Tabela 3.1
Caracterização da amostra quanto à cidade onde reside e escolaridade

Cidade	**N**	**%**	**Escolaridade**	**N**	**%**
Juazeiro do Norte	108	47,0	Não sabe ler, nem escrever	12	5,2
Crato	52	22,6	Alfabetizado	11	4,8
Caririaçu	19	8,3	Ensino fundam. incompleto	71	30,9
Barbalha	17	7,4	Ensino fundamental completo	20	8,7
Santana do Cariri	15	6,5	Ensino médio incompleto	22	9,6
Várzea Alegre	11	4,8	Ensino médio completo	65	28,3
Nova Olinda	5	2,2	Ensino superior incompleto	12	5,2
Missão Velha	2	0,9	Ensino superior completo	17	7,4
Potengi	1	0,4	**Total**	**230**	**100**
Total	**230**	**100**			

A maior parte da nossa amostra é constituída por artesãs do sexo feminino (N = 162), compondo 70,4% contra 29,6% de artesãos do sexo masculino (N = 68). A idade da amostra dos artesãos pesquisados varia entre 10 e 87 anos, sendo a idade média de 42,54 anos, com um desvio padrão de 15,46 anos. A amostra é dividida ao meio em 46 anos (mediana). A idade mais freqüente (moda) entre os artesãos estudados é 46 anos.

Quanto à escolaridade, observamos ainda na Tabela 3.1 que os participantes apresentam baixos níveis de escolaridade, sobretudo se comparamos com os estudos realizados entre trabalhadores do setor industrial (Silva & Bastos, 2011; Carvalho, Alves, Peixoto e Bastos, 2011; Rodrigues, 2011; Aguiar, 2012). Aproximadamente 41% da amostra não concluíram o Ensino Fundamental.

3.1.2. Instrumento e procedimentos de coleta de dados

O questionário elaborado para esta pesquisa está dividido em cinco partes, composto em sua maior parte de questões fechadas, ou seja, questões que apresentam as opções de resposta para os participantes da pesquisa (Rogelberg *et al.*, 2004). Em 16,3% das questões perguntadas, os artesãos puderam emitir as respostas livremente, sem que expuséssemos previamente a alternativa de resposta a ser escolhida. A primeira parte do questionário é intitulada identificação pessoal (1 a 7), composta de sete questões que permitem uma caracterização sócio demográfica dos participantes, identificando sexo, idade, cidade, estado civil, doutrina religiosa, escolaridade.

Já a segunda parte do questionário indaga sobre as condições profissionais e econômicas dos artesãos (questões 8 a 21), por exemplo: idade que começou a trabalhar com artesanato, como aprendeu o oficio artesanal, tipologia em que trabalha, o que produz, há outras pessoas da família que são artesãos ou artesãs, o empreendimento de artesanato é formalizado, possui registro em alguma associação de artesãos, está envolvido em outra atividade de trabalho proporciona que renda, o artesanato é a principal fonte de renda e por fim, qual o valor da renda mensal proveniente do artesanato.

Por sua vez, a terceira parte do questionário possui como foco o acesso à matéria-prima (questões 22 a 26). Esta etapa foi elaborada para identificar aspectos relativos à forma como se dá a aquisição da matéria-prima atualmente e as possíveis inovações nesta etapa do processo artesanal. Desta forma, perguntamos sobre possíveis mudanças no tipo de matéria-prima, ou mesmo adaptações que ela tenha sofrido, sobre como o artesão adquire esta matéria-prima, as mudanças no modo de aquisição da matéria-prima e o lugar onde adquire com mais freqüência esta matéria-prima.

A quarta parte busca examinar elementos da produção artesanal (questões 27 a 38), incluindo questionamentos sobre a organização do trabalho nesta etapa do processo artesanal. As questões desta parte do questionário se referem à quantidade de horas trabalhadas por dia, a ajuda recebida de outras pessoas no processo de produção artesanal, o local de trabalho com artesanato, a propriedade dos equipamentos de produção, a influência na criação do seu trabalho artesanal. Há também questões que buscam identificar a presença da inovação nesta etapa da atividade artesanal. Elas indagam sobre mudanças e/ou transformações nos

equipamentos utilizados na produção artesanal, na técnica de produção artesanal, no estilo e em relação ao próprio objeto produzido.

Finalmente, a quinta e última etapa do questionário é direcionada aos aspectos da comercialização (questões 39 a 48) e possui perguntas sobre de quem é a responsabilidade pela comercialização do objeto artesanal, o local onde se dá a comercialização, as formas de pagamento mais utilizadas pelos clientes, o melhor período de vendas e sobre a participação em exposições culturais e museus.

Quanto ao procedimento de coleta de dados, podemos informar que a mesma se deu por meio de entrevista guiada por questionário (Rogelberg, Church, Waclawski, Stanton, 2004). Optamos por este procedimento devido ao baixo nível de escolaridade da amostra pesquisada, que impossibilitou a aplicação clássica de questionário. Outrossim, utilizamos escalas coloridas (*vide* apêndice 2) a fim de facilitar a compreensão dos níveis de concordância da escala likert, conforme sugestão de Borges e Pinheiro (2002) de adaptação dos instrumentos de pesquisa para amostras de baixa escolaridade.

3.1.3. Medidas de visibilidade e inovação

Compreende um dos objetivos específicos desta pesquisa caracterizar os artesãos quanto à visibilidade do artesanato produzido e quanto às inovações incorporadas ao produto, ao processo do fazer artesanal e à comercialização, dois conceitos centrais no estudo a seguir delimitados conceitualmente.

O segundo estudo desta tese apresentou as transformações pelas quais a atividade artesanal passou ao longo do século XX e como estas transformações se traduziram em tensões e desafios que obrigaram os artesãos a redefinirem sua inserção econômica e a buscarem outro espaço de atuação. Para ocupar este novo espaço, o artesão precisa ser inovador (em diversos aspectos do modo de produção, desde o objeto produzido, passando por adaptações na matéria-prima) e precisa igualmente expandir a comercialização dos seus objetos para além dos limites geográficos da região na qual habita, uma vez que a população local substituiu os objetos produzidos artesanalmente por aqueles produzidos de modo industrial. A expansão comercial para outros limites geográficos é denominada visibiliade, cujos critérios de avaliação estão detalhados a seguir.

Desta forma, entendemos a inovação e a visibilidade como dimensões centrais para vitalizar economicamente a atividade artesanal inserida no novo contexto produtivo mundial, que se caracteriza como pós-industrial e as adotamos como eixos centrais do mmodelo de análise da atividade artesanal proposto neste estudo da tese.

Visibilidade

Visibilidade refere-se ao alcance geográfico de mercado do artesanato, ou seja, até onde esse artesanato é comercializado. Para este estudo, em uma escala, a visibilidade do artesanato poderia variar de ausente à cosmopolita (quando o artesão consegue vender para outros países), passando por local (venda na própria cidade em que o artesão atua e/ou em cidades vizinhas que compõem a região do Cariri cearense), estadual (venda em outras cidades do estado do Ceará), regional (venda em outras cidades da região Nordeste) e nacional (venda em outras cidades do Brasil).

Local de venda	**Escore**	**Visibilidade**
Desconhecimento sobre local de comercialização	0	Ausente
Na própria residência	1	Local
Em ponto comercial no município onde vive	2	Local
Em ponto comercial na região do Cariri	3	Local
Em ponto comercial no estado do CE, exceto Cariri e Fortaleza	4	Estadual
Em ponto comercial em Fortaleza	5	Estadual
Em ponto comercial de outras capitais do Nordeste	6	Regional
Em ponto comercial de outras regiões do Brasil	7	Nacional
Em ponto comercial de outros países	8	Cosmopolita

Figura 3.2. Identificação dos escores e categorias de visibilidade

O escore de visibilidade do artesão pode variar entre 0 e 8 pontos, em função da resposta dada à pergunta no questionário que busca identificar o local de venda do artesanato. A Figura 3.2 apresenta as possibilidades de respostas dos artesãos, o escore de cada uma e a categoria de visibilidade representada por cada escore.

Inovação

Inovação é um tópico de pesquisa comum a inúmeras disciplinas acadêmicas e é considerado um conceito central para a criação de novas indústrias, para ampliar vantagem competitiva e o desempenho empresarial (Crossan & Apaydin, 2010). A análise dos artigos científicos publicados sobre inovação demonstra superioridade quantitativa das pesquisas que consideram inovação como fenômeno baseado da tecnologia, apesar de se reconhecer a importância do estudo da inovação nas organizações que extrapolem o domínio tecnológico (Boldrini, Chéné e Journé-Michel, 2011). Inovação tecnológica e inovação gerencial são termos que abordam realidades distintas e os estudiosos do assunto fazem questão de demarcar os limites entre um tipo de inovação e o outro.

A definição contemporânea de inovação e a caracterização de suas tipologias foram introduzidas no início do século XX por Shumpeter. As cinco tipologias de inovação por ele delineadas são: novos produtos; novos métodos de produção; novos mercados; novas fontes de suprimentos; e novas formas de organizar o negócio. No contexto em que Shumpeter introduziu seu modelo de inovação, as inovações gerenciais não tinham tanta importância quanto as inovações em produtos e processos. No entanto, a ampliação e complexificação das funções e atividades das empresas chamam a atenção para a necessidade de novas técnicas e práticas gerenciais.

Desta forma, o velho paradigma de inovação associado à invenção, nova tecnologia e novo produto ou serviço precisa ser questionado pelo novo paradigma de inovação, para o qual a importância de vários modos de inovação não-tecnológica são também valorizados, a exemplo de novas ferramentas administrativas, técnicas e práticas que contribuem para mudança organizacional. Congruentes com o novo paradigma de inovação, os estudos sobre inovação gerencial apontam uma estreita relação entre o que os gestores fazem e como eles fazem e as inovações estratégicas, estruturais e processuais que promovem transformações nas organizações (Damanpour, 2014).

A partir de uma generalização conceitual sobre inovação, acreditamos que os artesãos inovam em produto e que na condição de gestores de seus próprios negócios também inovam em práticas de organização da produção e em estratégias de comercialização. No entanto, compreendemos que devemos ter cuidado ao nos apropriar de um conceito originário do meio industrial e gerencial e adotá-lo ao analisar a atividade artesanal. Pois, as práticas gerenciais

são mais complexas nesse meio e porque não podemos tratar de forma equivalente a inovação do objeto artesanal e a inovação em produtos da indústria automobilística, eletro-eletrônica e/ou informacional.

Desta forma, para esta pesquisa, o nível de inovação foi mensurado tomando em consideração a existência ou ausência de mudanças, transformações e/ou adaptações nas três etapas da produção artesanal: matéria-prima, produção em si, comercialização. Em relação à primeira etapa, é perguntado ao artesão se houve mudanças ou adaptações em três indicadores, são eles: de um tipo de matéria-prima por outro; se a matéria-prima passou por adaptações; e se houve mudança na forma de adquiri-la. Nesta etapa, se nada tiver mudado, o escore de inovação do artesão é igual a zero. Ao contrário, se houver mudança nos três quesitos, o artesão soma 3 pontos ao seu escore de inovação.

Na segunda etapa, buscamos identificar mudanças nos equipamentos de produção, na técnica, no estilo do artesão, no objeto produzido, bem como em relação à interação com outras pessoas no momento de produção. Cinco fatores são analisados, portanto, a pontuação mínima do artesão nesta etapa é zero e a máxima é cinco.

Na terceira e última etapa, buscamos identificar se ocorrem alterações em relação à pessoa responsável pela comercialização do objeto artesanal; ao lugar geográfico onde ele é comercializado; e à forma de pagamento. Nesta etapa, o escore de inovação pode variar entre zero e três. Assim, a identificação do nível de inovação na produção artesanal, a partir dos indicadores apresentados nas três etapas da atividade artesanal, permite uma variação de escores entre zero e 11. Ou seja, os artesãos deste estudo podem variar, em relação ao escore de inovação, entre a posição zero e a posição onze, conforme apresentado na Figura 3.3.

Etapa	Pergunta	Valor da resposta
Matéria Prima	O tipo de matéria-prima que você utiliza mudou desde que começou a trabalhar com artesanato?	Não = 0
		Sim = 1
	A matéria-prima que você utiliza na produção artesanal passou por alguma adaptação ou transformação desde que você começou a trabalhar com artesanato?	Não = 0
		Sim = 1
	Houve mudanças no modo de aquisição da matéria-prima?	Não = 0
		Sim = 1
Total entre 0 e 3		
Produção	Houve mudanças em relação a receber ajuda de outras pessoas no processo de produção artesanal?	Não = 0
		Sim = 1
	Houve mudanças em relação aos equipamentos utilizados na produção artesanal?	Não = 0
		Sim = 1
	Houve alteração na técnica de produção artesanal?	Não = 0
		Sim = 1
	Você imprimiu mudanças de estilo em relação ao objeto produzido?	Não = 0
		Sim = 1
	Houve mudanças em relação ao(s) tipo(s) de objeto(s) produzido(s)?	Não = 0
		Sim = 1
Total entre 0 e 5		
Comercialização	Houve mudança em relação a quem comercializava o objeto artesanal?	Não = 0
		Sim = 1
	Houve mudança em relação ao local de venda do artesanato?	Não = 0
		Sim = 1
	Houve mudança em relação à forma de pagamento?	Não = 0
		Sim = 1
Total entre 0 e 3		

Figura 3.3. Pontuação para escore de inovação

3.1.4. Procedimentos de análise dos dados

Os dados obtidos através da aplicação de questionário junto aos artesãos do Cariri cearense são em sua maioria dados numéricos e passaram por tratamentos estatísticos, conforme as características das variáveis analisadas. Para a tabulação e análise destes dados foi utilizado o *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*).

A fim de cumprir as etapas propostas pelos primeiro e segundo objetivos específicos, conduzimos análises estatísticas descritivas de variáveis categóricas e numéricas, mas também analisamos a associação entre variáveis categóricas binárias e não-binárias, aplicando o teste de Qui-quadrado para verificar probabilidade de a associação ter se dado por acaso. Outrossim, analisamos diferenças de médias entre grupos de artesãos e artesãs, aplicando teste T. Para cumprir o terceiro objetivo específico deste estudo, realizamos análise de *clusters*, a partir da relação entre os escores de visibilidade e inovação obtido por cada artesão, além das análises estatísticas descritivas para caracterização de cada *cluster*.

3.2. Resultados e discussão

Para cumprir o primeiro objetivo específico deste estudo, apresentamos o perfil da amostra total de artesãos, seguido de dados relativos à forma como eles organizam seu trabalho, bem como aspectos econômicos desta atividade.

O artesão da região do Cariri cearense se dedica ao artesanato, em média, há 22,18 anos (com desvio padrão igual à 15,73). O intervalo de tempo de trabalho na atividade artesanal varia entre 0 e 67 anos, sendo a moda da amostra igual a 12 anos e a mediana igual a 21 anos.

Quanto à tipologia do artesanato de cada trabalhador podemos inferir uma grande variedade de matéria-prima, a partir da qual os artesãos constroem os objetos, como se vê na Tabela 3.2. A maior freqüência de artesãos se encontra na tipologia rendas e bordados, seguida de trançados e madeira respectivamente, como podemos observar na tabela abaixo. As três categorias juntas compreendem 60,43% da amostra estudada. Identificamos também artesanato feito com pedra cariri, típica da localidade, com metal e reciclados. Passando pela

tecelagem, que afama a região por suas redes de qualidade, bem como a cerâmica e o couro, tipologia onde se encontram dois dos artesãos-mestres de cultura mais reconhecidos da região: as Marias do barro (em Juazeiro do Norte) e Espedito seleiro (artesão do couro em Nova Olinda).

Tabela 3.2
Caracterização da amostra quanto à tipologia artesanal

Tipologia	**N**	**%**
Alimentos	2	,9
Cerâmica	7	3,0
Cestarias e trançados	44	19,1
Couro	19	8,3
Madeira	40	17,4
Metal	5	2,2
Pedras	8	3,5
Reciclados	8	3,5
Rendas e bordados	55	23,9
Tecelagem	21	9,1
Outros*	21	9,1
Total	230	100,0

No que diz respeito à organização do trabalho, observamos que os artesãos pesquisados trabalham em média 6,68 horas por dia. Sendo no mínimo 2 h/dia e no máximo 16 h/dia. A moda em relação a esta variável é de 8 horas por dia, aparecendo em 48 casos. A mediana é 6 h/dia. A própria residência é o principal local de trabalho da amostra de artesãos estudados, correspondendo ao local de trabalho de 65,7% (151) dos artesãos pesquisados. O trabalho é realizado em associações (29) e em oficinas (48) por 33,5% da amostra. Para 80% da amostra, os equipamentos de trabalho pertencem ao próprio artesão.

No entanto, chamou nossa atenção a quantidade de artesãos que trabalham com equipamento fornecido pelo patrão (8,3%), apresentando indícios de que existem artesãos na região do cariri, que ao invés de venderem o objeto produzido, vendem sua força de trabalho. Apesar de um percentual pequeno, este dado apresenta indícios de transformação nos moldes

tradicionais do trabalho artesanal. Ou seja, o artesão que tradicionalmente vende o produto do seu trabalho, passa a vender sua força de trabalho.

Pode-se dizer que a amostra está dividida de forma semelhante quanto a receber ajuda no processo de produção, sendo o percentual do grupo que recebe ajuda (54,8%) levemente superior que o percentual que não recebe ajuda durante o processo produtivo (45,2%). A ajuda recebida não se caracteriza como divisão do trabalho. Alguns artesãos se agrupam com a única finalidade de concluir determinada encomenda, mas cada um inicia e finaliza seus próprios objetos. No caso de artesãos que fazem esculturas em madeira, alguns afirmaram receber ajudas esporádicas de aprendizes, que se dedicam unicamente a lixar a madeira. No entanto, o próprio artesão se ocupa do trabalho principal de dar forma à madeira, demonstrando sua habilidade técnica e estilo próprio, marcados também pela assinatura do artesão em cada uma de suas peças.

Os 126 artesãos, que informaram receber ajuda durante o processo produtivo, recebem em média a ajuda de 4,59 pessoas (mediana=3; moda = 1; DP = 4,9 maior que a média; valor mínimo = 1; valor máximo = 30).

No que diz respeito aos aspectos econômicos da atividade artesanal, observamos que mais da metade da amostra estudada (53,5%) afirmou obter renda, a partir do trabalho artesanal, menor que de um salário mínimo, como podemos observar na Tabela 3.3.

Tabela 3.3
Caracterização da amostra quanto à renda mensal

Renda mensal/artesanato	**N**	**%**	**% cumulativo**
Menos de um salário mínimo	123	53,5	53,5
1 SM	26	11,3	64,8
Entre 1 e 2 SM	59	25,7	90,4
Entre 2 e 5 SM	19	8,3	98,7
Entre 5 e 10 SM	3	1,3	100,0
Total	**230**	**100,0**	

Quando indagamos aos sujeitos da pesquisa se o artesanato representava sua principal fonte de renda, obtivemos 69,1% de respostas positivas (159), contra 30,9% de respostas

negativas (71). Em seguida, quando os perguntamos se realizavam outra atividade de trabalho além do artesanato, 61,3% responderam não exercer outra atividade (141), contra 38,7% que afirmaram exercer outra atividade laboral (89).

Os dados expostos na Tabela 3.4 indicam que entre os artesãos que possuem outra atividade de trabalho (N=89), a renda obtida com a atividade artesanal não representa sua renda principal, uma vez que 33,7% dos artesão que exercem outra profissão têm no artesanato sua renda principal(N=30), contra 66,3% para os quais a outra atividade de trabalho fornece maior renda (N=59).

Tabela 3.4
Associação entre as variáveis "outra atividade de trabalho" e "principal renda"

		Principal renda		
		Não	Sim	Total
Outra atividade de trabalho	Não	12	129	141
	Sim	59	30	89
	Total	71	159	230
Teste χ^2	85,361			
gl	1			

Há 12 artesãos que exercem unicamente a atividade artesanal, porém, possuem outra renda que é superior a obtida através do trabalho. Eles foram indagados sobre os motivos de possuírem uma renda superior a adquirida através do artesanato. Desta forma, pudemos identificar que nestes casos, a renda obtida através do trabalho é menor que um salário mínimo e é superada pela renda obtida através de pensão, aposentadoria e /ou qualquer outro auxílio financeiro fornecido pelo governo brasileiro, por exemplo, o Bolsa Família.

Para atingir o segundo objetivo específico do estudo examinamos as possíveis diferenças entre artesãos e artesãs, quanto à média de horas trabalhadas por dia e quanto ao local de trabalho. Observamos que a média de horas trabalhadas pelos homens é maior que a média de horas trabalhadas pelas mulheres em 1,25 h/dia. O Teste T permitiu avaliar que a probabilidade de obtermos esta diferença entre as médias de horas trabalhadas por homens e mulheres a partir de erro amostral é 0,02%, conforme verificamos na Tabela 3.5.

Tabela 3.5
Diferenças entre média de horas trabalhadas por homens e mulheres

	Homens	Mulheres	Teste t	p	gl
Média de horas trabalhadas/dia	7,56	6,31	3,131	0,002	146,8

Analisando a diferença de moda desta variável entre artesãos e artesãs, temos que a quantidade de horas mais citada pelos homens foi 8, enquanto para as mulheres foi 4. Este resultado traz evidências de que os homens dedicam mais horas da sua jornada ao trabalho com o artesanato que as mulheres, que provavelmente dividem seu tempo de trabalho com os cuidados domésticos. Os dados sobre os locais de trabalho, vistos na Tabela 3.6, ajudam a compreender o que pode estar associado ao tempo dedicado ao artesanato.

Tabela 3.6
Associação entre as variáveis sexo e local de trabalho

	Local de trabalho		
	Casa	Oficina	Total
Masculino	25	46	68
Feminino	126	36	162
Total	151	79	230
Teste χ^2	35,727		
gl	1	p=0,000	

Os resultados abordados na Tabela 3.6 informam que a maior parte da amostra investigada (65,6%) trabalha na própria residência. Retomando aspectos históricos da atividade artesanal na região, apresentados no segundo estudo desta tese, observamos que a associação entre trabalho e moradia no mesmo local representa uma característica tradicional na forma como o trabalho artesanal no Cariri cearense se organiza nos dias atuais.

Por outro lado, quando analisamos as diferenças entre homens e mulheres quanto ao local onde é realizada a atividade de trabalho artesanal, observamos que 63,2% dos homens entrevistados trabalham na oficina ou associação, contra 36,8% que trabalham em casa. No caso das artesãs do sexo feminino, 77,8% realizam a atividade de trabalho no próprio domicílio, enquanto 22,2% realizam a atividade de trabalho fora do domicílio. A realização

do teste qui-quadrado nos permitiu inferir que as diferenças entre as freqüências observadas e as freqüências esperadas não se deram em consequência de erro amostral.

A partir dos resultados descritos nas Tabelas 3.5 e 3.6, podemos observar que existem indícios de que, em geral, os artesãos do sexo masculino trabalham fora de casa e, em média, trabalham mais horas por dia que as mulheres, que se dedicam à atividade de trabalho no próprio domicílio. Imaginamos que a divisão do tempo de trabalho artesanal com ocupações domésticas e de cuidado com a própria família constitui um fator que contribui para a redução da média de horas trabalhadas diariamente pelas artesãs.

O terceiro e último objetivo específico deste estudo tem como escopo caracterizar os artesãos em perfis que considerem simultaneamente, o nível de visibilidade do artesanato e as inovações nos processos de trabalho, analisando primeiramente, cada variável de maneira individualizada.

Visibilidade

Conforme explicitado no método, quanto ao nível de visibilidade, o escore do artesão pode variar entre 0 e 8 pontos. Esta variação se dá em função da resposta dada à pergunta no questionário que busca identificar o local de venda do artesanato. Embora não previsto inicialmente, durante a coleta de dados, foi possível identificar que, por trabalharem sob encomenda para terceiros, há artesãos (2,6% da amostra) que sequer sabem ondem os produtos são vendidos. Ou seja, o escore 0 em visibilidade foi reservados para tais casos, onde o artesão é anônimo e o seu trabalho não tem visibilidade para o mercado consumidor.

A Tabela 3.7 caracteriza a amostra do estudo quanto ao local de comercialização do artesanato, indicador principal utilizado para mensurar a visibilidade do seu trabalho. Podemos observar que mais da metade dos entrevistados (66,5%) não conseguem expandir a comercialização dos objetos produzidos para além do município onde vive. Esta tabela ainda evidencia que a resposta mais freqüente dos artesãos aponta a própria residência como ponto de comercialização do artesanato produzido. A média de visibilidade da amostra é 2,33, quando o ponto médio entre os valores mínimo e máximo de visibilidade é quatro (escore de visibilidade variando entre zero e oito). Apenas 28,3% da amostra conseguem superar este ponto médio de visibilidade, ou seja, 71,7% da amostra se concentram entre os níveis ausente

e intermediário de visibilidade, sugerindo que a amostra em estudo possui baixos níveis de visibilidade.

Tabela 3.7
Caracterização da amostra quanto ao local de comercialização do artesanato

Visibilidade/Local de comercialização	**N**	**%**
Ausente (desconhecimento sobre o local de venda)	**6**	**2,6**
Local	**158**	**68,7**
• Na própria residência	87	37,8
• Em ponto comercial no município onde vive	66	28,7
• Em ponto comercial na região do Cariri, exceto cidade onde vive	5	2,2
Estadual	**8**	**3,4**
• Em ponto comercial no estado do CE, exceto Cariri e Fortaleza	1	0,4
• Em ponto comercial em Fortaleza	7	3
Regional	**21**	**9,1**
• Em ponto comercial de outras capitais do Nordeste	21	9,1
Nacional	**22**	**9,6**
• Em ponto comercial de outras regiões do Brasil	22	9,6
Cosmopolita	**15**	**6,6**
• Em ponto comercial de outros países	15	6,6
Total	**230**	**100**

Inovação

Considerando que o escore em inovação pode variar de 0 a 11, encontramos uma média de apenas 2,1, que pode ser considerada baixa. Mediana e moda desta variável são iguais a 1. Nenhum dos artesãos da amostra estudada conseguiu atingir o escore máximo de inovação (11) e o escore mais alto registrado para esta amostra equivale a dez. Como se vê na Tabela 3.8, maior parte da amostra (93,2%) apresenta escore de inovação que varia entre 0 e 5, escore abaixo do ponto médio da escala utilizada para avaliar inovação. Assim, apenas 6,8% da amostra estudada consegue ultrapassar o escore médio de inovação.

Tabela 3.8
Freqüência da amostra para cada escore de inovação

Escore de Inovação	**N**	**%**	**% cumulativo**
0	44	19,1	19,1
1	72	31,3	50,4
2	39	17	67,4
3	32	14	81,4
4	9	4	85,4
5	18	7,8	93,2
6	6	2,6	95,8
7	7	3	98,8
8	1	,4	99,2
9	1	,4	99,6
10	1	,4	100
Total	**230**	**100**	

Além do exame da média geral de inovação, também a analisamos a partir de cada aspecto que a compõe, identificando quantos artesãos marcaram ponto (respondendo sim) para cada uma das onze quetões que a integram. O item que obteve maior pontuação diz respeito à inovação do produto em si (115 pontos). Observamos aí uma flexibilidade dos artesãos em acompanhar as mudanças das demandas de consumo da sociedade e por exemplo, deixar de produzir malas de madeira, pois elas deixam de ter mercado comprador e passar a produzir santos de madeira; reduzir a produção de roupas e aparatos de vaqueiros e passar a produzir sandálias e bolsas femininas em couro; associar à produção do tradicional chapéu de palha, inúmeros outros artigos como bolsas, baús, caixas organizadoras, objetos decorativos, entre outros. Mudanças em relação à pessoa responsável pela comercialização do objeto artesanal (22 pontos) e alterações na forma de aquisição da matéria-prima (23 pontos) correspondem às variáveis menos pontuadas de inovação.

Por sua vez, observando os dois casos que apresentam os maiores escores de inovação, identificamos uma artesã (10 escores em inovação), da cidade de Várzea Alegre, produtora de redes de dormir e o célebre mestre artesão do couro (Espedito Seleiro) de Nova Olinda, que obteve 9 escores em inovação. A primeira afirmou a presença de inovação em quase todos os fatores, exceto no que diz respeito a mudanças no estilo. Quanto ao mestre artesão do couro, dois fatores não passaram por alterações: 1) a matéria-prima, que sempre foi o couro bovino, lembrando que ela foi adaptada, uma vez que, começou a ser colorida; e 2) os equipamentos de produção, que são os mesmos desde quando o artesão aprendeu o ofício. Ainda sobre a

ausência de inovação dos equipamentos de produção utilizados, acrescentamos que o artesão exibe com orgulho a máquina de costura que pertencia ao avô e que atualmente faz parte do acervo do Museu do Couro, em Nova Olinda /CE.

Perfis de artesão: combinando visibilidade e inovação

Os artesãos participantes da pesquisa puderam ser agrupados em quatro padrões de desempenho quando considerados simultaneamente os escores obtidos em visibilidade e em inovação. A Figura 3.4 apresenta as médias obtidas em inovação e visibilidade pelos quatro subgrupos ou *clusters* de artesãos identificados neste estudo, O primeiro agrupamento, composto por 40 artesãos, possui média baixa (1,7) em inovação e alta em visibilidade (6,43) e são denominados *artesãos tradicionais reconhecidos*. O segundo cluster compreende a maior parte da amostra (126 artesãos) e possui baixos índices em inovação (0,91) e visibilidade (1,37). Os artesãos deste grupo são denominados *artesãos tradicionais não-reconhecidos*. O terceiro grupo é composto por 39 artesãos com média baixa em visibilidade e alta em inovação, denominados *artesãos de referência cultural não-reconhecidos*. O quarto agrupamento reúne a menor parte (25 artesãos) da amostra investigada e representa os artesãos com altas médias de inovação (5,8) e visibilidade (7,12), que são denominados de *referência cultural reconhecidos*.

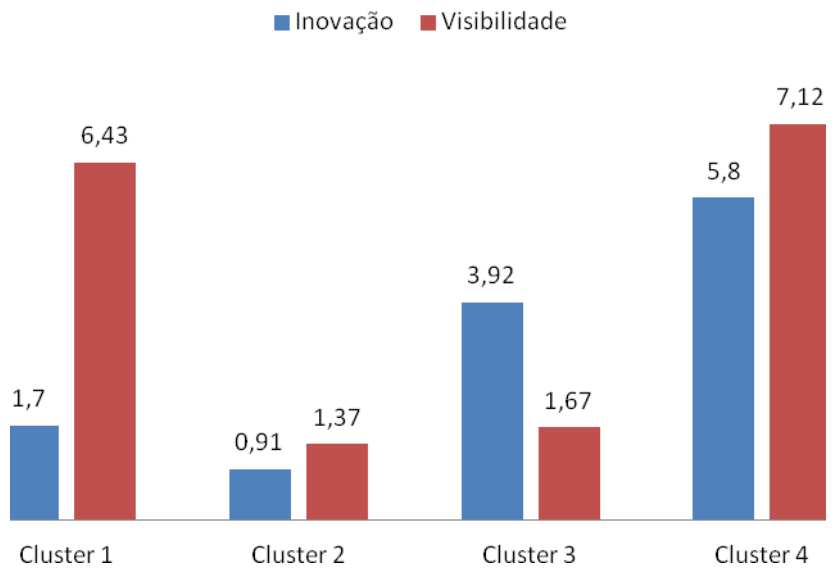


Figura 3.4. Médias de inovação e visibilidade dos quatro perfis de artesãos

Podemos observar que os clusters 01 e 03 são opostos, pois enquanto um possui baixa inovação e alta visibilidade, para o outro observamos o contrário. Também, os clusters 02 e 04 são opostos, uma vez que o segundo cluster indica baixos escores de inovação e visibilidade, enquanto o quarto cluster indica altos escores tanto em inovação quanto em visibilidade.

O primeiro *cluster* é composto por um subgrupo de 40 artesãos, que pode ser denominado artesão tradicional – reconhecido. Os artesãos que pertencem a este *cluster* produzem artesanato tradicional, a partir de matéria-prima típica da localidade onde vive, utilizando técnicas de trabalho tradicionais. Pouca ou nenhuma inovação ocorre em relação ao processo de produção, já a inovação em relação ao artefato se limita a atualizações estimuladas por mudanças no contexto social, cultural e político em que vive o artesão. Por exemplo, artesãos que constroem cenários em barro ou em madeira, dedicam-se a este ofício provavelmente desde o início de suas carreiras, utilizando os mesmos instrumentos de trabalho, repetindo as técnicas de produção da mesma forma que aprenderam com o mestre que lhe transmitiu o ofício. As atualizações ou inovações se reservam às diferenças entre um cenário criado e outro, como forma de expressão das mudanças no contexto social vivido.

Os artesãos tradicionais reconhecidos apresentam baixo poder de inovação, no entanto possuem visibilidade estadual, nacional ou cosmopolita (vide escala de visibilidade proposta por este estudo), que sugere alcance do artesanato superior à média proposta pela escala, indicando reconhecimento do trabalho artesanal em virtude da primazia da habilidade técnica e capacidade artística do artesão, e por seu trabalho representar expressão da cultura local.

A amostra de artesãos que pertence ao primeiro *cluster* possui uma composição equilibrada quanto ao gênero dos respondentes, sendo formado por 21 artesãos e 19 artesãs, que exercem a atividade artesanal há uma média de 15,48 anos (DP=14,5). No que diz respeito ao nível de escolaridade, os artesãos tradicionais-reconhecidos são menos numerosos nos dois extremos da escala que indicam, à esquerda analfabetismo e, à direita, acesso ao nível superior de escolaridade, enquanto os níveis intermediários, que representam os níveis Ensino Fundamental incompleto e completo, bem como o Ensino Médio completo agregam a maior parte da amostra (82, 5%), respeitando o modelo de parametricidade dos dados.

A maior parte destes artesãos atua em Juazeiro do Norte (N=16) e Crato (N=16). Mas também estão presentes em Caririaçu, município que possui expressividade na produção de objetos artesanais cuja matéria-prima é a palha e em Várzea Alegre, cidade na qual um grupo de artesãs se destaca pela produção de redes célebres pela qualidade que apresentam e devido o esmero dos bordados alinhavados. A maior dos artesãos deste *cluster* trabalham unicamente com o artesanato (77,5%) e tem nele a principal fonte de renda (87,5%). Quanto à renda mensal proveniente do artesanato, identificamos que os artesãos estão distribuídos de forma equânime entre os quatro primeiros níveis salarias propostos, a saber: menos de um salário mínimo (N=15); um salário mínimo (N=11); entre um e dois salários mínimos (N=8); maior que dois salários mínimos e até cinco salários mínimos (N=6). No entanto, nenhum artesão deste cluster se encontra na maior faixa salarial, que compreende renda superior a cinco salários mínimos. A maior parte dos artesãos deste cluster realiza atividade de trabalho na oficina ou na associação (78,6%).

O segundo *cluster* - artesãos tradicionais – não reconhecidos – é composto por um subgrupo de artesãos tradicionais e de baixa visibilidade. Eles representam 54,8% da amostra estudada. Os artesãos (N=126) deste subgrupo não inovaram no que diz respeito ao artefato criado, às técnicas de produção utilizadas, à forma de comercialização. Estes artesãos tampouco conseguiram aprimorar estilo próprio que os distinguissem dos demais artesãos de sua tipologia. Na maioria das vezes, estes artesãos repetem mecanicamente as técnicas do fazer artesanal, utilizam matéria-prima nativa da região do Cariri, no entanto, produzem os mesmos artefatos que produziam antes da ascensão industrial na região, quando tinham amplo mercado de consumo.

Tais artesãos se encontram principalmente em Juazeiro do Norte (N=57), Crato (N=30), Caririaçu (N=14), Santana do Cariri (N=12). Dedicam-se ao artesanato em média há 22,7 anos (DP=16,5) e, em sua maioria, são artesãs (N=104), que corresponde a 82,5% da amostra que compõe o segundo *cluster*, contra 22 artesãos, ou 17,5% dos artesãos tradicionas – não reconhecidos. Os artesãos deste cluster trabalham principalmente no próprio domicílio (78,6%) e se distribuem de forma semelhante no que diz respeito a possuir outra atividade de trabalho além do artesanato, pois 46% deles possuem outra atividade de trabalho. Ainda, o artesanato constitui principal fonte de renda para 58,7% dos artesãos tradicionais não-reconehecidos.

Quanto aos rendimentos obtidos com o artesanato, a faixa que remete à renda inferior a um salário mínimo, compreende a maior frequência de artesãos (N=97), seguida da faixa que indica renda maior que um salário mínino a no máximo dois salários mínimos (N=20), corroborando o dado de que este perfil abrange os artesãos com menor renda, apontamos que o nível de renda superior a cinco salários mínimos não foi citado por nenhum dos artesãos que compõem este grupo.

Vale destacar que quatro entre os cinco ourives investigados, pertencem a este *cluster*. Não muito numerosos, eles foram encontrados trabalhando em suas oficinas, que se localizam na mesma rua do Centro de Juazeiro do Norte. Desta forma, observamos uma categoria de artesãos que há aproximadamente quatro décadas eram mais numerosos e reconhecidos, que colocavam Juazeiro do Norte em posição de destaque quanto a produção e comercialização de objetos de ouro, no estado do Ceará (Alvim, 1983). Atualmente, estes artesãos produzem especialmente anéis de formatura, tornando difícil identificar se uma produção tão específica e limitada é causa ou consequência da fragilização vivenciada por esta categoria, que parece ter pertencido ao primeiro cluster, nos tempos áureos do artesanato em Juazeiro do Norte, mas que devido á redução da visibilidade que sua produção alcança, encontra-se atualmente no segundo cluster.

No terceiro *cluster*, encontram-se 39 artesãos intitulados artesãos de referência cultural – não reconhecidos. O termo artesanato de referência cultural é citado em Sebrae (2010) para diferenciar tipos de artesanato, a exemplo de artesanato indígena ou artesanato conceitual, além de outros tipos de artesanato. Apropriamos-nos da nomenclatura utilizada por Sebrae (2010), no entanto, a denominação "referência cultural" deixa de ter o objetivo de diferenciar tipos de artesanato, e passa a identificar os subgrupos de artesãos delineados neste estudo. Segundo Sebrae (2010, p.14), artesanato de referência cultural se refere a

> *produtos cuja característica é a incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde são produzidos. São, em geral, resultantes de uma intervenção planejada de artistas e designers, em parceria com os artesãos, com o objetivo de diversificar os produtos, porém preservando seus traços culturais mais representativos.* (Sebrae, 2010, p.14).

De forma semelhante, neste trabalho, o termo referência cultural significa que o artesão inovou o produto artesanal, no entanto o artefato guarda em si características da

cultura local, de forma que ao ter acesso a este artesanato percebemos nele elementos da identidade e da cultura local.

Dentre os 39 artesãos que integram o *cluster* 03, 11 são homens e 28 são mulheres que, em sua maioria, trabalham na cidade de Juazeiro do Norte (N= 19), Crato (N= 5) e Barbalha (N=7). Tais artesãos apresentam baixos índices de visibilidade (obtiveram escore um ou dois), ou seja, os artefatos ela criados não ultrapassam o alcance local. No entanto, observa-se médias superiores de inovação em relação ao artesanato produzido. Quanto à renda obtida a partir da atividade arteasanal, a maior parte da amostra recebe valor que varia de mais de um salário mínimo até cinco salários mínimos (61,5%), enquanto o restante da amostra possui renda de até um salário mínimo (38,5%). A maior parte da amostra (77,2%) tem no artesanato a principal fonte de renda e realiza atividade de trabalho no próprio domicílio (66,7%).

No quarto *cluster* encontram-se 25 artesãos, intitulados de referência cultural – reconhecidos. Neste caso a denominção de referência cultural também está associada ao aspecto inovador dos artesãos. O alto grau de inovação, característico deste *cluster*, refere-se não somente à inovação no produto criado, mas também à inovação no processo de produção artesanal, que podem se referir a novas técnicas empregadas no processo de produção propriamente dito, mas também podem dizer respeito a mudanças no preparo da matéria-prima, por exemplo, o uso de técnicas para colorir o couro ou a palha. Além das inovações no produto, assessoradas pelo contato com o *design* ou arte, a maestria no ofício, a qualidade e a beleza estética do artesanato produzido geram alto padrão de visibilidade do mesmo. Os artesãos representados neste *cluster* superam o alcance geográfico local e ganham visibilidade nacional e internacional. Apesar da possibilidade de inclusão de artesãos com visibilidade estadual, nenhum dos artesãos, inseridos neste *cluster*, obteve escore 4 ou 5 em visibilidade, que são os dois escores que compõem o nível estadual de visibilidade.

A amostra de 25 artesãos que compõem o quarto *cluster* está dividida entre 14 artesãos e 11 artesãs, que trabalham em média há 30,1 anos com artesanato (DP=13,8). Considerando as cinco faixas de renda obida com a atividade artesanal, proposta por este estudo, identificamos que os artesãos de referência-cultural reconhecidos se localizam nos três níveis de renda superiores, não havendo artesãos deste grupo cuja renda seja de menor ou de no máximo um salário mínimo. Dezeseis destes artesãos trabalham em Juazeiro do Norte, três em Várzea Alegre e os outros se encontram em Crato, Barbalha, Caririaçu e Nova Olinda. A

maior parte dos artesãos deste grupo exerce a atividade de trabalho na oficina ou associação (64%). Ainda, este perfil compreende os artesãos com maior média de tempo de trabalho com o artesanato e também com maiores faixas de renda obtida através da atividade artesanal.

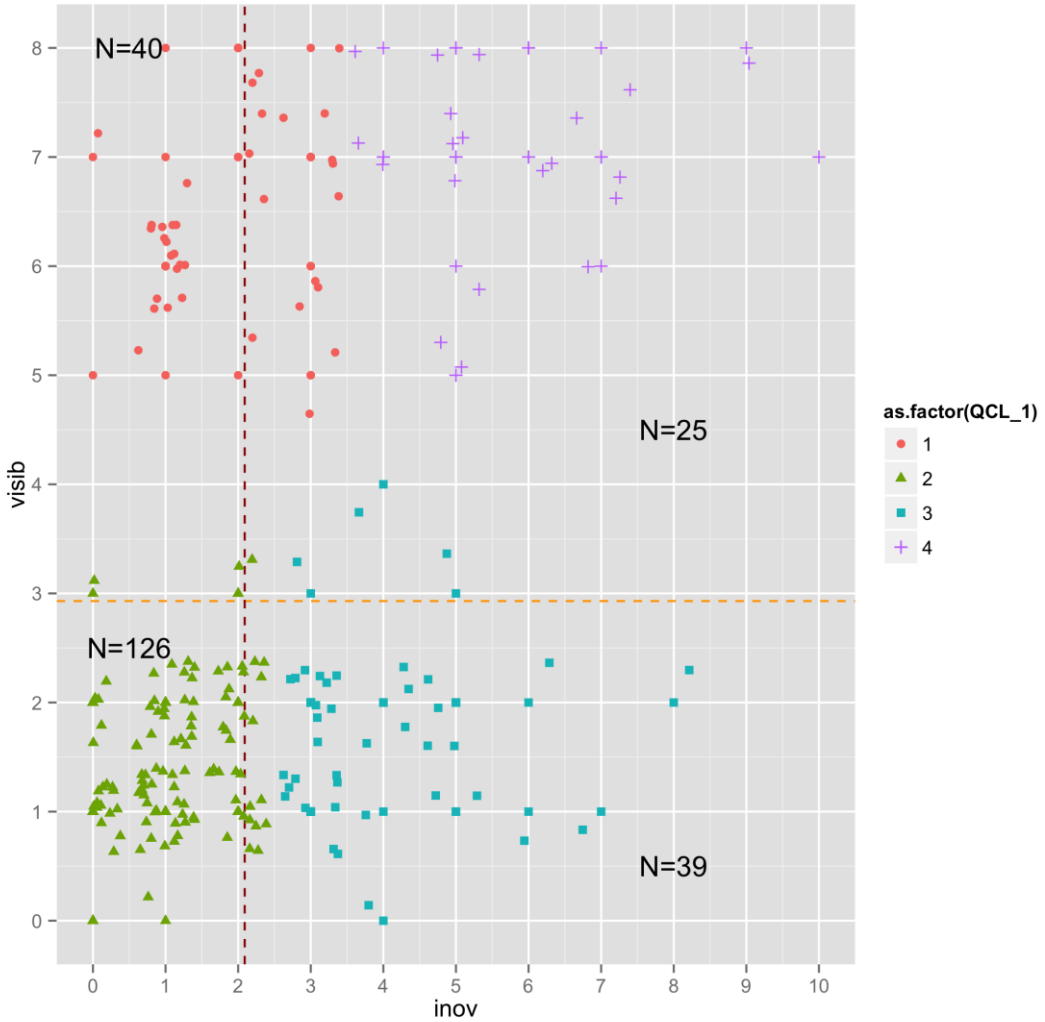


Figura 3.5. Gráfico de dispersão dos artesãos em quatro clusters

Na Figura 3.5 podemos visualizar a disposição dos artesãos participantes da pesquisa quanto ao escore obtido em relação à inovação (eixo das abscissas) e visibilidade (eixo das ordenadas) também ao cluster ao qual ele pertence. Desta forma, podemos visualizar a frequência de artesãos em cada um dos perfis encontrados e distinguir quais são mais populosos e quais são menos populosos. Artesãos do primeiro cluster estão localizados na parte supeiror esquerda do gráfico, os do segundo cluster na parte inferior esquerda, do

terceiro na parte inferior direita e finalmente, o quarto cluster está localizado na parte superior diretita do gráfico.

Os artesãos do primeiro *cluster* (artesãos tradicionais reconhecidos) apresentam as menores médias de idade e de tempo de trabalho com artesanato. O *cluster* 04 (dos artesãos de referência cultural reconhecidos) possui a maior média de tempo de trabalho com artesanato (30,1), mesmo não sendo o cluster com artesãos de maio média de idade. Entre os qutro *clusters* analisados, aquele que representa os artesãos de baixa inovação e visibilidade (*cluster* 02) possui a menor média de horas trabalhadas por dia. Em oposição, os artesãos de alta inovação e visibilidade (*cluster* 04) são aqueles com maior média de horas diárias trabalhadas. A diferença entre médias dos quatro grupo é significativa estatiticamente ($p< 0,001$), com $F=9,3$.

Também destacamos o fato de os artesãos dos segundo e terceiro *cluster* trabalharem em sua maioria na própria residência, enquanto os artesãos dos primeiro e quarto *cluster* trabalharem principalmente na oficina e associação. O nível de visibilidade alcançado pelos artesãos de cada cluster aparece como característica que os aproxima ou distancia quando analisamos o lugar onde a atividade de trabalho artesanal é realizada. Assim, os artesãos dos *clusters* 02 e 03, que trabalham majoritariamente no domicílio, apresentam baixos índices de visibilidade, enquanto os artesãos dos *clusters* 01 e 04, que trabalham em sua maioria na oficina ou associação, apresentam altos índices de visibilidade. Esta relação entre variáveis categóricas foi estatisticamente significativa ($p< 0,001$) com valor de $X^2 = 43,402$.

3.3. Considerações finais

O presente estudo analisou o trabalho dos artesãos da região do Cariri cearense, considerando as três etapas do processo de trabalho artesanal: 1) aquisição da matéria-prima, 2) produção propriamente dita e 3) comercialização do produto artesanal. Quanto à organização do trabalho e aos aspectos econômicos do artesanato, podemos concluir o artesão da região do Cariri cearense se dedica ao artesanato, em média, há 22,18 anos e adota a própria residência é o principal local de trabalho (65,7%). Em relação à renda adquirida por estes trabalhadores, pouco mais da metade da amostra não chega a ganhar um salário mínimo

através do trabalho artesanal. Apesar da evidente dificuldade econômica enfrentada pelos artesãos, o artesanato ainda é para a maioria dos trabalhadores a única atividade produtiva e para aqueles que exercem outra atividade, a renda obtida através do artesanato se caracteriza como renda principal.

No que tange às possíveis diferenças entre artesãos e artesãs, quanto à organização do trabalho, pudemos perceber que a média de horas trabalhadas pelos homens é maior que a média de horas trabalhadas pelas mulheres. Outrossim, enquanto que em geral os artesãos do sexo masculino trabalham na oficina ou associação (63,2%), a maior parte das artesãs do sexo feminino (77,8%) realizam a atividade de trabalho no próprio domicílio. Realizada em ambiente domiciliar, a atividade artesanal compete diretamente com as atividades domésticas, limitando-se aos momentos em que as atividades de cuidado com o lar e com a família estão suspensas. A limitação do tempo de trabalho pode vir a ser um fator que impede o desenvolvimento do artesanato produzido, tanto em qualidade, quanto em quantidade.

A impossibilidade de dedicação exclusiva à atividade de trabalho artesanal – uma vez que a maior parte dos artesãos da região é do sexo feminino e que em geral, as artesãs realizam a atividade de trabalho no próprio domicílio, dividindo o tempo de trabalho com atividades domésticas. A baixa renda adquirida a partir do artesanato, os baixos níveis de inovação e visibilidade do artesanato local constituem um forte indício de falência ou fragilidade da atividade artesanal na região estudada.

Em relação ao nível de visibilidade (escores variam de 0 a 8) alcançado pela amostra estudada, observamos que o escore médio da amostra em questão é de aproximadamente 2,3, enquanto a média do escore de inovação (escores variam de 0 a 11) é ainda menor, sendo igual a 2,1. As médias de escore de inovação e visibilidade notadamente baixas anunciam que a maioria dos participantes pertenceriam ao sub-grupo dos artesãos tradicionais – não reconhecidos. Os resultados indicaram que 54,8% da amostra se concentra, de fato, no segundo *cluster*, onde estão os artesãos que alcançaram baixos escores de inovação e visibilidade. Este cluster se caracteriza por 1) ser composto, em sua maior parte, de artesãs; 2) baixa renda adquirida através do trabalho artesanal; 3) menores médias de horas diárias trabalhadas; 4) maior parte dos artesãos trabalharem no próprio domicílio.

O segundo perfil com maior quantidade de artesãos é aquele dos artesãos tradicionais-reconhecidos (com 40 artesãos), seguido dos artesãos de referência cultural não-reconhecidos

(39 artesãos) e, por último, o perfil com menor quantidade de artesãos representa o quarto *cluster* e diz respeito aos artesãos de referência cultural reconhecidos (25 artesãos). Reflexões anteriores à coleta de dados nos levaram a considerar que a maioria dos artesãos do Cariri cearense apresentariam, ao mesmo tempo, baixos níveis de visibilidade e inovação. Em oposição, ponderamos que artesãos com altos escores em inovação e visibilidade seriam minoritários e até mesmo raros ou escassos. A análise dos dados coletados corroborou estas ponderações iniciais sobre perfis de artesãos mais populosos e menos populosos, no entanto refutamos a ideia de que os artesãos de referência cultura reconhecidos fossem raros, ou mesmo escassos, uma vez que 25 artesãos pertencem a este perfil.

Assim identificamos que estes 25 artesãos de diversas tipologias (sobretudo do couro, madeira, palha e produtoras de rede) conseguiram realizar transformações relativas à produção (mudança dos equipamentos de produção, das técnicas utilizadas), ao produto em si, à forma de comercialização (quando o artesão deixa de depender do atravessador para comercialização das suas peças, ou quando além de repassar artefatos para atravessadores, o artesão passa a vender em feiras, outro exemplo possível seria deixar de vender apenas na própria oficina e vender na associação ou vender pela *internet*) e até mesmo, em alguns casos, desenvolvendo uma estilo único e inconfundível, que permite a identificação do artesão no objeto produzido, mesmo se este não estiver assinado. Inovações estas que agregadas a um alto nível de visibilidade conduzem estes artesãos ao perfil que representa o subgrupo de artesãos mais desenvolvido deste estudo.

Ainda há variáveis e relações entre variáveis a serem exploradas, assim propomos como agenda de pesquisa: 1) examinar se há relação entre o alto nível de visibilidade alcançado pelo artesão e a renda que ele obtem com a atividade de trabalho artesanal; 2) examinar a existência de relação entre visibilidade e inovação e o local de trabalho dos artesãos; 3) aprofundar o conhecimento sobre o grupo minoritário que obteve altos escores em inovação, caracterizá-lo e compreender os fatores que corroboraram para o alto nível de inovação; examinar de forma intensiva cada um dos quatro perfis de artesão, a fim de 4) identificar características da carreira profissional que aproximem e/ou distanciem artesãos de diferentes perfis; 5) analisar as semelhanças e diferenças nas redes de apoio estabelecidas por artesãos pesrtencentes aos quatro perfis propostos.

Além de uma agenda de pesquisa a ser retomada em momento posterior, destacamos como contribuição deste terceiro estudo a proposição de um modelo de análise embrionário da

atividade de trabalho artesanal, que leva em consideração a forma como os artesãos encaram as tensões e desafios que lhe são impostos no mundo contemporâneo. Inovar e expandir a visibilidade dos objetos produzidos são dois caminhos possíveis para revitalizar economicamente o trabalho artesanal. Assim, a construção de um modelo de análise do artesanato que possui como eixos norteadores os níveis de inovação e visibilidade alcançados pelos artesãos constitui um produto importante desta tese.

Por sua vez, o exame intensivo de cada um dos quatro perfis de artesãos caracterizados neste estudo será apresentado no estudo 04. Identificar possíveis semelhanças e diferenças na maneira como cada *cluster* atribui significado ao trabalho artesanal constitui o escopo principal do quarto estudo da tese em questão, exposto a seguir.

Referências

Aguiar, C. V. N. (2012). *Conflito trabalho-família e comprometimento organizacional*: um estudo com trabalhadores de diferentes segmentos produtivos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia. 106f.

Alvim, M. R. B. (1983). Artesanato, tradição e mudança social – um estudo a partir da arte do ouro de Juazeiro do Norte. In: Ribeiro, B. G. et al. (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte.

Andrade Filho, J. E.(1991). *Mestres do Juazeiro* – cotidiano e símbolo na escultura popular. Brasília: Editora UNB.

Araújo, I. M. de. (2007). *Mestre das alpercatas*: tradição e contemporaneidade no Cariri cearense. In: Borsoi, I. C. F.; Scopinho, R. A. (2007). *Velhos trabalhos, novos dias*: modos atuais de inserção de antigas atividades laborais. Edições UFC: Fortaleza.

Araújo, I. M. (2006). Os Novos Espaços Produtivos: Relações sociais e vida econômica no Cariri cearense, 2006. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Borsoi, I. C. F.; Scopinho, R. A. (2007). *Velhos trabalhos, novos dias*: modos atuais de inserção de antigas atividades laborais. Edições UFC: Fortaleza.

Boldrini, J. C.; Chéné, E.; Journé-Michel, H. (2011). L'innovation des entreprises artisanales. *Revue française de gestion*. 213: 25-41.

Borges, L. de O.; Pinheiro, J. Q. (2002). Estratégias de coleta de dados com trabalhadores de baixa escolaridade. *Estudos de Psicologia*, Natal-RN, v. 7, número especial.

Canamary, T. K. A. (2006). *Histórias de sucesso*: experiências empreendedoras. Fortaleza: Sebrae/CE.

Carvalho, G. de. (2005). *Artes da tradição*: mestres do povo. Fortaleza: Expressão Gráfica/ Laboratório de Estudos da Oralidade UFC UECE.

Carvalho, P.; Alves, F. J. O.; Peixoto, A, L. A.; Bastos, A. V. B. (2011). Comprometimento afetivo, de continuação e entrincheiramento organizacional: estabelecendo limites conceituais e empíricos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13 (2): 127-141.

Carvalho, T. M. P. (2006). Juazeiro do Norte o desafio da cooperação no artesanato: o caso Mãe das Dores. P. 101-110. In: Canamary, T. K. A. (2006). Histórias de sucesso: experiências empreendedoras. Fortaleza: Sebrae/CE.

Cavalcante, M. (2011). O Processo de artificação em Juazeiro do Norte – Análise do Centro Cultural Mestre Noza. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará.

Cavalcante, M. (2009). *A floresta encantada* – As imagens e imaginários na arte de Juazeiro do Norte. Congresso Brasileiro de Sociologia.

Crossan, M. M.; Apaydin, M. (2010). A multi-dimensional framework of organizational innovation: A systematic review of the literature. *Journal of Management Studies, 47*, 1154–1191.

Cruz, M. (2001). Avaliação econômica do mercado de jóias e folheadas a ouro do município de Juazeiro do Norte. *Monografia de graduação em Ciências econômicas*. Universidade Regional do Cariri.

Damanpour, F. (2014). Footnotes to Research on Management Innovation. *Organization Studies*, 35(9): 1265–1285.

Della Cava, R. (1985). *Milagre em Joazeiro*. trad. Maria Yedda Linhares. 2ªed. Paz e Terra: Rio de Janeiro.

Duarte, M. de F.; Silva, A. L. (2013). A experimentação do risco na carreira criativa: o caso de mestres da cultura do artesanato cearense. *RECADM*, 12(2): 22-38.

Duarte, M. de F. (2010). Desenvolvimento de carreira na indústria criativa cearense: histórias de vida de mestres da cultura do artesanato. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará.

Dumeresq, C. (2002). *Mestre Noza*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha.

Facó, R. (1972). *Cangaceiro e fanáticos*. Gênese e lutas. 3ªed. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro.

Fernandes, L. S. de C. (2005). Arranjo Produtivo de Jóias e Folheados de Juazeiro do Norte: Uma Aposta que Vale Ouro. *Monografia de graduação* em Ciências econômicas. Universidade Regional do Cariri.

Ferrer, F. A. (2007). Os índios cariri e sua resistência à cultura "branca": uma leitura a partir dos relatos da época colonial. *RIC – Revista do Instituto do Ceará*, 121(121): 185-200.

Gonçalves, S. M. da S. (2010). Economia solidária, associativismo e autogestão: uma análise das associações de artesanato de Juazeiro do Norte/CE. *Monografia de graduação* do Curso de Administração. Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri.

Grangeiro, R. da R.; Silva Jr. J. T. (2013). *Perfil dos artesãos do Padre Cícero no século XXI*: Condições socioeconômicas, aspectos ambientais e capacidade de organização dos artesãos de Juazeiro do Norte/CE.

Holanda, M. L. de O. (2009). *O político Padre Cícero*: entre a religião e a cidadania. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora.

IBGE. (2008). *Produto Interno Bruto dos Municípios 2008*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acessado em: 20 fevereiro 2010.

Melo, R. A. de. (2010). Artes de Juazeiro: imagens e criação no Centro de Cultura Popular Mestre Noza. *Anais do X Encontro de História Oral*: Recife.

Neto, L. (2009). *Padre Cícero*: poder, fé e guerra no sertão. Companhia da Letras: São Paulo.

Nunes, R. S.; Loss, J. (2013). Projeto Mulheres da Palha: o efeito da incubação e a importância das relações com o grupo. In: Cunha, E. V.; Tavares, A. O. (Org.). *Incubação em Economia Solidária*. 1 ed. Fortaleza: Imprece, p. 103-118.

Nunes, R. S.; Loss, J.; Geammal, J. T. (2013). Projeto Mulheres da Palha: design, comunicação e gestão participativa à luz da cultura popular. In: Oliveira, M. C.; Araújo;

G.; Sales, E. M. B. (Org.). *Extensão universitária e economia solidária*: práticas e reflexões. 1 ed.Campo Grande: UFMS, v. 1, p. 121-134

Oliveira, P. T. de. (2009). *Arranjo produtivo local*: O caso do artesanato em madeira na cidade de Juazeiro do Norte – CE. Monografia de graduação em Ciências Econômicas. Universidade Regional do Cariri.

Porto Alegre, S. (1994). *Mãos de Mestre*: itinerários de arte e tradição. São Paulo: Maltese.

Sousa, R. A. V. (2010). *Os artesãos e a economia do cariri*: O caso da Associação mãe das dores de Juazeiro do Norte - CE. Monografia de graduação em Ciências Econômicas. Universidade Regional do Cariri.

Rabello, S. (1967). *Os Artesãos do Padre Cícero*: Condições sociais e econômicas do artesanato de Juazeiro do Norte. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Ribeiro, B. G. et al. (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte.

Rocha, A. G. T.; Amaral Filho, J. (2004). As políticas industriais da Bahia, Ceará e Pernambuco: existe algo mais que guerra fiscal. In: *IX Encontro Regional de Economia*, 2004. Fortaleza. Anais do IX Encontro Regional de Economia.

Rodrigues, A. C. A. (2011). Trabalhador entrincheirado ou comprometido? Delimitação dos vínculos do indivíduo com a organização. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia. 197f.

Rogelberg, S. G.; Church, A. H.; Waclawski, J.; Stanton, J. M. (2004). Organizational Survey Research. In: Rogelberg, S. G. (2004). *Handbook of Research Methods in Industrial and Organizational Psychology*. Blackwell Publishing. Blackwell Reference Online. 09 May 2014 https://www-blackwellreference-com.frodon.univ-paris5.fr/subscriber/tocnode.html?id=g9781405127004_chunk_g97814051270049

Santos, E. T. dos (2007). Exportações de artesanato do ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades. *Dissertação de Mestrado em Administração de Empresas*. Universidade de Fortaleza, Fortaleza. 107f.

Santos, T. M. do N. (2011). Tramando saberes: empreendedorismo e artesanato. *Monografia de graduação do Curso de Administração*. Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri. 129f.

Silva, E. C.; Bastos, A. V. B. (2010). A Escala de Consentimento Organizacional: Construção e Evidências de sua Validade. *Revista Psicologia Organização e Trabalho*. 10 (1): 7-22.

Silva, G. D. A. et al. (2012). Design and technology in the development of potter's lathes for modeling with terracota: the case of Cabo de Santo Agostinho. *Work* (Reading, MA), v. 41, p. 1246-1251.

Vale, C. A. R.; Cunha, E. V.; Oliveira, M. V. (2013). Diálogo entre a economia solidária e a economia criativa no projeto fomento à arte e à economia solidária na região do Cariri. *Bahia Analise & Dados*, v. 22, p. 639-651.

Vale, C. A. R.; Grangeiro, R. R. (2012). Indicadores de Design para a Sustentabilidade no Artesanato de Juazeiro do Norte/CE e suas Relações com a Economia Solidária. *Cadernos de Gestão Social*. 3(1): 39-52.

Vidal, S. M. M. (2010). Comércio justo e solidário no terceiro setor como ferramenta do artesanato cearense para exportações simplificadas. *Dissertação de Mestrado*. Curso de mestrado em Administração de empresas da Universidade Fortaleza. 143f.

Vitoriano, G. C. (2004). A invenção da arte popular em Juazeiro do Norte. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós Graduação em História Social. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Vives, V. (1983). A beleza do cotidiano. In: Ribeiro, B. G. et al. (1983). *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte. p. 131-148.

ESTUDO 04 – O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS ARTESÃOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE.

> *Les dieux avaient condamné Sisyphe à rouler sans cesse un rocher jusqu'au sommet d'une montagne d'où la pierre retombait par son propre poids. Ils avaient pensé avec quelque raison qu'il n'est pas de punition plus terrible que le travail inutile et sans espoir* (Camus, 1942).

Diferentes contextos históricos, sociais e culturais influenciam o aparecimento de inúmeras formas e abordagens do trabalho. Observamos historicamente diversas maneiras de perceber o trabalho, ora como um fardo, ora como atividade fundamental e estruturante do ser humano. Além de aspectos históricos, elementos sociais e culturais também influenciam o modo como os indivíduos atribuem significado ao trabalho que realizam e percebemos em um mesmo período histórico, contextos sociais e culturais diferentes que influenciam formas distintas de dar significado ao trabalho. Diante disto, atentos a mudanças históricas e às peculiaridades sociais e culturais da região do Cariri cearense, buscamos analisar como os artesãos desta localidade atribuem significado ao trabalho que realizam.

A atividade artesanal é uma atividade de trabalho que conjuga aspectos artísticos, técnicos e gerenciais. Especificamente tratando-se do Cariri cearense, identificamos anteriormente nos estudos 02 e 03 que esta atividade vivencia, atualmente, uma realidade paradoxal, uma vez que apresenta indicadores econômicos que apontam para sua fragilização e, ao mesmo tempo, confere ao Cariri cearense destaque regional e nacional, no que concerne à qualidade e variedade do artesanato produzido. Os diferentes perfis de artesãos encontrados

na região do Cariri cearense é um dos elementos que caracterizam a situação paradoxal vivenciada pela atividade na região.

De um lado, existem artesãos que expandem sua comercialização para além das fronteiras do estado do Ceará e alcançam visibilidade regional, nacional e algumas vezes internacional, caracterizados no estudo anterior desta tese como artesãos de alta visibilidade. Ao mesmo tempo, a região acolhe artesãos que limitam sua comercialização ao município onde vivem e até mesmo artesãos que trabalham sob encomenda para um terceiro e nem chegam a tomar conhecimento do local onde seus objetos são comercializados. No terceiro estudo identificamos estes artesãos como de visibilidade nula, ou até poderíamos denominá-los artesãos invisíveis.

De outro lado, há artesãos que conseguem propor inúmeras transformações na produção artesanal, assim como encontramos artesãos que realizam seu trabalho da mesma forma, desde quando iniciaram na profissão. Tais inovações podem ser observadas na matéria-prima utilizada, na produção em si (com aprendizagem de novas técnicas, mudanças nos objetos produzidos e algumas vezes até aquisição de um estilo de produção que se torna a identidade do artesão) e também na forma de comercialização dos objetos artesanais. Relacionando nível de inovação verificado nos processos de trabalho e a visibilidade alcançada pelos artesãos, identificamos quatro perfis de artesanais: 1) artesãos tradicionais reconhecidos (baixa inovação e alta visibilidade); 2) artesãos tradicionais não-reconhecidos (baixas inovação e visibilidade); 3) artesãos de referência cultural não-reconhecidos (alta inovação, baixa visibilidade); 4) artesãos de referência cultural reconhecidos (altas inovação e visibilidade).

Desta forma, a fim de capturar elementos do contexto ambíguo e paradoxal vivenciado pela atividade artesanal no Cariri cearense, propomos como objetivo geral deste estudo analisar diferenças e semelhanças na forma como artesãos integrantes de quatro perfis artesanais (tradicional reconhecido, tradicional não-reconhecido, de referência cultural não-reconhecido e de referência cultural reconhecido) atribuem significado ao trabalho artesanal. O modelo teórico elaborado pela equipe *Meaning of Work International Research Team* (MOW, 1987) fundamentou a coleta de dados sobre significado do trabalho junto aos artesãos, bem como as dimensões teóricas que compõem o modelo de análise de dados utilizado.

A escolha por nos fundamentar no trabalho realizado pela equipe MOW (1987) deve-se ao fato de ele ser considerado um estudo clássico no tema e por ter se mostrado eficiente em demonstrar diferenças culturais entre amostras, o que é interessante para o presente estudo, uma vez que possuímos uma amostra de trabalhadores que possuem peculiaridades sociais e culturais (baixa escolaridade, renda inferior a um salário mínimo, não se situar em grandes centros urbanos e forte apelo religioso da localidade), sobretudo quando comparadas aos grupos de trabalhadores comumente estudados no domínio da psicologia organizacional e do trabalho.

Assim, de modo específico pretendemos: 1) caracterizar a centralidade do trabalho para artesãos dos quatro perfis delineados; 2) examinar possíveis diferenças e semelhanças destes quatro grupos em perceber o trabalho, atribuindo maior peso à sua concepção como um direito do cidadão ou como um dever perante a sociedade; 3) analisar os resultados do trabalho mais valorizados por artesãos tradicionais reconhecidos, tradicionais não-reconhecidos, de referência cultural não-reconhecidos e de referência cultural reconhecidos.

A fim de cumprir os objetivos apresentados, o presente estudo possui quatro seções, além desta introdução, nas quais abordamos consecutivamente o modelo teórico sobre significado do trabalho que fundamenta o estudo; a descrição do método utilizado; a apresentação e discussão dos resultados encontrados e, por último, as considerações finais.

4.1 Significado do trabalho: algumas considerações preliminares

O estudo do significado do trabalho começou a ocorrer de forma sistemática, em psicologia, a partir da década de 1980 (Borges & Yamamoto, 2010) e o esforço de pesquisa realizado pelo grupo MOW (1987) se destaca como um dos estudos pioneiros sobre o tema, além de ter influenciado o crescimento da quantidade de pesquisas ao redor do mundo e, sobretudo no Brasil (Soares, 1992; Bastos, Pinho e Costa, 1995; Siebra 2000).

Atualmente, o trabalho realizado pela equipe MOW (1987) é também considerado um clássico sobre o tema. Borges, Tamayo e Alves-Filho (2005) e Borges e Yamamoto (2010) apontam quatro razões principais que justificam a importância desta pesquisa para o estudo do tema: 1) popularização da noção de centralidade do trabalho; 2) identificação de elevada

centralidade do trabalho em diversos países, ao contrário das previsões realizadas; 3) incorporação da noção de normas sociais como componente do construto; 4) consideração do caráter sistêmico do significado do trabalho.

As pesquisas realizadas pela equipe MOW são, sem dúvida, impulsionadoras de novas investigações sobre o significado do trabalho, mas para além da influência deste estudo, Borges e Yamamoto (2010) apresentam quatro elementos particulares ao mundo do trabalho que instigam a realização de novas pesquisas científicas que auxiliem na compreensão do fenômeno: 1) polêmicas em torno do papel estruturante do trabalho; 2) elaboração e adoção de novos modelos de gestão que enfatizam cognições e competências complexas; 3) mudanças nas relações de trabalho, com destaque à fragilização das organizações sindicais; e 4) crescimento do setor de serviços.

À propósito da produção científica brasileira sobre o tema, observamos a interseção de dois construtos: significado e sentido do trabalho, que em algumas pesquisas são considerados sinônimos (Dourado, Holanda, Silva e Bispo, 2009), em outras elementos do mesmo construto (Borges, 1997; 1999) e, ainda, em outras são abordados como construtos distintos (Tolfo, Coutinho, Almeida, Baarch, Cugnier, 2005; Tolfo & Piccinini, 2007; Tolfo, 2014), nas quais se estabelecem os limites de cada conceito, de forma que as publicações científicas se referem bem a um conceito ou ao outro[4] .

Dourado et al (2009) defendem a utilização dos termos significado e sentido do trabalho como sinônimos, uma vez que consideram que as interconexões entre as instâncias econômica, política, ideológica e psicológica influenciam o fenômeno individual de atribuição de sentido à ação laborativa. Para os autores, é irrelevante o termo escolhido para denominar o fenômeno, uma vez que para atribuir significado ao trabalho, interagem a realidade externa ao indivíduo e suas construções mentais particulares. Assim, independente da acepção semântica do termo, há relação entre os contextos social e subjetivo.

Já Borges (1997, 1999) trata os sentidos e os significados como elementos do mesmo construto, os quais apresentam caráter de complementaridade. O questionário elaborado e validado pela autora para avaliar o significado do trabalho pressupõe o trabalho como categoria estruturante da vida do indivíduo e por isso pleno de sentido social e individual.

[4] Comumente, encontramos estudos que adotam uma perspectiva em detrimento da outra. No entanto, já existem estudos que se propõem a analisar a relação entre os dois conceitos, a exemplo de Bendassolli e Gondim (2014) e Bendassolli e Borges-Andrade (2015).

Desta forma, o instrumento proposto compreende simultaneamente os vieses subjetivo e social inerentes ao trabalho.

Das distinções entre os termos “significado” e “sentido do trabalho”, a literatura científica demarca o aspecto coletivo e social do primeiro, em oposição ao caráter individual ou subjetivo do segundo (Tolfo et al 2005; Tolfo & Piccinini, 2007; Tolfo, 2014). O significado do trabalho, portanto, se refere às cognições socialmente compartilhadas sobre o trabalho, logo construídas coletivamente, em determinado contexto histórico, econômico e social, enquanto o sentido se interessa por um olhar sobre os mecanismos psicológicos envolvidos na identificação ou produção de sentidos no trabalho, ou seja, remete a uma produção pessoal, influenciada pela forma como cada trabalhador apreende individualmente os significados coletivos a partir de experiências concretas e representaria o motivo que leva uma pessoa a realizar uma determinada ação (Rosso, Dekas e Wrzesniewski, 2010; Andrade, Tolfo e Dellagnello, 2012).

Entre os estudos brasileiros que analisam o sentido do trabalho, identificamos influência dos trabalhos realizados por Morin (1997, 2001). Em alguns estudos, a análise do sentido do trabalho recai sobre trabalhadores inseridos em diferentes contextos, como empreendimentos solidários (Dal Magro & Coutinho, 2008) e feirantes que trabalham em condições precárias (Sousa & Tolfo, 2009). Estabelece-se também comparações sobre a forma como funcionários do setor publico, trabalhadores informais e cooperados significam o trabalho (Coutinho, 2009). Tais pesquisas possuem como escopo identificar o sentido do trabalho para trabalhadores tradicionalmente pouco estudados pela psicologia organizacional e do trabalho.

Os estudos acima apresentados, que se enquadram como estudos sobre sentido do trabalho, são minoria em psicologia. Na literatura científica brasileira em psicologia organizacional e do trabalho, observamos o predomínio de pesquisas que se dedicam à investigação dos significados atribuídos pelas pessoas ao trabalho que realizam (Borges & Tamayo, 2010). No entanto, também, dentre os estudos sobre significado, existem distinções quanto às dimensões que compõem o construto. A centralidade do trabalho é a dimensão consensualmente abordada por diferentes modelos teóricos de significado do trabalho, mas, diferente do modelo elaborado pela equipe MOW (1987), os modelos construídos por Borges e Tamayo (2001) e Borges e Yamamoto (2010), propõem, além da centralidade, os atributos valorativos (justiça; realização pessoal; sobrevivência; desgaste) e descritivos (autoexpressão;

independência e recompensa econômica; responsabilidade; condições de trabalho) como dimensões do significado do trabalho. Por sua vez, Bendassolli e Borges-Andrade (2011) avaliam as dimensões de função social do trabalho, ética, autonomia, qualidade nas relações, expressividade e identificação no trabalho, no exame do significado do trabalho para trabalhadores inseridos na indústria criativa. As informações sobre construção e validação da Escala do Trabalho com Sentido (EST), que inclui estas dimensões, estão detalhadas em Bendassolli e Borges-Andrade (2015b).

Analisando as literaturas nacional e internacional sobre o tema, Bendassolli e Borges-Andrade (2015) delimitam seis grandes tópicos de pesquisa sobre significado do trabalho, que se inspiram na definição tema como representações e mapas cognitivos que organizam a experiência do indivíduo com o trabalho. Os principais objetivos de cada linha de pesquisa, bem como alguns pesquisadores que a representam são abordados na Figura 4. 1.

Tópicos de pesquisa	**Pesquisadores**
Refere-se ao envolvimento com o trabalho e à centralidade do trabalho, buscando determinar a importância do trabalho, quando comparada a outras esferas da vida.	Dubin (1956); Gonzales e Vilela (2005); Harpaz e Fu (1997); Kanungo (1982); MOW (1987); Salanova, Garcia e Peiró (1996); Tomás (1998)
Inclui pesquisas que investigam o tipo de orientação (instrumental ou expressiva) que as pessoas têm frente a seu trabalho, se o encaram como emprego, carreira ou vocação	Kaplan e Tausky (1974); MOW (1987); Wrzesniewski, McCauley, Rozin e Schwartz (1987)
Aborda pesquisas que buscam identificar os objetivos que os indivíduos procuram alcançar através do trabalho que realizam e em examinar as representações cognitivas ou os padrões de significado que estão associados com o trabalho, por exemplo, o trabalho como fonte de prazer, uma obrigação ou um direito	Borges (1997); Buchholz (1977); Ros, Schwartz e Surkiss (1999); Super e Sverko (1995)
Abrange estudos sobre causas e consequências da ausência prolongada de trabalho, incluindo a análise de estratégias de enfrentamento	Brief e Nord (1990); Feather (1990); Warr (1987)
Refere-se à compreensão de por que o trabalho possui tantos significados diferentes para pessoas diferentes. As pesquisas que se enquadram neste tópico buscam identificar padrões de significado e contextualizá-los	Allend, Saez, Apodaka, Castañares e Ardanaz (2003); Dakduk, González e Montilla (2008); Drenth (1991); England e Harpaz (1990); Gómez (2004); Garcia, Martín, Rodriguez e Peiró (2001); Martínez, Soria, Cifre e Gumabu (2001); MOW (1987)

Inclui estudos sistemáticos sobre representações sociais do trabalho	Borges (1996); Moliner, Rateau e Cohen-Scali (2002); Suárez, Torregrosa, Bergère e Alvaro (1998)

Figura 4.1. Grandes tópicos de pesquisa sobre significado do trabalho e principais pesquisas
Fonte: Bendassolli e Borges-Andrade (2015)

A pesquisa realizada pelo grupo MOW aparece em três dos grandes tópicos acima citados: no primeiro, segundo e quinto. Além de vanguardista no tocante aos estudos sobre significado do trabalho, influenciou inúmeras outras pesquisas sobre o tema e é, atualmente, considerado um estudo clássico sobre o tema. Desta forma, exposta a relevância deste trabalho para os estudos brasileiros, acreditamos estar justificada a escolha de adotar o modelo teórico elaborado pela equipe MOW (1987) para pautar nossa investigação (da coleta à análise dos dados) sobre significado do trabalho para trabalhadores artesãos da região do Cariri cearense.

Conceituação das dimensões propostas pela equipe MOW: centralidade, normas sociais e resultados do trabalho

A estrutura conceitual sobre significado do trabalho proposta pela equipe MOW (1987) envolve três grandes dimensões: centralidade do trabalho, normas sociais do trabalho, e resultados e objetivos valorizados do trabalho. Cada uma destas dimensões será brevemente descrita a seguir.

A centralidade do trabalho representa uma medida geral da importância do trabalho, em determinado momento da vida dos indivíduos. MOW (1987, p. 17) também apresenta a centralidade do trabalho como "convicção geral acerca do valor do trabalho na vida de um indivíduo". A centralidade do trabalho possui dois componentes teóricos: o primeiro constitui uma avaliação absoluta, ou global da importância do trabalho para a vida do indivíduo, e o segundo está orientado para decisão sobre qual ou quais esferas da vida são preferidas. As pessoas tendem a participar mais da esfera da vida de sua preferência e menos de esferas não tão preferidas e desta forma podemos perceber a posição ocupada pelo trabalho, quando sua importância é analisada conjuntamente com a importância aferida à família, lazer, religião e comunidade.

A centralidade do trabalho é considerada um "conceito consagrado" nos estudos sobre significado do trabalho (Borges & Yamamoto, 2010; Bendassolli, 2009), pois é um elemento comum aos diversos modelos teóricos de significado do trabalho e não somente ao modelo proposto pela equipe MOW (1987).

As normas sociais do trabalho são crenças e expectativas normativas dos indivíduos sobre seus direitos e deveres no trabalho. As normas orientadas para os direitos se referem às responsabilidades da sociedade e das organizações de oferecerem aos indivíduos um trabalho significativo e interessante; o direito de participar nas decisões sobre a forma de executar o trabalho, além de decidir sobre outros aspectos relativos ao trabalho. As normas orientadas para os deveres, por sua vez, referem-se às obrigações individuais e coletivas que as pessoas possuem para com a sociedade, na situação de trabalho. No escopo dos deveres estão as obrigações de garantir o próprio futuro, de refletir sobre a melhor forma de realizar o próprio trabalho e de valorizar o trabalho que realiza independente da sua natureza, desde que o salário compense.

As normas sociais têm sofrido influência das mudanças ocorridas no mundo do trabalho ao longo dos anos. Avanços tecnológicos, atualização de modelos administrativos gerenciais, ampliação da participação feminina no mercado de trabalho, da escolarização formal, desenvolvimento do setor de serviços em diversos países são fatores que impactam nos tipos e na quantidade de empregos, bem como nas normas que orientam direitos e deveres acerca do trabalho (Kubo, 2009).

O estudo do significado do trabalho não está completo se não envolver o exame dos resultados e objetivos valorizados no trabalho. Trata-se de um conceito que se relaciona com as finalidades que as atividades de trabalho possuem para o indivíduo, ou seja, é uma resposta à indagação acerca do por que o indivíduo trabalha, o que o motiva a trabalhar. Estas motivações, conforme o modelo da equipe MOW (1987), referem-se: 1) ao status ou prestígio social adquirido a partir da atividade realizada; 2) à função econômica do trabalho; 3) manter-se ocupado, em atividade; 4) estabelecer contatos sociais; 5) sentir-se realizando algo de útil para a sociedade; e 6) sentir-se auto-realizado com as tarefas e/ou papel que realiza. Esta dimensão ressalta o caráter motivacional do significado do trabalho, que se concretiza através das metas que o indivíduo estabelece e busca alcançar através do seu trabalho e da valorização atribuída aos resultados.

Dimensões	Conceitos
Centralidade do trabalho	O grau de importância atribuída ao trabalho frente às demais esferas da vida (família, religião,lazer e comunidade).
Normas sociais	Referem-se às características do trabalho que exprimem o balanço das obrigações individuais para a sociedade e vice-versa
Resultados e objetivos valorados	São as metas que os indivíduos esperam alcançar por intermédio do seu trabalho e na valorização atribuída aos resultados esperados

Figura 4.2. Dimensões do significado do trabalho segundo equipe MOW (1987)
Fonte: Borges e Yamamoto (2010)

Neste modelo, o significado do trabalho é influenciado pelos contextos organizacional, familiar e social que o indivíduo vivencia, ou seja, as experiências familiares, sociais e de trabalho impactam na forma como cada um atribui significado ao trabalho. Desta forma, temos um modelo que concebe o significado do trabalho como um construto psicológico multidimensional e dinâmico, formado pela interação de variáveis pessoais e ambientais (Dourado et al, 2009). As três dimensões de significado do trabalho são abordadas de forma sintética na Figura 4.2.

4.2 Método

Nesta seção apresentaremos o instrumento que foi utilizado para coleta de dados, bem como as adaptações necessárias em função do baixo nível de escolaridade da amostra investigada. Em um segundo momento, caracterizamos os participantes do estudo, apontando dados da amostra geral, bem como dos quatro segmentos da amostra comparados neste estudo. Em seguida, apresentaremos as especificidades relativas à coleta de dados e às análises estatísticas efetivadas.

4.2.1 Instrumento e procedimentos de coleta de dados

O instrumento que utilizamos para avaliar como os artesãos atribuem significado ao trabalho que realizam fundamenta-se no instrumento utilizado pela equipe MOW (1987). Utilizamos uma versão reduzida desta medida, traduzida e validada para realidade brasileira

por Soares (1992), que contempla as três dimensões previstas no modelo teórico: centralidade do trabalho, normas sociais relativas ao trabalho e resultados esperados.

Em relação à centralidade do trabalho, ela foi mensurada em sua forma absoluta, onde o artesão responde se a atividade artesanal é uma atividade de grande, média ou pouca importância na sua vida, a partir de uma escala tipo Likert de sete pontos. Também foi avaliada a centralidade relativa do trabalho, na qual a importância do trabalho é comparada à importância de outras esferas da vida do indivíduo, a saber: família, religião, lazer e comunidade. Para tal, os participantes foram convidados a distribuir um total de 100 pontos entre as cinco esferas, sabendo que às esferas mais importantes eles deveriam atribuir maior pontuação e àquelas de menor importância, deveriam conferir menor pontuação.

No instrumento de pesquisa utilizado, também foram avaliadas as normas sociais do trabalho, que dizem respeito aos direitos e deveres relativos ao trabalho. A questão é composta por oito itens, dos quais quatro são relativos às normas sociais orientadas para as obrigações e deveres do trabalhador e outros quatro abordam os direitos do trabalhador. Os itens que compõem direitos se referem às responsabilidades das organizações e da sociedade sobre todas as pessoas, no sentido que todos teriam direito a um trabalho significativo e interessante, a um treinamento adequado, a um treinamento adequado para iniciar o exercício da função e par dar continuidade, com qualidade ao serviço; o direito de participar nas decisões sobre métodos de trabalho e outros detalhes relacionados ao trabalho.

Por sua vez, os itens que compõem deveres se referem às obrigações de todos os indivíduos para com a sociedade referentes ao trabalho, e incluem a obrigação de todos trabalharem em prol da sociedade, obrigação de todos em garantir seu futuro e valorizar o trabalho de cada um, qualquer que seja a sua natureza. Os respondentes foram convidados a informar em que grau concordavam com as afirmação que lhes foram apresentadas, relativas a direitos e deveres do trabalhador, a partir de uma escala tipo Likert de sete pontos.

A dimensão relativa às funções ou resultados valorizados do trabalho é avaliada a partir da distribuição de 100 pontos entre sete variáveis que dizem respeito a grandes funções do trabalho, são elas: status e prestígio; renda obtida com o trabalho; ocupação do tempo; contato interpessoal; serviço social do trabalho; intrínseca ou auto-expressiva; auto-realização. Os 100 pontos deveriam ser distribuídos entre as sete funções, de forma que aquelas que o participante atribuísse maior pontuação para as funções mais relevantes para

ele. A análise da maneira como o artesão distribuiu os 100 pontos entre as funções revela os principais motivos que o levam a trabalhar.

Quanto ao procedimento de coleta de dados, podemos informar que a mesma se deu por meio de entrevista guiada por questionário (Rogelberg, Church, Waclawski, Stanton, 2004). Optamos por este procedimento devido ao baixo nível de escolaridade da amostra pesquisada, que impossibilitou a aplicação clássica de questionário. Outrossim, utilizamos escalas coloridas (vide apêndice 3) a fim de facilitar a compreensão dos níveis de concordância da escala Likert, conforme sugestão de Borges e Pinheiro (2002) de adaptação dos instrumentos de pesquisa para amostras de baixa escolaridade.

4.2.2 Participantes

No presente estudo delimitou-se como área abrangida o Cariri cearense, já que geograficamente a região do Cariri também incorpora áreas dos estados de Pernambuco e Paraíba. Tendo como objetivo analisar a atividade de trabalho de artesãos da região do Cariri, ampliamos a quantidade de cidades para além daquelas que compõem a Região Metropolitana do Cariri cearense (RMC).

A mesoregião territorial conhecida por Cariri cearense se situa no sul do estado e é composta por 32 municípios, divididos em 5 microrregiões, que representam 13% do território cearense (Araújo, 2006). Por sua vez, a Região Metropolitana do Cariri (RMC), conforme a Lei Complementar Estadual nº 79/2009 possui nove municípios, a saber: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.

A amostra investigada compreende 230 artesãos identificados através de listagem de artesãos fornecida pelo Centro de Artesanato do Ceará (Ceart), associações de artesãos, pontos comerciais de artesanato e contato estabelecido com a secretaria de cultura dos municípios investigados. Estes 230 artesãos foram distribuídos entre quatro *clusters* (estudo 03), em função dos níveis de inovação e visibilidade alcançados. O primeiro *cluster* é composto por 40 artesãos que apresentam média baixa em inovação e alta em visibilidade, estes artesãos são denominados tradicionais reconhecidos. O segundo *cluster* possui 126 artesãos, que apresentam médias baixas em inovação e em visibilidade, eles se chamam

artesãos tradicionais não-recinhecidos. Os artesãos do terceiro *cluster* (N=39) apresentam média alta em inovação e baixa em visibilidade e são denominados de referência cultural não-reconhecidos. Por fim, o quarto *cluster* possui 25 artesãos com médias altas em inovação e em visibilidade e se chamam artesãos de referência cultural reconhecido.

Tabela 4.1
Caracterização da amostra quanto aos dados demográficos

	Cluster 1	**Cluster 2**	**Cluster 3**	**Cluster 4**	**Total**
Sexo					
Masculino	21	22	11	14	68
Feminino	19	104	28	11	162
X^2 = 27,394 p=0,000					
Cidade em que reside					
Juazeiro do Norte	16	57	19	16	108
Crato	16	30	5	1	52
Barbalha	0	8	7	2	17
Caririaçu	2	14	1	2	19
Nova Olinda	0	2	2	1	5
Santana do Cariri	1	12	2	0	15
Várzea Alegre	5	0	3	3	11
Missão Velha	0	2	0	0	2
Potengi	0	1	0	0	1
X^2 = 49,695 p=0,002					
Escolaridade					
Não sabe ler, nem escrever	1	10	0	1	12
Alfabetizado	2	7	0	2	11
Ensino fundamental incompleto	8	49	5	9	71
Ensino fundamental completo	5	10	3	2	20
Ensino médio incompleto	7	8	5	2	22
Ensino médio completo	13	32	13	7	65
Ensino superior incompleto	0	5	6	1	12
Ensino superior completo	4	5	7	1	17
X^2 = 40,683 p=0,006					
Renda mensal com artesanato					
Menos de um salário mínimo	15	97	10	1	123
1 SM	11	6	5	4	26
> 1 e 2 SM	8	20	20	11	59
> 2 e 5 SM	6	3	4	6	19
> 5 e 10 SM	0	0	0	3	3
X^2 = 104,863 p=0,00					

A Tabela 4.1 apresenta dados da amostra geral e dos quatro sub-grupos delimitados, referentes à gênero, cidade de atuação destes profissionais, escolaridade e renda mensal adquirida com artesanato. A maior parte da nossa amostra é constituída por artesãs do sexo feminino (N = 162), compondo 70,4% contra 29,6% de artesãos do sexo masculino (N = 68). Os artesãos se distribuem de maneira relativamente uniforme entre os *clusters*, porém as artesãs se concentram principalmente no segundo *cluster*. Quanto à escolaridade, observamos que os participantes apresentam baixos níveis de escolaridade, sobretudo se comparamos com os estudos realizados entre trabalhadores do setor industrial (Silva & Bastos, 2011; Carvalho, Alves, Peixoto e Bastos, 2011; Rodrigues, 2011; Aguiar, 2012). A partir de um exame da amostra geral, percebemos que aproximadamente 41% dos participantes não concluíram o Ensino Fundamental.

A respeito do município onde o artesão vive e trabalha, identificamos que 77,9% da amostra total se concentram nas três principais cidades da região: Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, que são as cidades mais populosas e onde se concentram maior quantidade de artesãos. Quanto à renda adquirida com o artesanato, observamos ainda na Tabela 4.1 que apenas artesãos com altos níveis de inovação e visibilidade recebem mais de cinco salários mínimos com a atividade artesanal. Enquanto, a maioria dos artesãos que obtém menos de um salário mínimo com o artesanato (78,9%) encontra-se no segundo *cluster* (baixa inovação e visibilidade).

Tabela 4.2
Caracterização da amostra quanto idade, tempo de profissão e horas trabalhadas por dia

	Cluster 1	**Cluster 2**	**Cluster 3**	**Cluster 4**	**Total**	**F**	**p**
Idade	37,7(14,8)	43,4(16,8)	42,7(16,8)	42,5(15,4)	42,5(15,4)	1,9	,1
Tempo de trabalho	15,5(1,5)	22,7(16,5)	22,3(12,9)	30,1(13,8)	22,2(15,7)	4,8	,00
Horas/dia	8,1(2,1)	6(2,8)	6,4(3,4)	8,5(3)	6,7(2,9)	9,3	,00

Analisando apenas dados numéricos, comparamos as médias de idade, tempo de trabalho com artesanato e horas diárias trabalhadas pelos artesãos dos quatro clusters e da amostra total. A idade da amostra dos artesãos pesquisados varia entre 10 e 87 anos, sendo a idade média de 42,54 anos, com um desvio padrão de 15,46 anos. Observamos na Tabela 4.2 que o grupo mais jovem de artesãos e com menos tempo de profissão integram o primeiro *cluster*, enquanto o quarto *cluster* compreende os artesãos com maior média de tempo de

profissão. Quanto à média de horas diárias trabalhadas, identificamos que os artesãos dos clusters 02 e 03 apresentam as menores médias diárias de horas trabalhadas (respectivamente 6 e 6,4). Por sua vez, os artesãos dos clusters 01 e 04 possuem média de horas trabalhadas por dia superior a oito, portanto maiores que as médias observadas nos cluster 02 e 03.

4.2.3 Procedimentos de análise dos dados

A aplicação do questionário de significado do trabalho junto aos artesãos do Cariri cearense nos forneceu dados numéricos, que passaram por tratamentos estatísticos, conforme as características das variáveis analisadas. Para a tabulação e análise destes dados, foi utilizado o *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*).

A fim de caracterizar a amostra geral do estudo quanto às dimensões do significado do trabalho foram realizadas análises estatísticas descritivas, tais como média, moda, mediana, bem como medidas de dispersão. Para estabelecermos comparações entre as médias dos quatro segmentos da amostra investigada realizamos a análise de variância (ANOVA) e apresentamos os valores da razão F e da significância p.

4.3 Resultados e discussão

Os resultados apresentados a seguir possuem caráter basicamente descritivo, uma vez que não encontramos na literatura científica sobre significado do trabalho estudos com amostras de trabalhadores artesãos, que nos permitissem examinar possíveis relações existentes entre elas. A carência de dados sobre estes profissionais justifica a relevância do aspecto descritivo da apresentação dos dados. Os resultados se encontram estruturados entre as três grandes dimensões que definem o construto do significado do trabalho, conforme modelo teórico proposto pela equipe MOW (1987) e que, por sua vez, compreendem os objetivos específicos delineados para o quarto estudo desta tese.

O escopo do primeiro objetivos específico foi avaliar a centralidade do trabalho entre artesãos dos quatro perfis delineados. Desta forma, a dimensão centralidade do trabalho foi examinada de maneira global e também relativa a outras esferas da vida: família, lazer,

comunidade e religião. Considerando toda a amostra investigada, a média da importância global do trabalho na vida foi 6,46 (DP=0,888), muito elevada considerando o escore máximo de sete previsto pela escala utilizada.

Quando comparamos os quatro grupos de artesãos que se diferenciam quanto aos níveis de inovação e visibilidade alcançados não identificamos diferença entre a média dos quatro grupos, uma vez que o *cluster* 01 obteve média de 6,45 (DP=0,8), o *cluster* 02 obteve média de 6,49 (DP=0,8), o *cluster* 03 obteve média de 6,33 (DP=0,9) e o *cluster* 04 obteve média de 6,45 (DP=0,87), com F (199) = 0,262, p > 0,05. Ainda vale destacar a elevada importância atribuída ao trabalho pelos participantes, que é ratificada pelos escores que se aproximam à pontuação máxima.

A Figura 4.3 apresenta a média de importância do trabalho em relação a outras esferas da vida, para os quatro perfis de artesãos investigados.

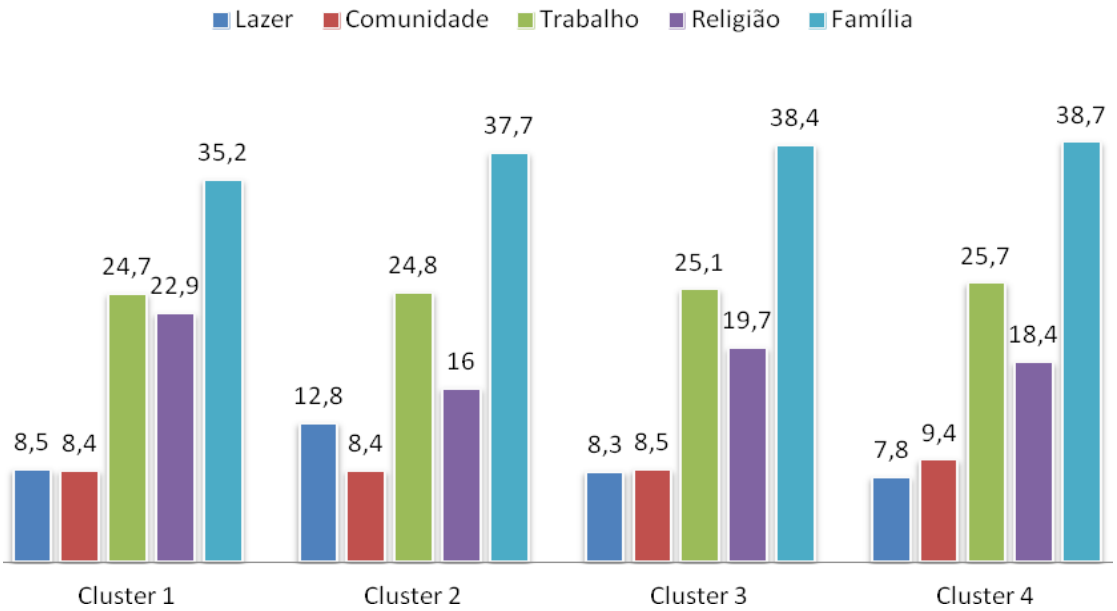


Figura 4.3. Comparação de médias de centralidade do trabalho para os quatro perfis artesanais investigados

Como podemos observar, a *família* constitui a esfera mais central para os quatro segmentos da amostra, seguida do *trabalho.* Assim, os dados relativos à ordem de importância atribuída a estas duas esferas pelo grupo de trabalhadores artesãos estão em consonância com os achados das pesquisas conduzidas pelo grupo MOW (1987) em diversos países e também com os resultados encontrados por pesquisas brasileiras sobre o significado do trabalho

(Soares, 1992; Bastos, Pinho & Costa, 1995; Siebra, 2000; Borges & Tamayo, 2001; Borges & Yamamoto, 2010; Bastos & Aguiar, no prelo).

Ainda, destacando a comparação entre as médias obtidas nas esferas trabalho e lazer, identificamos que artesãos com altos escores de inovação e visibilidade (*cluster* 04) apresentam maiores médias em trabalho que artesãos de baixas inovação e visibilidade (*cluster* 02), a estatística F (199)=0,4 e p=0,9. Por sua vez, no que diz respeito à esfera lazer, observamos o inverso, ou seja, os artesãos de baixa inovação e visibilidade (*cluster* 02) apresentaram média nesta esfera da vida, superior à média obtida pelos artesãos de alta inovação e visibilidade (*cluster* 04), com F (199)=2,9 e p=0,03.

Tais dados parecem fazer mais sentido, quando comparamos a média de horas diárias trabalhados por estes dois grupos. Os artesãos de referência cultura reconhecidos (*cluster* 04) se dedicam em média 2,5 horas diárias a mais ao trabalho artesanal que os artesãos tradicionais não reconhecidos (*cluster* 02) – apresentando F(229) = 9,318; p < 0,01 – o que pode ajudar a explicar a maior importância que o grupo de artesãos de alta visibilidade atribui ao trabalho e que, ao mesmo tempo, limita suas horas disponibilizadas ao lazer.

Apesar de os valores de p serem superiores a 0,05, o que indica que as diferenças entre as médias não são significativas (podem ter se dado ao acaso), optamos por, ainda assim, destacar as diferenças entre as médias dos quatro segmentos da amostra, pois compreendemos que o nível de significância é um dado estatístico fortemente influenciado pelo tamanho da amostra e seu valor acima do admitido estatisticamente pode ser um reflexo do número relativamente baixo de artesãos em cada um dos grupos analisados.

Em síntese, podemos dizer sobre o significado do trabalho que as quatro porções da amostra de artesãos analisadas (que variam quanto ao nível de inovação observado nos processos de trabalho e de visibilidade alcançado pelo objeto artesanal) se comportam de maneira bastante semelhante, quando avaliamos o trabalho isoladamente. No entanto, quando convocados a comparar o trabalho com outras áreas da vida, observamos diferenças entre as médias dos quatro grupos de artesãos nas esferas de trabalho, família, religião e lazer.

A fim de cumprir o segundo objetivo específico deste estudo, as <u>normas sociais do trabalho</u> foram avaliadas em relação aos direitos e deveres relativos ao trabalho. Inicialmente, sem estabelecer comparações entre segmentos da amostra investigada, examinamos a média da norma relativa a deveres de 5,84 (DP=0,95) e a média da norma relativa a direitos de 6,37

(DP=0,72). Desta forma, identificamos que os artesãos do Cariri cearense apresentaram uma adesão levemente superior às normas de direitos do que às normas de deveres, como podemos observar na Tabela 4.3, no entanto, vale ressaltar que em ambos os casos as médias são altas, bem próximas ao escore máximo (sete).

Tabela 4.3
Média dos itens que integram as normas de direitos e deveres sociais do trabalho

Variáveis (Itens)	Média (DP)
Toda pessoa deve ter direito a um trabalho interessante	6,53 (0,8)
Toda pessoa deveria ter o direito a um trabalho interessante e significante	6,54 (0,8)
Todos que desejassem deveriam ter um emprego	6,27 (1,1)
Os superiores devem pedir sugestões	6,18 (1,2)
Normas de direitos	**6,37 (0,72)**
O trabalhador deve valorizar qualquer trabalho	6,18 (1,2)
É dever de todo cidadão capacitado contribuir para a sociedade através do trabalho	6,13 (1,2)
Todo trabalhador deveria pensar na melhor forma de fazer o seu serviço	6,49 (0,8)
O trabalho monótono e simples é aceitável se o salário compensa	4,59 (2,2)
Normas de deveres	**5,84 (0,95)**

As maiores médias de direitos e deveres podem ser observadas no primeiro cluster de artesãos, enquanto as menores dizem respeito ao segundo cluster. Ainda, identificamos que os clusters 01 e 04 apresentam as maiores médias para as normas sociais de direitos e deveres do trabalho. O contrário ocorreu para os clusters 02 e 03 que obtiveram as menores médias para ambas as normas sociais do trabalho, conforme observamos na Tabela 4.4. Portanto, artesãos reconhecidos (alto nível de visibilidade) aderem mais às normas sociais do trabalho que os artesãos não reconhecidos (baixo nível de visibilidade) sejam eles tradicionais ou de referência cultural.

Tabela 4.4
Comparação de médias de normas sociais do trabalho entre os quatro perfis de artesãos analisados

	Cluster 1	**Cluster 2**	**Cluster 3**	**Cluster 4**	**Total**	**F**	**p**
Direitos	6,7 (0,5)	6,3 (0,7)	6,4 (0,7)	6,5 (0,7)	6,4 (0,7)	2,1	,1
Deveres	6,1 (0,8)	5,7(0,9)	5,8(0,9)	6,1 (1)	5,8 (0,9)	1,6	,2

Os resultados encontrados na amostra global, referente aos produtos valorizados do trabalho indicam a função do trabalho de manter o indivíduo ocupado, em atividade, como a função que obteve maior média (17,86), sendo superior até mesmo à média obtida pela função econômica do trabalho (16,73), que nos estudos realizados pela equipe MOW (1987) representam o aspecto do trabalho mais valorizado pelos indivíduos. Conforme dados econômicos da atividade artesanal no Cariri cearense apresentados no terceiro estudo desta tese, observamos que a renda adquirida pelos artesãos é, na maioria dos casos, inferior a um salário mínimo. Talvez este seja um provável motivo que explique o fato de a função econômica da atividade artesanal não ser valorizada em primeiro lugar pelos artesãos.

Adicionalmente, acreditamos que a alta média alcançada pela função "manter o trabalhador ocupado" seja um reflexo da falta de outra opção de atividade de trabalho. Assim, algumas pessoas veem no artesanato a possibilidade de uma atividade que lhes permite estar engajado em uma tarefa, do contrário teriam uma parte do dia ociosa. Mas, de fato, não é uma atividade valorizada pelo próprio trabalhador, que muitas vezes em seu discurso transmite a ideia de que o artesanato é simplesmente uma ocupação, que graças a uma movimentação turística frequente na região lhes permite, de certa forma, dar vazão aos objetos produzidos.

Os produtos do trabalho que obtiveram as médias mais baixas se referem à função de *status* (μ =10,24; DP=8,03) e à função social do trabalho (μ =9,74; DP=6,03). Há indícios de que os artesãos investigados não considerem a atividade que realizam como importante para a sociedade, diferentemente da amostra de trabalhadores da indústria cultural examinada por Bendassolli e Borges-Andrade (2011), para a qual o fator utilidade social apresentou a segunda maior média entre os fatores avaliados (ética no trabalho, autonomia no trabalho, qualidade nas relações no trabalho, expressividade e identificação no trabalho) e a maior carga fatorial, corroborando o valor social da arte e da cultura, como crítica e como enriquecimento do espírito. Além da média geral da amostra para os sete fatores que

compõem a dimensão denominada produtos valorizados do trabalho, a Tabela 4.5 também apresenta a média dos quatro grupos de artesãos analisados, para cada um destes fatores.

Tabela 4.5
Comparação de médias de resultados valorizados do trabalho entre os quatro perfis de artesãos analisados

	Cluster 1	**Cluster 2**	**Cluster 3**	**Cluster 4**	**Total**	**F**	**p**
Status	12,7(10,3)	9,7(7,7)	8,4(7,1)	14(7,4)	10,2(7,4)	3,2	,02
Rendimentos	18,1(13,7)	17,1(14,5)	13,8(17,6)	19,2(11,3)	16,8(11,3)	,81	,4
Ocupado	19,5(13,3)	18,1(12,7)	18,2(13,2)	14,5(10,5)	17,9(10,5)	,61	,61
Contatos	12,6(7,5)	15,7(8)	14,7(9,8)	15,1(7,2)	15,1(7,2)	,92	,4
Sociedade	8,8(5,6)	9,7(5,5)	10,3(7,7)	10(5,6)	9,8(5,6)	,32	,81
Interessante	10,8(5)	14,7(9,4)	14,1(16,3)	9,7(5,7)	13,6(5,7)	1,9	,13
Autorealização	15(10,4)	14,8(11,8)	20,5(22,9)	19,4(20,2)	16,5(20,2)	1,6	,18

Da mesma maneira que para a análise das dimensões de centralidade e normas sociais do trabalho, quando examinamos as diferenças entre médias dos fatores que compõem a dimensão resultados esperados para os quatro perfis de artesãos, observamos valores de $p>0,05$. Considerando que a significância estatística possui forte influência do tamanho da amostra, apontamos esta como uma fragilidade do quarto estudo que pode ser reparada com uma futura ampliação da amostra, sobretudo dos perfis de artesãos de referência cultural reconhecidos e não reconhecidos.

Ainda assim, destacamos algumas diferenças de médias entre os quatro segmentos amostrais investigados. Por exemplo, a função de *auto-realização* representa a variável com média mais elevada para os artesãos de referência cultural reconhecidos (μ=19,4) e não reconhecidos (μ=20,5). Para os artesãos tradicionais reconhecidos e não reconhecidos, a função de auto-realização representa respectivamente a quarta e terceira posição entre os resultados esperados ou valorizados do trabalho.

Já a função de manter o trabalhador *ocupado* é a variável com média mais elevada para os grupos de artesãos tradicionais reconhecidos (μ=19,5) e não reconhecidos (μ=18,1). Quando analisamos a posição para os dois outros grupos, identificamos que para os artesãos de referência cultural não reconhecidos ela representa a segunda função do trabalho mais

importante e para os artesãos de referência cultural reconhecidos, ela ocupa a quarta posição, ou seja, entre as variáveis que compõem a dimensão resultados esperados do trabalho, ela possui a quarta maior média. Desta forma, verificamos o destaque da função auto-realização para os artesãos inovadores com alta ou baixa visibilidade. Por outro lado, a função de manter o trabalhador ocupado se mostra central para os artesãos de uma forma geral, exceto para grupo de artesãos inovadores reconhecidos.

Quanto à função de *status* do trabalho, a média da amostra total de artesãos investigados é a segunda mais baixa. No entanto, quando observamos as diferenças entre médias dos grupos para esta variável, constatamos que os artesãos com alta visibilidade (artesãos tradicionais e de referência cultural reconhecidos) obtiveram médias mais elevadas que os artesãos com baixa visibilidade (artesãos tradicionais e de referência cultural não reconhecidos). Parece congruente que artesãos que obtém sucesso em comercializar seus objetos para além dos limites da região nordeste, atingindo o que denominamos nesta tese de visibilidade nacional e cosmopolita, percebam nela uma forma de alcançar status ou prestígio social, uma vez que são reconhecidos em um círculo bem mais amplo que o próprio município onde desenvolve a atividade artesanal.

4.4 Considerações Finais

As condutas individuais e coletivas dos indivíduos em contexto de trabalho são influenciadas pela maneira como eles atribuem significado ao trabalho (Salanova, Garcia e Peiró, 1996). Acredita-se, portanto, que haja relação entre importância atribuída ao trabalho e comportamentos adequados e/ou favoráveis neste contexto. Somado a isto, o conjunto de transformações recentes no mundo do trabalho faz do tema um importante objeto de estudo das pesquisas no domínio da psicologia organizacional e do trabalho. Oferecendo importante contribuição ao estudo deste tema, a equipe MOW (1987) o aborda como uma cognição social, elaborado na relação do indivíduo com o contexto, na qual estão envolvidos aspectos históricos, econômicos, políticos e culturais (Bendassolli & Gondim, 2014).

Desta forma, o presente estudo adotou o modelo teórico proposto pela equipe MOW (1987) para análise do significado do trabalho para artesãos da região do Cariri cearense. A

partir da realização de análises estatísticas descritivas examinamos o comportamento da amostra total da amostra total de artesãos investigados frente às três dimensões que integram o modelo de significado do trabalho da equipe MOW (1987). Adicionalmente, a partir da análise da razão F e da significância p, operamos a comparação das médias de quatro seções da amostra de artesãos, que se diferencia quanto ao nível de inovação e de visibilidade alcançado pelos artesãos.

Os resultados apresentados até aqui permitem configurar a profissão de artesão como marcada por uma atribuição de alta centralidade do trabalho, uma vez que a avaliação da importância absoluta do trabalho obteve uma média muito próxima do escore máximo da escala utilizada. Quando avaliado juntamente com outras áreas da vida, o *trabalho* assume a segunda posição de maior importância e a *família* assume a primeira posição em ordem de importância. Estes são achados comuns aos de outras amostras de trabalhadores investigadas (Bastos, Costa e Pinho, 1995; Siebra, 2000; Kubo, 2009; Bastos & Aguiar, no prelo). Diferente de outros estudos realizados sobre significado do trabalho, identificamos que para amostra em questão a *religião* aparece em terceiro lugar de importância com média consideravelmente superior às esferas *comunidade* e *lazer*. Este resultado possivelmente reflete a alta religiosidade da comunidade local.

Quando lançamos o olhar para as diferenças entre as médias dos quatro perfis de artesãos analisados, observamos que os artesãos do quarto *cluster* (altos escores de inovação e visibilidade) conferem maior importância ao trabalho que os outros três *clusters* avaliados, ou seja a maior média da esfera trabalho pertence ao *cluster* 04. No entanto, quando a esfera da vida analisada é o lazer, constatamos que dentre os quatro segmentos da amostra examinados, o segundo *cluster* (baixos escores em inovação e visibilidade) é o que apresenta maior média para esta esfera da vida.

O conjunto dos resultados também revela que, em relação às normas sociais, o trabalho exercido pelos artesãos da região do Cariri cearense se posiciona mais como um direito, mais que como um dever. Por sua vez, no que diz respeito aos motivos associados ao fato de trabalhar chamou a atenção algumas diferenças detectadas entre as médias dos artesãos pertencentes aos quatro clusters. Para os artesãos inovadores (artesãos de referência cultural reconhecidos ou não reconhecidos), a função de auto-realização do trabalho é a mais importante (a que apresenta maior média). Já para os artesãos pouco inovadores (artesãos tradicionais reconhecidos ou não reconhecidos) a função de manter o trabalhador ocupado é

aquela que apresenta maior média. Enquanto os artesãos considerados de alta inovação percebem no trabalho uma fonte de realização, como um caminho para se sentirem felizes, ou como uma maneira de alcançarem certo prestígio social perante seus pares e também seus consumidores; para os artesãos tradicionais, o trabalho artesanal assume a função de mantê-los ocupados, o que constitui para estes trabalhadores uma opção melhor que a ociosidade.

A função de *status* do trabalho também possui diferentes médias entre os clusters analisados. No entanto, percebemos que os artesãos reconhecidos (com altos escores em visibilidade) possuem maiores médias nesta variável, quando comparados aos artesãos não-reconhecidos (com baixos escores de visibilidade), que apresentam médias inferiores nesta variável. Assim, temos indícios de que as motivações para o trabalho de artesãos variam em função do nível de inovação e do nível de visibilidade por eles alcançados.

De modo conclusivo, consideramos que o tamanho da amostra, sem dúvida, foi um limite para poder elucidar as relações entre as dimensões do significado do trabalho examinadas quanto aos quatro segmentos da amostra de artesãos. Em alguns casos detectamos médias diferentes para as quatro amostras, no entanto o valor de $p>0,05$ indicou que a diferença não poderia ser considerada estatisticamente significativa. Desta maneira, ampliar a amostra de artesãos participantes vem a ser um dos principais desafios para pesquisas posteriores, o que nos permitiria examinar diferenças e semelhanças na maneira como artesãos dos quatro perfis, caracterizados no terceiro estudo desta tese, atribuem significado ao trabalho.

Referências

Aguiar, C. V. N. (2012). Conflito trabalho-família e comprometimento organizacional: um estudo com trabalhadores de diferentes segmentos produtivos. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia. 106f.

Andrade, S. P. C.; Tolfo, S. R.; Dellagnello, E. H. L. (2012). Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. *RAC*, Rio de Janeiro, 16(2): 200-216.

Bastos, A. V. B.; Aguiar, C. V. N. (no prelo). Centralidade do Trabalho e Conflito Trabalho-Família: comparando trabalhadores urbanos e rurais.

Bastos, A. V. B.; Pinho, A. P. M.; Costa, C. A. (1995). Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. *Revista de Administração de Empresas*, 35 (6), 20-29.

Bendassolli, P. F. (2009). *Psicologia e trabalho*. Apropriações e significados. São Paulo: Cengage Learning.

Bendassolli, P. F. & Borges-Andrade, J. E. (2015b). Escala do Trabalho com Sentimento (EST). In: Puente-Palacios, K.; Peixoto, A. L. A. (2015). *Ferramentas de diagnóstico para organizações e trabalho*. Um olhar a partir da psicologia. Porto Alegre: Artmed.

Bendassolli, P. F. & Borges-Andrade, J. E. (2015a). Meaning, Meaningfulness, and Tensions in Artistic Work. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 15(1): 71-81

Bendassolli, P. F. & Borges-Andrade, J. E. (2011). Significado do trabalho nas indústrias criativas. *Revista de Administração de Empresas* [online], 51 (2): 143-159.

Bendassolli, P.; Gondim,S. M. G. (2014). Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. *Avances en Psicología Latinoamericana*. Bogotá (Colombia). 32(1): 131-147.

Borges, L. O. (1999). A estrutura factorial dos atributos valorativos e descritivos do trabalho: um estudo empírico de aperfeiçoamento e validação de um questionário. *Estudos de Psicologia. Natal*, 4 (1): 107-139.

Borges, L. O. (1997). Os atributos e a medida do significado do trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13 (2), 211-221.

Borges, L. O. & Yamamoto, O. H. (2010). O significado do trabalho para psicólogos brasileiros. In: Bastos, A. V. B. & Gondim, S. M. G. (Orgs). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.

Borges, L. de O.; Pinheiro, J. Q. (2002). Estratégias de coleta de dados com trabalhadores de baixa escolaridade. *Estudos de Psicologia*, 7(número especial): 53-63.

Borges, L. O.; Tamayo, A. (2001). A estrutura cognitiva do trabalho. Revista Psicologia Organização e Trabalho, 1 (2): 11-44.

Borges, L. O.; Tamayo, A.; Alves-Filho, A. (2005). A. Significado do trabalho entre os profissionais de saúde. In: Borges, L. O. (Org.). *Os profissionais de saúde e seu trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 143-223.

Camus, A. (1942). Le mythe de Sisyphe. Paris: Gallimard. Collection: Les essais, XII. Édition augmentée, 69e édition. Édition électronique a été réalisée par Charles Bolduc. http://www.anthropomada.com/bibliotheque/CAMUS-Le-mythe-de-sisyphe.pdf.

Carvalho, P.; Alves, F. J. O.; Peixoto, A, L. A.; Bastos, A. V. B. (2011). Comprometimento afetivo, de continuação e entrincheiramento organizacional: estabelecendo limites conceituais e empíricos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13 (2): 127-141.

Coutinho, M. C. (2009). Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12 (2):189-202.

Dal Magro, M. L. P.; Coutinho, M. C. (2008). Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em empreendimentos solidários. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13 (4): 703-711.

Dourado, D. P.; Holanda, L. A.; Silva, M. M. M.; Bispo, D. A. (2009). Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. *CADERNOS EBAPE. BR*, 7 (2): 350-367.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Produto Interno Bruto dos Municípios 2012*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=23&search=ceara>. Acessado em: 28 março 2015.

Kubo, S. H. (2009). Significado do trabalho: estudo nos setores público e privado. *Dissertação de Mestrado*. Universidade de São Paulo: Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade.

Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 41(3), 8-19.

Morin, E. (1997). Le sens du travail pour des gestionnaires francophones. *Revue Psychologie du Travail et des Organisations*, 3(2/3): 26-45.

Meaning of Work International Research Team – MOW . (1987). *The meaning of working*. London: Academic Press.

Nobre, E. dos S. (2010). O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898). *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós Graduação em História – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Rodrigues, A. C. A. (2011). Trabalhador entrincheirado ou comprometido? Delimitação dos vínculos do indivíduo com a organização. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia. 197f.

Rogelberg, S. G.; Church, A. H.; Waclawski, J.; Stanton, J. M. (2004). Organizational Survey Research. In: Rogelberg, S. G. (2004). *Handbook of Research Methods in Industrial and Organizational Psychology*. Blackwell Publishing. Blackwell Reference Online. 09 May 2014 https://www-blackwellreference-com.frodon.univ-paris5.fr/subscriber/tocnode.html?id=g9781405127004_chunk_g97814051270049

Rosso, B., Dekas, K., & Wrzesniewski, A. (2010). On the meaning of work: a theoretical integration and review. Research in Organizational Behavior, 30, 91–127.

Siebra, L. M. G. (2000). Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores do setor turísticos no estado do Ceará. *Dissertação de Mestrado*. Universidade de São Paulo: Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade.

Silva, E. C.; Bastos, A. V. B. (2010). A Escala de Consentimento Organizacional: Construção e Evidências de sua Validade. *Revista Psicologia Organização e Trabalho*. 10 (1): 7-22.

Soares, C. R. V. (1992). Significado do trabalho: um estudo comparativo de categorias ocupacionais. *Dissertação de mestrado*. Universidade de Brasília.

Souza, R. M. B; Tolfo, S. R. (2009). Significados atribuídos ao trabalho em condições precárias: Um estudo com feirantes do Largo da Ordem de Curitiba-PR. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, XV, Maceió. *Anais eletrônicos. ABRAPSO*. Acesso em 15/08/2011.

Tolfo, S. R. (2014). Significados e sentidos do trabalho. In: Bendassolli, P. F.; Borges Andrade, J. E. (2014). Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações. São Paulo: Casa do psicólogo.

Tolfo, S. R.; Coutinho, M. C.; Almeida, A. R.; Baarch, D.; Cugnier, J. S. (2005). Revisitando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho. In: Forum Criteos, 2005, Porto Alegre. *Anais do Forum Criteos*. Porto Alegre.

Tolfo, S. R.; Piccinini, V. (2007). Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19 (n. especial): 38-46.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese de doutorado apresentada é composta por quatro estudos, que possuem em comum a atividade artesanal como objeto de estudo e que se articulam por analisarem práticas (estudo 03) e significados (estudo 04) do trabalho artesanal, a partir de abordagens teóricas interdisciplinares sobre o tema (estudo 01) e de características históricas peculiares à atividade artesanal no Cariri cearense (estudo 02). Os estudos registrados, sobretudo o terceiro e quarto, refletem a fragilidade teórica sobre o objeto de estudo no domínio da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT). Desta maneira, o caráter descritivo e exploratório desta tese é reflexo da ausência de tradição de pesquisas e estudos nos grandes temas abordados pela área de POT, que tenham como público alvo os trabalhadores artesãos, a exemplo do significado do trabalho.

As análises dos artigos ciéntíficos brasileiros e franceses sobre artesanato, realisadas no estudo 1, indicam a posição ocupada pelo artesanato em cada país. No Brasil, por exemplo, o artesanato assume o papel de ser fonte de trabalho e renda para uma população, na maioria das vezes rural e sem as qualificações educacionais e profissionais solicitadas pelo contexto urbano, onde grande parte deste contingente é formada por mulheres, que dividem as atividades de cuidados do lar com a atividade artesanal. Desta forma, deparamos com textos que abordam o artesanato relacionado a questões de gênero (Albuquerque & Menezes, 2007; Torres, 2007). Quando lançamos o olhar à produção científica francesa, percebemos que a relação entre gênero e produção artesanal não é uma questão de pesquisa frequente e mesmo

quando abordada em periódicos científicos francófonos, na verdade tratam da atividade artesanal praticada em outro país.

Ainda sobre os estudos brasileiros, identificamos neles uma tendência em promover associação entre aspectos do *design* ao artesanato, que acaba se traduzindo nas possíveis relações entre moderno e tradicional (Sapiezinskas, 2012). Estes estudos foram, talvez, influenciados por algumas ações de organizações de fomento ao artesanato que propõem intervenções no sentido de tornar o artesanato local em um objeto que apresente características que o faça pertencer ao grupo de objetos consumidos pelos turistas. Assim, aquele que possui o discurso de procurar algo que lembre uma visita realizada a uma determinada cultura local, só o adquire por suas características universais e aquele que produz e comercializa se respaldando no discurso de valorização e preservação da cultura local, na verdade produz objetos com características universais.

Enquanto na França, os estudos científicos buscam identificar e compreender as modificações pelas quais a função exercida pelos artesãos vem passando, como a ampliação das atividades gerenciais do profissional que era principalmente um homem do métier (Paradas & Polge, 2010; Jorda, 2006). Desta forma, observamos artigos que buscam compreender estas transformações, reforçando a importância das empresas artesanais para a nação (Cognie & Aballéa, 2010; Foucard & Polge2006, Boldrini et al, 2011), destacando aspectos históricos das mesmas (Kizaba, 2006; Jorda, 2006) e analisando fatores pessoais, relativos ao chefe da empresa (Rivet, 2007), gerenciais ou ambientais envolvidos no processo de transformação.

Por sua vez, os textos em sociologia falam da complexa relação entre arte e métier, seja partindo da analise de duas profissões, como fez Perrenoud (2008a, 2012), ou através de um estudo extensivo, como proposto por Jourdain (2012, 2014) que cria quatro tipologias de artesãos, a partir do nível do reconhecimento do artesão (baixo ou alto) e se ele se aproxima mais do registro artístico ou do métier. Também Bajard (2012) analisando a identidade profissional dos artesãos ceramistas, busca identificar qual destes dois terrenos possui maior influencia na identidade profissional destes artesãos.

Apesar dos acadêmicos franceses reclamarem a necessidade de ampliação dos estudos sobre artesanato, é inegável também a superioridade quantitativa dos estudos franceses quando comparados aos estudos brasileiros. Além de uma maior tradição científica francesa,

observamos também que a relação estabelecida entre universidade e artesanato é bastante frutífera para a produção científica na área. Esta relação que pode ser caracterizada pela longa duração de tempo e que é observada em diversas regiões francesas, também ocorre no Brasil, no entanto, tais ações estão longe de abranger toda faixa territorial brasileira.

Quando nos aproximamos do contexto no qual estão inseridos os artesãos-sujeitos desta pesquisa e investigamos elementos históricos da atividade de trabalho artesanal no Cariri cearense, percebemos como a experiência de uma período áureo do artesanato, sucedida de políticas governamentais e de mudanças sociais que fragilizam a atividade artesanal da região, permite-nos compreender a realidade atual como complexa e até mesmo paradoxal, bem como compreender a coexistência de diferentes perfis de artesãos, detectada no terceiro estudo desta tese.

Além de apresentar quatro perfis de artesãos que se distiguem quanto ao nível de visibilidade e inovação alcançados, o estudo 03 também caracteriza estes trabalhadores quanto a aspectos demográficos, sociais, profissionais e econômicos. Ainda, apresenta dados sobre a organização do trabalho artesanal na região e as diferenças entre artesãos do sexo feminino e masculino relativas a quantidade de tempo disponibilizado ao trabalho e ao local onde exerce a atividade.

Quanto à organização do trabalho e aos aspectos econômicos do artesanato, podemos concluir que o artesão da região do Cariri cearense se dedica ao artesanato, em média, há 22,18 anos e adota a própria residência é o principal local de trabalho. Em relação à renda adquirida por estes trabalhadores, pouco mais da metade da amostra não chega a ganhar um salário mínimo através do trabalho artesanal. Apesar da evidente dificuldade econômica enfrentada pelos artesãos, o artesanato ainda é para a maioria dos trabalhadores a única atividade produtiva e para aqueles que exercem outra atividade, a renda obtida através do artesanato se caracteriza como renda principal.

No que tange às possíveis diferenças entre artesãos e artesãs, quanto à organização do trabalho, pudemos perceber que a média de horas trabalhadas pelos homens é maior que a média de horas trabalhadas pelas mulheres. Outrossim, enquanto que em geral os artesãos do sexo masculino trabalham na oficina ou associação (63,2%), a maior parte das artesãs do sexo feminino (77,8%) realizam a atividade de trabalho no próprio domicílio.

Como consequência do cumprimento do últibo objetivo espcífico do terceiro estudo, temos a produção de um modelo de análise do trabalho artesanal fundamentado em duas dimensões (inovação e visibilidade) capazes de revitalizar economicamente o artesanato em período histórico denominado pós-industrial. Em relação ao nível de visibilidade e de inovação alcançado pela amostra estudada, os resultados indicaram que 54,8% da amostra se concentra, de fato, no segundo cluster, onde estão os artesãos que alcançaram baixos escores de inovação e visibilidade e são denominados artesãos tradicionais não-reconhecidos. O segundo perfil com maior quantidade de artesãos é aquele dos artesãos tradicionais-reconhecidos (N=40), seguido dos artesãos de referência cultural não reconhecidos (N=39) e, por último, o perfil com menor quantidade de artesãos representa o quarto *cluster* e diz respeito aos artesãos de referência cultural – não reconhecidos (N=25).

O quarto e último estudo se apropria da caracterização dos artesãos quanto ao nível de inovação e visibilidade alcançados, aplicada no terceiro estudo e estabele comparações entre artesãos dos quatro *clusters* identificados, no que diz respeito à maneira como eles atribuem significado ao trabalho artesanal. Os resultados encontrados no estudo 04 permitem configurar a profissão de artesão como marcada por uma atribuição de alta centralidade do trabalho. Outrossim, quando avaliado juntamente com outras áreas da vida, o *trabalho* assume a segunda posição de maior importância e a *família* assume a primeira posição em ordem de importância. Para amostra em questão a *religião* aparece em terceiro lugar de importância com média consideravelmente superior às esferas *comunidade* e *lazer*. Este resultado possivelmente reflete a alta religiosidade da comunidade local. Quando lançamos o olhar para as diferenças entre as médias dos artesãos dos quatro segmentos da amostra investigados, observamos que os artesãos de referência cultural reconhecidos conferem maior importância ao trabalho que os artesãos tradicionais não reconhecidos, no entanto, identificamos uma relação oposta a esta, quando a esfera da vida analisada é o lazer.

Para os artesãos inovadores (artesãos de referência cultural reconhecidos ou não reconhecidos), a função de auto-realização do trabalho é a mais importante (a que apresenta maior média). Já para os artesãos pouco inovadores (artesãos tradicionais reconhecidos ou não reconhecidos) a função de manter o trabalhador ocupado é aquela que apresenta maior média. Enquanto os artesãos considerados de alta inovação percebem no trabalho uma fonte de realização, como um caminho para se sentirem felizes, ou como uma maneira de alcançarem certo prestígio social perante seus pares e também seus consumidores; para os artesãos

tradicionais, o trabalho artesanal assume a função de mantê-los ocupados, o que constitui para estes trabalhadores uma opção para evitar a ociosidade.

A função de *status* do trabalho também possui diferentes médias para os clusters analisados. No entanto, percebemos que os artesãos reconhecidos (com altos escores em visibilidade) possuem maiores médias nesta variável, quando comparados aos artesãos não-reconhecidos (com baixos escores de visibilidade), que apresentam médias inferiores nesta variável. Assim, temos indícios de que as motivações para o trabalho de artesãos variam em função do nível de inovação e do nível de visibilidade por eles alcançados.

De forma conclusiva, apontamos como fragilidade desta teste e particularmente dos estudos 03 e 04 o tamanho da amostra, que limitou as análises comparativas entre os perfis de artesãos detectados, uma vez que a pequena quantidade de representantes em alguns perfis impossibilita a realização de análises estatísticas significativas com $p<0,05$. Desta maneira, ampliar a amostra de artesãos participantes vem a ser um dos principais desafios para pesquisas posteriores, o que nos permitiria examinar diferenças e semelhanças na maneira como artesãos dos quatro perfis, caracterizados no terceiro estudo desta tese, atribuem significado ao trabalho, a partir de possíveis diferenças significativas entre as médias dos grupos.

Por outro lado, vale destacar que contactamos 230 artesãos de maneira individualizada. Algumas vezes através de visitas a oficinas e associações, mas em outras a partir de idas às residências dos artesãos. Ou seja, não se tratou de um questionário aplicado via internet, ou de aplicação coletiva, mas de uma aplicação em formato de entrevista, por causa à baixa escolaridade de grande parte da amostra. Devido os fatores acima mencionados, caracterizamos a coleta de dados realisada como um trabalho de campo de grande volume e também como um aspecto positivo desta pesquisa a ser destacado.

Também identificamos que há variáveis e relações entre variáveis a serem exploradas, assim propomos como agenda de pesquisa: 1) examinar se há relação entre o alto nível de visibilidade alcançado pelo artesão e a renda que ele obtém com a atividade de trabalho artesanal; 2) aprofundar o conhecimento sobre o grupo minoritário que obteve altos escores em inovação; 3) examinar os fatores que corroboraram para o alto nível de inovação de um grupo de artesãos; 4) identificar características da carreira profissional que aproximem e/ou distanciem artesãos de diferentes perfis; 5) analisar as semelhanças e diferenças nas redes de

apoio estabelecidas por artesãos pertencentes aos quatro perfis propostos; 6) realizar estudo de cunho qualitativo com artesãos representantes dos quatro perfis identificados. Assumindo que há possibilidade de que um artesão passe de um perfil para outro, a partir de mudanças nos seus escores de inovação e visibilidade, propomos ainda 7) examinar a amostra de forma longitudinal, quanto aos níveis de inovação e visibilidade alcançado pelos artesãos, a fim de verificar o caráter dinâmico dos quadrantes delineados no terceiro estudo.

Lançar o olhar sobre os quatro estudos que compõem esta tese de uma maneira unificada nos permite identificar as bases de um modelo de análise do trabalho artesanal que leva em consideração a dimensão do contexto, a dimensão das práticas de trabalho em si, quanto a seu caráter inovador e propiciador de visibilidade e um dimensão sibjetiva, que diz respeito a como os artesãos concebem o trabalho que realisam. Podemos concluir afirmando que o mundo do trabalho artesanal na região do Cariri cearense constitui um contexto laboral extremamente rico em elementos econômicos, socioculturais e psicossociais que merecem maior investimento em pesquisas que busquem compreender a sua dinâmica de inserção em um mundo cada vez mais globalizado. O presente estudo abre, portanto, perspectivas de análise que devem ser aprofundadas e expandidas tanto incorporando mais atores/artesãos, como empregando diferentes estratégias metodológicas para capturar diferentes facetas do complexo universo que caracteriza o trabalho artesanal na região.

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO ESTUDO 3

Pesquisador:_____Data: ____/____/_____

Nome do artesão:_____Bairro:_____

I – IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

1. Qual o seu sexo?
( ) 1. Masculino ( ) 2. Feminino

2. Qual a sua idade? _____

3. Cidade em que reside? _____

4. Qual o seu estado civil?
( ) 1. Solteiro (a) ( ) 2. Casado (a)
( ) 3. União Estável ( ) 4. Separado (a)
( ) 5. Divorciado (a) ( ) 6. Viúvo (a)

5. Qual a sua doutrina religiosa?
( ) 1. Católica ( ) 2. Evangélica
( ) 3. Espírita ( ) 4. Umbanda
( ) 5. Candomblé ( ) 6. Sem doutrina, mas crê em Deus ( ) 7. Ateu
( ) 77. Outro. _____

6. Qual o seu município de nascimento?
( ) 1. Juazeiro do Norte ( ) 2. Crato
( ) 3. Barbalha ( ) 4. Missão Velha
( ) 5. Jardim ( ) 6. Caririaçu
( ) 7. Santana do Cariri ( ) 8. Nova Olinda
( ) 9. Farias Brito
( ) 77 Outro _____

7. Qual a sua escolaridade?
( ) 1. Não sabe ler, nem escrever
( ) 2. Alfabetizado
( ) 3. Ensino fundamental incompleto
( ) 4. Ensino fundamental completo
( ) 5. Ensino médio incompleto
( ) 6. Ensino médio completo
( ) 7. Ensino superior incompleto
( ) 8. Ensino superior completo

II – CONDIÇÕES PROFISSIONAIS E ECONÔMICAS

8. Com que idade começou a trabalhar com artesanato?_____

9. Como você aprendeu seu oficio artesanal? (Escolha a principal fonte)
( ) 1. Com a família
( ) 2. Com pessoas da comunidade
( ) 3. Através de cursos e capacitações
( ) 4. Esforço particular/autodidatismo
( ) 77. Outros. _____

10. Qual a tipologia do artesanato que você trabalha? (Escolha a principal)
( ) 1. Alimentos ( ) 2. Cerâmica
( ) 3. Cestarias e trançados ( ) 4. Couro
( ) 5. Madeira ( ) 6. Metal
( ) 7. Pedras ( ) 8. Reciclados
( ) 9. Rendas e bordados ( ) 10. Tecelagem

11. Na tipologia assinalada, o que você produz?
_____
_____

12. Há outras pessoas da sua família que são artesãos ou artesãs?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim

13. **Caso a resposta seja SIM à pergunta 12,** qual a relação parental?
_____

14. Quantos membros da sua família estão envolvidos em sua atividade de artesanato?____

15. Qual seu grau de parentesco com eles?
_____

16. O seu empreendimento de artesanato é formalizado? ( ) 0. Não ( ) 1. Sim

17. Possui registro em alguma associação de artesãos? ( ) 0. Não ( ) 1. Sim

18. Além do artesanato, alguma atividade de trabalho proporciona renda para você?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim

19. **Caso a resposta seja SIM à pergunta 18,** qual a atividade de trabalho realizada?
_____

20. O Artesanato é a sua principal fonte de renda?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim

21. Qual a sua renda mensal proveniente do artesanato?
( ) 1. Menos de um S.M ( ) 2. 1 S.M
( ) 3. Entre 1 e 2 S.M ( ) 4. Entre 2 e 5 S.M
( ) 5. Entre 5 e 10 S.M ( ) 6. Mais de 10 S.M

O que mudou no seu trabalho desde que você iniciou suas atividades profissionais?_____
_____

III – ACESSO À MATÉRIA-PRIMA

22. O tipo de matéria-prima que você utiliza mudou desde que começou a trabalhar com artesanato?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim _____
_____

23. A matéria-prima que você utiliza na produção artesanal passou por alguma adaptação ou transformação desde que você começou a trabalhar com artesanato?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim_____
_____

24. Como você adquire esta matéria-prima?
( ) 1. Comprando
( ) 2. Recolhendo na vizinhança
( ) 3. Extraindo da natureza
( ) 4. Coletando da natureza
( ) 5. Recebendo doações
( ) 6. Produzindo em casa
( ) 77. Outro. _____

25. Houve mudanças no modo de aquisição da matéria-prima?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim_____
_____

26. Aonde você adquire com mais freqüência esta matéria-prima?
( ) 1. No bairro onde vive
( ) 2. No município onde vive
( ) 3. Em outro município

IV – PRODUÇÃO

27. Em média, dedica quantas horas por dia ao trabalho artesanal?_____

28. Recebe ajuda de outras pessoas no processo de produção artesanal?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim

29. Quantas pessoas?_____

30. Que tipo de vínculo possui com essas pessoas?
( ) 1. Familiar ( ) 2. Amizade
( ) 3. Empregatício

31. Houve mudanças em relação a receber ajuda de outras pessoas no processo de produção artesanal?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim_____
_____

32. Qual o local do seu trabalho com artesanato?
( ) 1. Casa ( ) 2. Associação
( ) 3. Cooperativa ( ) 4. Oficina
( ) 77. Outro. _____

33. De quem é a propriedade dos equipamentos de produção?
( ) 1. Individual (do entrevistado)
( ) 2. Associados/Cooperados
( ) 3. Família
( ) 4. Terceiro (alugado/cedido)
( ) 77. Outro. _____

34. Os equipamentos utilizados atualmente na produção artesanal são os mesmos utilizados desde o início de sua atividade?( ) 0. Não ( ) 1. Sim
_____

35. Houve alteração na técnica de produção artesanal? ( ) 0. Não( ) 1. Sim
_____

36. Você imprimiu mudanças de estilo em relação ao objeto produzido?( ) 0. Não ( ) 1. Sim
_____

37. Houve mudanças em relação ao(s) tipo(s) de objeto(s) produzido(s)?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim_____
_____

38. Qual fator, listado abaixo, exerce maior influencia na criação do seu trabalho artesanal?
( ) 1. Religião ( ) 2. Política e Economia
( ) 3. Cotidiano ( ) 4. Meio ambiente
( ) 5. Manifestações populares
( ) 77. Outro. _____

V – COMERCIALIZAÇÃO

39. Quem é responsável pela comercialização do objeto artesanal?
1. ( ) O próprio artesão 2. ( ) Amigo(s)
3. ( ) Algum membro da família
4. ( ) Associação 5. ( ) Atravessador

40. Houve mudança em relação a quem comercializava o objeto artesanal?
( ) 0. Não ( ) 1. Sim
_____

41. Aonde é realizada a venda do objeto artesanal?
( ) 1. Em casa
( ) 2. Em ponto comercial no município onde vive
( ) 3 Em ponto comercial na região do Cariri
( ) 4. Em ponto comercial em Fortaleza
( ) 5. Em ponto comercial de outras capitais do Nordeste
( ) 6. Em ponto comercial de outras regiões do Brasil
( ) 7. Em ponto comercial de outros países
( ) 8. Pela internet
( ) 77. Outro. _____

42. Houve mudança em relação ao local de venda do artesanato? ( ) 0. Não ( ) 1. Sim
_____

43. Quais as formas de pagamentos?
( ) 1. Dinheiro
( ) 2. Cheque
( ) 3. Cartão de crédito
( ) 4. Fiado
( ) 77. Outra. Qual? _____

44. Houve mudança em relação à forma de pagamento? ( ) 0. Não ( ) 1. Sim
_____

45. Qual o mês do ano com maior quantidade de venda do objeto artesanal?
( ) 1º _____
( ) 2º _____
( ) 3º. _____
( ) 13. O ano inteiro (sem diferença entre meses)

46. A que se atribui a maior demanda neste mês?
_____

47. Suas peças já foram exibidas em museus e/ou exposições? ( ) 0. Não ( ) 1. Sim

48. **Caso a resposta seja SIM à pergunta 48,** aonde as peças foram expostas?
1. ( ) no Cariri 2. ( ) em Fortaleza
3. ( ) em outra capital do Nordeste
4. ( ) em outra região do Brasil
5. ( ) em outros países

APÊNDICE II – ESCALA DE SIGNIFICADO DO TRABALHO

Trata-se de uma série de questões relacionadas ao **TRABALHO**: sobre o que o trabalho, de maneira geral, significa para você e sobre sua situação atual de trabalho. Por favor, assinale com um "X" o número correspondente à sua resposta ou complete os espaços em branco quando for o caso.

A seguir você responderá algumas questões sobre você, sobre sua família e sobre seu TRABALHO ATUAL

01. Nesta parte do questionário, lhe apresentaremos uma palavra. Queremos que você fale livremente tudo o que esta palavra faz você lembrar (idéias, sentimentos, pensamentos, outras palavras). Não existem respostas certas. Isso não é um teste. Tudo que você disser é importante para a nossa pesquisa porque revela, exatamente, o que você pensa.

A palavra é: TRABALHO. O que ela significa para você? Fale tudo que lhe vier ao pensamento.

1._____

2._____

3._____

4._____

5._____

Para as próximas questões, gostaríamos que você pensasse sobre o que o TRABALHO significa para você. Estamos interessados em conhecer quais as suas crenças e valores a respeito do trabalho de forma geral, o que você acredita que o trabalho representa para sua vida.

02. Responda assinalando um dos números abaixo, quão importante e significativo é o trabalho em sua vida global?

1 ☐ 2 ☐	3 ☐ 4 ☐ 5 ☐	6 ☐ 7 ☐ →
Uma das coisas menos importantes na minha vida	**De média importância na minha vida**	**Uma das coisas mais importantes na minha vida**

03. Agora avalie a importância de cada uma dessas áreas para você, distribuindo entre elas pontos de 0 a 100 (a soma deve dar 100 pontos). Quanto mais importante for uma área para você, mais pontos você deve dar a ela.

PONTOS

a) _____ Meu lazer (diversão, passatempos, ocupações culturais, esportes, recreação, contato com amigos)

b) _____ Minha comunidade (atividades em associações de classe, de moradores, organizações voluntárias, sindicatos, organizações políticas)

c) _____ Meu trabalho

d) _____ Minha religião (atividades e crenças religiosas)

e) _____ Minha família

TOTAL = 1 0 0 pontos

04. Distribua também um total de 100 pontos pelas afirmações abaixo, para explicar o que o TRABALHO SIGNIFICA PARA VOCÊ:

PONTOS

a. _____ O trabalho dá a você status e prestígio

b. _____ O trabalho fornece a você rendimentos necessários

c. _____ O trabalho mantém você ocupado (em atividade)

d. _____ O trabalho permite a você ter contatos com outras pessoas

e. _____ O trabalho é um modo útil de servir à sociedade

f. _____ O trabalho em si é, basicamente, interessante

g. _____ O trabalho lhe proporciona auto-realização.

TOTAL = 1 0 0 pontos

05. Apresentamos abaixo uma lista de afirmativas que representam possíveis sentimentos ou pontos de vista em relação ao trabalho de forma geral. Lembre-se de que não estamos nos referindo especificamente ao seu trabalho atual. Gostaríamos que você julgasse cada uma das afirmativas, utilizando os códigos da tabela abaixo no quadrinho ao lado de cada frase:

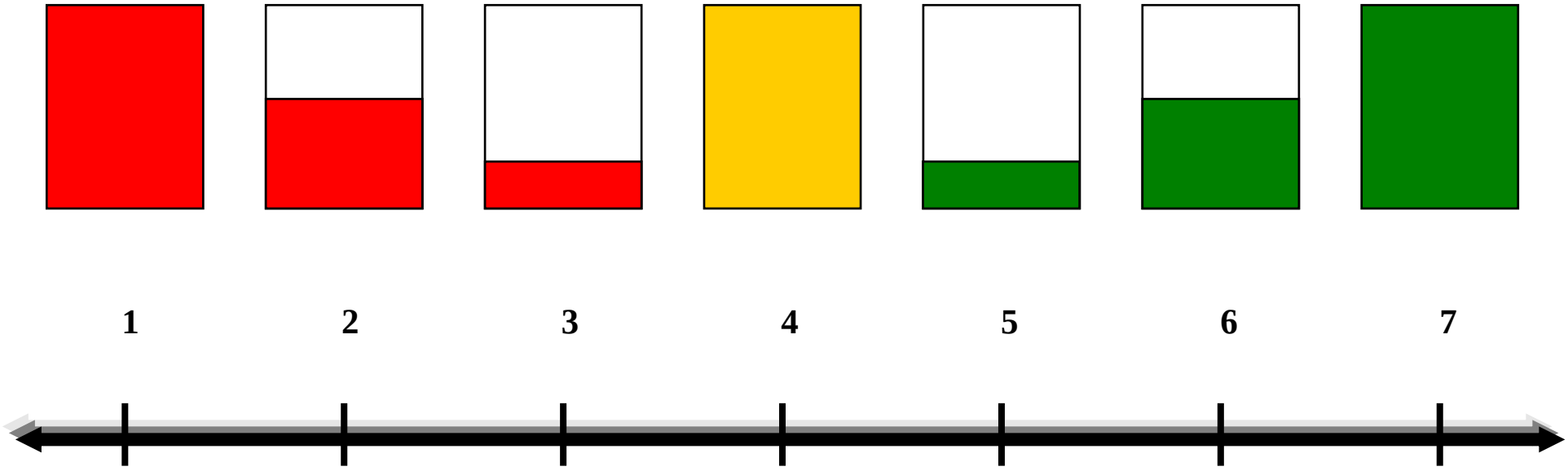
1 – Discordo plenamente	**4 - Não discordo, nem concordo**	**5 – Concordo**
2 - Discordo muito		**6 – Concordo muito**
3 – Discordo		**7 - Concordo plenamente**

Toda pessoa deve ter direito a um trabalho interessante.	
O trabalhador deve valorizar qualquer trabalho.	
É dever de todo cidadão capacitado contribuir para a sociedade através do trabalho	
Todo trabalhador deveria pensar na melhor forma de fazer o seu serviço	
Toda pessoa deveria ter o direito a um trabalho interessante e significante	
Todos que desejassem deveriam ter um emprego.	
O trabalho monótono e simples é aceitável se o salário compensa.	
Os superiores devem pedir sugestões.	

06. Pensando em seu trabalho atual, gostaríamos que você avaliasse as situações abaixo, o quanto estão próximas ou distantes da sua realidade de trabalho. Quanto menor o número marcado, mais distante do que você considera que seja sua realidade do trabalho. Quanto maior o número mais próximo da sua situação real de trabalho.

Frases	**Trabalho Real**
1. O trabalho permite contato entre as pessoas	1 2 3 4 5 6 7
2. O trabalho me permite ser independente, porque assumo minhas despesas.	1 2 3 4 5 6 7
3. Com o meu trabalho sinto que sou reconhecido pelas pessoas	1 2 3 4 5 6 7
4. Trabalhando, penso quanto os outros vão se beneficiar dos resultados do meu trabalho.	1 2 3 4 5 6 7
5. O resultado do meu trabalho me torna uma pessoa digna.	1 2 3 4 5 6 7
6. O trabalho é um meio de crescimento pessoal na vida.	1 2 3 4 5 6 7
7. O meu trabalho é o meu sustento e de minha família	1 2 3 4 5 6 7
8. O trabalho é um meio de realização pessoal	1 2 3 4 5 6 7
9. O trabalho me faz sentir útil	1 2 3 4 5 6 7
10. O trabalho favorece o meu crescimento profissional	1 2 3 4 5 6 7
11. O trabalho me deixa cansado	1 2 3 4 5 6 7
12. Trabalho é dedicação	1 2 3 4 5 6 7
13. O trabalho me mantém ocupado, em atividade	1 2 3 4 5 6 7
14. O trabalho contribui para com a sociedade/país	1 2 3 4 5 6 7
15. Através do trabalho faço amigos	1 2 3 4 5 6 7
16. O trabalho é minha sobrevivência	1 2 3 4 5 6 7
17. Trabalho é desgaste	1 2 3 4 5 6 7
18. O trabalho favorece a elevação da autoestima	1 2 3 4 5 6 7
19. O trabalho me permite fazer o que gosto	1 2 3 4 5 6 7
20. Sinto-me orgulhoso com meu trabalho	1 2 3 4 5 6 7
21. Trabalhando tenho mais qualidade de vida	1 2 3 4 5 6 7
22. O meu trabalho proporciona segurança proteção social	1 2 3 4 5 6 7
23. Trabalhando sinto prazer, felicidade	1 2 3 4 5 6 7
24. Trabalhando alcanço meus objetivos	1 2 3 4 5 6 7
25. A minha remuneração é suficiente e de acordo com o que eu faço	1 2 3 4 5 6 7
26. Sinto-me responsável com o meu trabalho	1 2 3 4 5 6 7
27. Trabalhar é cumprir deveres/obrigações	1 2 3 4 5 6 7
28. Trabalhando sinto-me produtivo	1 2 3 4 5 6 7
29. O trabalho exige esforço	1 2 3 4 5 6 7
30. O trabalho me faz sentir importante	1 2 3 4 5 6 7

ESCALA COLORIDA



1	2	3	4	5	6	7
Discordo muito	**Discordo mais ou menos**	**Discordo pouco**	**Nem concordo, nem discordo**	**Concordo pouco**	**Concordo mais ou menos**	**Concordo muito**